FUNDADOR — JOAQUIM MANSO SÁBADO, 3 DE JANEIRO DE 1959 ANO 39.º — NÚMERO 12 956

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEF.: 20271. 20272, 20273, 21154 e 21155 REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA EDITOR — J. CHRISÓSTOMO DE SA
ENDEREÇO TELEGRAFICO: D I B O A RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

Tristeza nossa

Quando somos velhos, os episódios e figuras da infancia e da adolescência impõem-se-nos involuntáriamente á memória, com singular e aguda nitidez. E' um fenómeno conhecido, aliás. Apagam mesmo, muitas vezes, a lembrança de outros mais recentes. Assim, há dias, tentando fazer o balanço do ano transacto — segundo meu hábito de longe vindo, e que me atrevo a chamar «tomar a altura» nesta navegação da vida — ressuscitei sem querer imagens e acontecimentos dos meus tempos d'outrora. Lá se foi o balanço dos ultimos doze meses, balanço aliás nada consolador, embora necessário á visão e compreensão, mais ou menos exactas, do mundo contemporaneo. Enfim, talvez nada perdesse, tão amargo, tão doloroso eles se foram seguindo e atormentavam a pobre Humanidade. Surgiram então,

JOÃO DE BARROS

(Continua na 7.ª página)

A travessia do Atlântico em balão

NOVA YORK, 3. — Peter Eistob, associado comercial dos quatro aeronáutas britanicos que estão a tentar a travessia do Atlantico no balão «Pequeno Mundo», disse que não perdera as esperanças, mas solicitaria que fossem feitas pesquisas aéreas e marítimas caso o «Pequeno Mundo» não aparecesse dentro de alguns dias.

Elstob disse que baseava as suas esperanças nos cálculos feitos antes da partida. — (R.).

Aguarda-se hoje a chegada de Fidel Castro a Havana

onde já entraram as suas tropas

HAVANA, 3. — Espera-se que Fidel Castro, triunfante, chegue hoje a esta capital, que as suas forças ocuparam, após combates a tiro, saques e manifestações tumultuosas.

Essa crença foi fortalecida pela chegada do irmão do dr. Fidel Castro, Raul Castro, á frente das forças de infantaria que entram, agora, em grande numero na cidade para assumir o comando no Q. G. militar da capital em Campo Colômbia, já ocupado pelas forças de Castro.

Uma das três colunas das forças revolucionárias, a que tem o n.º 2, que marchava sobre Havana, chegou ali e o chefe da coluna, Camilo Cienfuegos, tomou posse do campo. A coluna n.º 8 encontra-se, actualmente, em Matanzas, e é comandada pelo dr. Ernesto Guevara.

As forças revolucionárias que operavam na montanha de Escambray e chegaram a Havana ocuparam os edifícios da Universidade.

Os escuteiros foram avisados de que terão de auxiliar na manutenção da ordem e a dirigir o transito, esta manhã, enquanto se aguarda que Fidel Castro chegue á capital, onde se mantém a greve, juntamente com o dr. Manuel Urrutia, seu candidato presidencial. O chefe revolucionário declarou ontem, pela rádio: — «Não é o poder que me interessa. Não me proponho a ocupá-lo».

As forças de Fidel Castro ocuparam, ontem, na capital, após uma batalha durante a qual os homens da sua milicia, apoiados por tanques, puseram em debandada os ultimos partidários do ex-

(Continua na 14.ª página)

O Palácio do Capitólio, em Havana, destinado ao funcionamento das assembleias legislativas

Vai a meio caminho da Lua

cujas proximidades deve atingir amanhã o foguetão-cometa lançado na Rússia

MOSCOVO, 3 — Segundo anuncia a Rádio de Moscovo, os cientistas da U. R. S. S. fotografaram ás 0 e 57 (T. M. G.), isto é, á hora prevista, a saída pelo foguetão lunar de uma nuvem de sódio, fenómeno luminoso constituindo o cometa artificial.

As películas estão agora a ser reveladas — disse a emissora, acrescentando que, no momento em que foi tirada a fotografia, o foguetão lunar encontrava-se, então, a mais de 130.000 kms. da Terra, na posição de 4 graus e 30 minutos Sul e 33 graus e 30 minutos Leste.

A's 0 horas (T. M. G.), o foguetão alcançara já mais de 100.000 kms., encontrando-se, nesse momento, sobre o Oceano Indico. Os sinais são captados regularmente pelos postos de escuta soviéticos e o funcionamento dos instrumentos de bordo é normal.

A emissora voltou a anunciar que o foguetão cobrira, até ás 3 horas (T. M. G.), uma distancia de 137.000 kms. acentuando que, pela primeira vez na História da Humanidade, um foguetão da U. R. S. S. atingiu e ultrapassou a segunda velocidade cósmica, entrando nos espaços interplanetários. A'quela hora, o engenho encontrava-se sobre a Terra num ponto situado a 4 graus e 33 m. de latitude Leste e 63 graus e 30 m. de longitude Oeste.

No seu primeiro boletim noticioso, a Rádio de Moscovo transmitiu hoje sinais do foguetão, gravados ás 4 e 30 (hora de Moscovo), quando o engenho ultrapassara já o terço do percurso da sua viagem, esclarecendo que o «foguetão cósmico prossegue no seu voo».

A agência «Tass», informou, também, que o foguetão continua na sua marcha em direcção á Lua e que todos os postos de observação, situados em território da U. R. S. S. captaram, durante toda a noite, os sinais dos seus emissores. Esses sinais são emitidos regularmente nas frequências de 19.997, 19.995, 19.993 e 183.6 megaciclos.

As indicações recebidas até ago-

(Continua na ultima página)

Nicole Perrin, cuja efigie reproduzimos, foi eleita «Miss Nice» e pouco depois «Miss França 1959». A jovem beldade — 20 anos — representará o seu país na próxima eleição de «Miss Europa». Dados antopométricos: altura, 1.56 m.; ancas, 89 cm.; peito, 88 cm.

Nota do dia

«In vino veritas»

«Beber vinho é dar pão a um milhão de Portugueses». Simplesmente, nem todo o vinho que se bebe merece que nos sacrifiquemos por tantos compatriotas nossos. É o «Notícias do Cartaxo» — e ele, que é do Cartaxo, tem uma autoridade especial na matéria — que nos elucida a tal respeito. «Quem não sabe que uma grande parte do chamado «vinho de lote» vendido na praça de Lisboa — lê-se naquele prezado colega — é, em muitos casos, representado por uma mistura ilicita de vinho de baixa qualidade, vinho ácido, alcool, aguardente de figo rectificada, vinhos licorosos desdobrados e água, ao que uma junção de ácidos dá, na aparência, «o tempêro» para a posse de características legais?». E vá de se queixar amargamente das intervenções «ora débeis, ora extemporaneas, ora infelizes» da Junta Nacional do Vinho nos assuntos que lhe compete resolver, intervenções que «constituem quase sempre uma desilusão e outras vezes uma surpresa para a produção», visto o organismo coordenador estar «mal integrado na acção que desenvolve com um desacerto enervante». Não somos nós que o afirmamos. É o «Notícias do Cartaxo», que bebe do fino — antes de ele ser «lotado» nos armazens de Lisboa. Neste, como noutros sectores, o lavrador queixa-se da protecção dispensada ao comércio em prejuizo da produção. O armazenista é rei. Enquanto ele comanda o escoamento do produto e se refastela com os lucros chorudos do negócio, a Lavoura, que trabalha de sol-a-sol, luta com as maiores peias e dificuldades — para continuar a empobrecer alegremente. É desta diferença de tratamento, nociva á economia nacional, que se queixam os vinicultores, os oleicultores, os fruticultores, os produtores de batata, de trigo e de centeio, todos aqueles que cultivam a terra com o suor do seu rosto — para enriquecer o intermediário que lhes compra os produtos e que, por sua vez, mergulha as mãos até ao fundo na bolsa do consumidor.

Diario de Lisbôa
PUBLICA HOJE
32 páginas
nas quais se inclui
MAGAZINE

2.ª TIRAGEM
Relato do futebol e outro noticiário na página 15

O espirito das Misericórdias em Portugal - 1

A' procura das raízes da assistência pré-cristã

Ainda não se apagaram as ultimas lembranças do que foi o IV Congresso Nacional das Misericórdias. Mas, ao calor de algumas discussões e ao improviso de algumas argumentações, ter-se-á seguido a hora reflexiva que trouxe aos problemas as mais pujantes formas da verdade e as mais serenas vozes da razão. Muitos desses problemas debatidos passarão com simples e eventual expressão de actualidade que um dia envelhece, morre e logo se esquece. Mas alguma coisa de

(Continua na 7.ª página)

ESTA SEMANA, DIZ O MÉDICO...

Para além do mistério da célula viva

pelo DR. AUGUSTO D'ESAGUY

A terapêutica celular, empregada largamente por Niehans a partir de 1931, é conhecida desde a mais remota antiguidade, e ao processo se referiram, em seus trabalhos, quase todos os autores clássicos.

Em todos os tempos, o homem, preocupado com o declíneo fatal, procurou ingerir órgãos de animais novos, na esperança de readquirir saude, força, juventude.

Aquiles (Sigerist, 1948) ingeriu medula de leão, e os imperadores

(Continua na 3.ª página)

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

De ontem para hoje

LITERATURA ULTRAMARINA

O estímulo dado á literatura do Ultramar, através do Concurso de Literatura Ultramarina é tanto mais positivo quanto diversos factores concorrem para a sua validade: a isenção com que esses premios são atribuidos (prova dessa independência de espirito é o facto de nele ter sido laureado ainda recentemente um poeta tão corajoso e arrojado artísticamente como Raimundo Soares, aliás Daniel Filipe); a categoria mental dos juris, em que este ano figuram, entre outras individualidades maiusculas da nossa vida intelectual, Augusto de Castro, o prof. Mendes Correia, Francisco Costa, Cabral do Nascimento, Luís Forjaz Trigueiros, o prof. Neves da Fontoura, o rev. prof. Silva Rego, o dr. João Ameal, etc. Não foram neste ano concedidos (e só é de louvar que assim se valorizem os galardões, respeitando-os) os prémios João de Barros e Fernão Mendes Pinto, destinados a coroar os trabalhos de história e de novelística. Não deixaram, porém, de ser atribuidos os prémios Camilo Pessanha (poesia) ao inédito de António Sousa Freitas «Africa e outros poemas» e o prémio Frei João dos Santos (ensaio) ao trabalho de Artur Augusto da Silva «Usos e costumes jurídicos dos Fulas da Guiné Portuguesa». Julgadas estão estas obras por quem as distinguiu deste modo. Resta agora que o publico por seu turno as julgue e que assim sancione o veredito ou aspire ainda a mais e melhor. Que tudo isso é positivo!

FEIXE DE IMAGENS

VILA Viçosa, a vila aristocrática do Alentejo, cuja luz crua, cujas sombras coloridas e brancuras quentes, cujas casas, cujas flores vivem, para lá da vida, eternamente, na delicada pintura impressionista de Henrique Pousão, comemorou o 1.º centenário do nascimento do «seu pintor». Foi efectivamente em 1 de Janeiro de 1859 que Henrique Pousão nasceu na vila fidalga dos Braganças. Amigos e estudiosos da obra de Pousão estiveram presentes á homenagem, em que foram evocados também os grandes comentaristas de Pousão (acaso o maior pintor português dos ultimos três séculos), tais Abel Salazar e Joaquim Madureira.

*** Tão forte foi o temporal dos quadrantes do Oeste e Norte que durante os ultimos dias bateu a ilha mártir do Faial que na ponta do Comprido se verificou um grande assoreamento e desassoreamento, tendo o mar escavado a areia sobre a qual uma crosta de lava se instalara. Assim a lava rugosa, faltando-lhe o apoio, se desagregou e mergulhou, vermelha e áspera, para sempre, no fundo do mar...**

*** Uma senhora de meia idade (D. Cassiana da Purificação), de 48 anos, e seu marido, foram colhidos na estrada Fozcoa-Celorico da Beira, por um automóvel lançado a toda a velocidade. A pobre senhora sofreu fractura de uma perna, sem que o veículo conduzido por um cobarde ou por um irresponsável, se detivesse para a socorrer. O marido da vitima (Luís Gomes, de 56 anos), não pôde notar sequer a cor do carro, pois é quase cego. O castigo destas nefastas proezas, quando não é a lei a impô-lo, tarde ou cedo o encontra na sua consciência aquele que não soube ser homem num momento decisivo, a quem faltou o mínimo de hombridade e generosidade exigível na vida em sociedade...**

JORNAL PEQUENO

OS Governos de Portugal e da Venezuela decidiram elevar á categoria de embaixada as suas missões diplomáticas respectivamente em Caracas e em Lisboa. * Encandeado com os faróis de uma camioneta, um automobilista (Isidoro José Calado, de 71 anos) lançou o seu carro contra aquele veículo, parado devida a uma avaria e cujo condutor dele saíra pouco antes. A camioneta foi assim arremessada por um ribanceira, ficando o automobilista ferido no rosto e o seu carro muito danificado. * Na freguesia de São Mateus (Angra do Heroismo), um automóvel colheu mortalmente o sr. João da Silva, de 73 anos. * Por se ter voltado um automóvel, na estrada Beja-Ferreira do Alentejo, ficaram feridas seis pessoas, todas da mesma família. * No lugar de Talepe (Vieira do Minho), apareceu morto o lavrador Domingos Vieira.

O PORTO pelo telefone

Acidente de viação

PORTO, 3. — Um automóvel conduzido pelo estudante José Alberto Fialho Pinheiro, de 17 anos, solteiro, residente na Rua do Rosário, 51, 1.º, seguia esta manhã na Avenida da Boa Vista e, devido, talvez, á pouca prática do condutor, foi embater num poste dos Serviços de Transportes Colectivos. Do acidente resultou ficarem feridos o condutor que sofreu descolamento do couro cabeludo e ferimentos no rosto, sendo internado no Hospital de Santo António, sob prisão por não possuir carta, e, ainda, um amigo que seguia a seu lado, o empregado comercial António Julio Pontes, de 25 anos, solteiro, morador na Rua Fernandes Tomás, 844, que sofreu contusões pelo corpo, regressando a casa depois de tratado.

Saiu a «sorte» a dois...

Elisio Alves Ribeiro, estucador, residente em Sanguedo, Vila da Feira, veio a esta cidade e relacionou-se com dois indivíduos junto ao edifício da Alfandega e que lhe confiaram um vigésimo que diziam premiado e para que ele o rebatesse. Como garantia entregou-lhes 14 contos que não conseguiu receber, como é natural, pelo que a sorte grande saiu aos dois «amigos».

Desastre mortal

Na sala de observações do Hospital de Santo António faleceu esta madrugada António Pedro Pinho Vieira, de 98 anos, solteiro, residente em Riba Douro, Baião, que ali caiu de uma camioneta, sofrendo fractura do cranio e graves lesões internas. O cadáver foi removido para a Morgue.

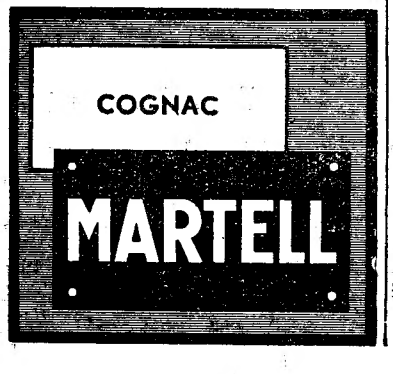
Desastre no trabalho

Recolheu ao Hospital de Santo António o carregador José Pereira da Silva, de 46 anos, casado, residente em Perafita, Matosinhos, que foi atingido por um lote de sacos na doca de Leixões quando ali trabalhava. Sofreu traumatismo craniano.

CARTAZ DO PORTO

para amanhã dia 4

TEATRO EXPERIMENTAL — Ás 21 e 45 — A peça «Requiem».
SÁ DA BANDEIRA — Ás 21 e 30 — «A rainha do ferro-velho».
COLISEU — Ás 21 e 20 — «As mil e uma noites».
RIVOLI — Ás 15 e 30 e ás 21 — «Amor de jornalista».
BATALHA — As 15 e 30 e 21 e 30 — «Romance em Itália».
TRINDADE — As 15 e 30 e 21 e 30 «Um castelo no Tirol».
NUN'ALVARES — A's 21 e 30 — «Maricruz».
AGUIA DE OURO — Ás 15 e 30 e ás 21 e 30 — «Totó Fernandel e a Jei».
S. JOÃO — As 15 e 30 e 21 e 30 — «Ariane».
JULIO DINIS — A's 21 e 30 — «Asas rebeldes».
VALE FORMOSO — A's 21 e 30. — «A Gata Borralheira».



Cumprimentos

ao governador militar de Lisboa

Por motivo da passagem do 2.º aniversário da posse do general Valente de Carvalho, do cargo de governador militar de Lisboa, os oficiais que prestam serviço naquele departamento militar e os comandantes e os segundos comandantes das várias unidades que dele fazem parte, reuniram-se hoje, pelas 15 horas, no salão nobre do antigo palácio Vilalva, a fim de lhe apresentarem cumprimentos.

Em nome de todos, o brigadeiro Barbieri Cardoso, segundo comandante do Governo Militar de Lisboa, pronunciou palavras de saudação, desejando ao general Valente de Carvalho muitas felicidades na continuação do desempenho do seu cargo e agradeceu-lhe toda a obra realizada adentro do Governo Militar de Lisboa.

O general Valente de Carvalho agradeceu as saudações e depois recebeu os cumprimentos de todos os oficiais presentes, e, em seguida, os dos sargentos que ali prestam serviço.

ROTARY CLUBE DE LISBOA

Na reunião do Rotary Clube de Lisboa, da próxima terça-feira, ás 13 horas, na Casa do Alentejo, o engenheiro Orlando de Almeida e Sousa, presidente do clube de Alcobaça, fará uma palestra, intitulada «O espírito de colaboração na moderna construção civil».

Terrenos eborenses

para construções urbanas

ÉVORA, 3. — (Pelo telefone). — A Camara Municipal colocou em praça 27 talhões de terrenos para construções urbanas, situados na zona de urbanização n.º 1 e divididos em três lotes, o primeiro com a base de 50$00 o metro quadrado, o segundo de 30$00 e o terceiro de 20$00.

Do primeiro lote, dos 13 talhões postos em praça, foram arrematados 10, entre os preços de 52$50 e 57$50 o metro quadrado, num total de 352.447$50; do segundo foram vendidos todos os talhões, entre 40$50 e 61$50, num total de 150.078 escudos, e do terceiro, também foram arrematados todos os 7 lotes, entre 21$00 e 26$00, num total de 62.759 escudos.

A arrematação atingiu a verba de 565.285 escudos, que poderá ser paga, em 10 prestações iguais, com vencimentos de 60 em 60 dias.

O paquete «Angola»

parte hoje para África

No paquete «Angola», que parte ao princípio desta noite, para diversos portos de África, seguem cerca de oitocentas pessoas, incluindo oficiais e praças da Marinha, que vão substituir a guarnição do aviso «Bartolomeu Dias», em serviço na India Portuguesa, a qual regressará á Metrópole nas próximas viagens dos paquetes «Pátria» e do mesmo «Angola».

DE LUTO

Brigadeiro D. Rui da Cunha e Meneses

Por notícias recebidas do Rio de Janeiro, soube-se que faleceu ali o sr. brigadeiro D. Rui da Cunha e Meneses, de 71 anos, antigo chefe do Estado-Maior da India Portuguesa, governador do distrito autónomo do Funchal, comandante da Escola Prática de Cavalaria e director do curso de Altos E. Militares, que residia há 6 anos na capital brasileira, desde que passara á reserva. Era comendador das Ordens de Avis e de Cristo e possuia várias medalhas militares. Casado com a sr.ª D. Maria Francisca da Cunha e Meneses, era pai dos srs. majores José Manuel Meneses e William Roberto Meneses e do comandante Rui da Cunha e Meneses, todos das forças armadas do Brasil.

O funeral realizou-se ontem, e nele se incorporaram, entre outras individualidades, os srs. drs. Manuel Rocheta, embaixador de Portugal; Carlos de Barros, consul-geral; e Herculano Rebordão, adido de Imprensa; comendador António Sardo, presidente da Federação das Associações Portuguesas do Brasil; António Pedro Rodrigues, secretário do Gabinete Português de Leitura; dr. Ostacílio Raínho, director do Liceu Literário Português; general Floriano Keller, etc.

José dos Reis Morais

MACEDO DE CAVALEIROS, 2 — Faleceu nesta vila, com 79 anos, o sr. José dos Reis Morais, proprietário, casado com a sr.ª D. Maria Virgínia Morais. Era pai das senhoras D. Felicíssima Morais, D. Maria José Morais, D. Eugénia Morais e D. Virgínia Morais; e irmão dos srs. Eugénio Morais, proprietário da Alfaiataria Eugénio de Morais, Lda., de Lisboa; Venancio de Morais, já falecido; e Carlos Morais e de D. Flávia Morais do Vale, estes ausentes no Brasil. O funeral, que foi muito concorrido, efectuou-se ontem.

Viscondessa de Tondela

TONDELA, 2 — Na sua residência desta vila, faleceu com a avançada idade de 91 anos, a sr.ª D. Maria do Céu Ferraz Azevedo Maia, viuva, proprietária, que pelo seu primeiro matrimónio, recebeu o título de viscondessa de Tondela.

A veneranda senhora, muito estimada pela sua grande bondade, era aparentada com as mais distintas famílias desta vila.

O funeral realizou-se ontem com grande acompanhamento, tendo conduzido a chave da urna o juiz conselheiro sr. dr. Jorge Horta e Vale.

Dr. Fernando de Carvalho Pinheiro

MARVÃO, 3 — Causou o mais profundo desgosto o falecimento do médico dr. Fernando de Carvalho Pinheiro, que contava apenas 30 anos e terminara há poucos meses o estágio. Era casado com a sr.ª D. Maria de Lourdes Semedo Tavares Pinheiro e irmão do professor José de Carvalho Pinheiro e deixa dois filhos de tenra idade. O funeral realizou-se hoje para o cemitério de Marvão, terra da sua naturalidade.

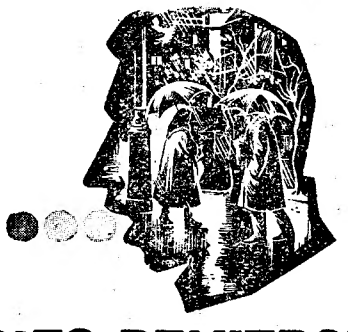
Serviços permanentes

de assistência

Em virtude do numero crescente de acidentes, em especial atropelamentos de animais, que se verificam na cidade, foram aperfeiçoados os serviços de socorros a prestar-lhes, que se mantinham para casos de urgência.

Os possuidores de animais sinistrados, ou quem quer que os possa e queira caridosamente transportar podem dirigir-se a qualquer hora da noite ao Posto Clínico n. 2, da instituição, Rua Barão de Sabrosa, 318 (telefone 722532), onde será prestada assistência com intervenção do clínico, se esta se considerar necessária.

A DIRECÇÃO


NEO-PENITROL
Uma nova fórmula potenciada
ANGINAS • FARINGITES • LARINGITES
PIORREIAS • GENGIVITES • GRIPES • ETC.

Mikoyan partiu de Moscovo para os Estados Unidos

parece que com o objectivo de atenuar as divergências entre os dois países

MOSCOVO, 3. — O primeiro-ministro, adjunto, Anastas Mikoyan, partiu, hoje, num avião de transporte a jacto, «TU—104», para Copenhague, a caminho dos Estados Unidos. — (R.).

Declarações de Mikoyan

COPENHAGUE, 3. — Mikoyan chegou esta manhã. Foi cumprimentado, nomeadamente, pelo chefe do Governo, H. C. Hamsen, com quem conferenciou; pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, Otto Krag, e pelo chefe da Secretaria da Imprensa do Ministério Kristensen.

Anunciou-se que devia almoçar com o chefe do Governo e outros representantes oficiais.

Seguirá viagem, ás 21 horas, para Nova York, onde deve chegar amanhã cedo.

Interrogado pelos jornalistas, no aeródromo, Mikoyan declarou, a propósito do lançamento do foguetão cósmico soviético, que os povos do Mundo inteiro reconhecerão que significa um grande ganho no plano dos progressos cientificos. Acrescentou:

«A população do Mundo deseja viver uma vida sem riscos de guerra, uma vida em que a ciência possa desenvolver-se em paz. Devemos, por isso, «colaborar em comum a bem da paz».

Interrogado sobre a eventualidade de um encontro com o presidente Eisenhower, Mikoyan iludiu a pergunta, declarando que se congratula com esta oportunidade de visitar os Estados Unidos. — (F. P.-R.-A. N. I.).

Precauções em Nova York

NOVA YORK, 3 — A Polícia começou a tomar, hoje, grandes precauções, para proteger o primeiro-ministro adjunto, soviético, Mikoyan, quando chegar amanhã, ás 11 e 15 (T. M. G.), em avião, vindo de Copenhague. O inspector-chefe, Thomas Neilson, declarou que foram destacados 350 polícias para guardarem Mikoyan.

Pelo menos, uma organização de refugiados — (a Federação Americana de Hungaros) projectava estabelecer piquetes junto da sede da delegação soviética ás Nações Unidas — declarou o inspector.

Do aeroporto, Mikoyan deve seguir, de automóvel, para as instalações russas em Park Avenue, de onde partirá, algumas horas mais tarde, para Washington. A Polícia revelou que o ministro russo projectava viajar de automóvel ou de comboio para a capital, dependendo o transporte do tempo. Mikoyan efectuará uma visita não oficial de duas semanas aos Estados Unidos.

Notícias de Washington indicam que poderá travar conversações, na capital, sobre problemas internacionais, incluindo as questões de Berlim e outras relacionadas com a «guerra fria». — (R.).

Os objectivos da visita aos E. U.

PARIS, 3 — Na pessoa de Mikoyan, cuja chegada aos Estados Unidos poderia coincidir com a do foguetão soviético á região lunar, os Americanos vão tratar com um homem paciente e teimoso, firme e cortez, hábil e perseverante. Dos dirigentes soviéticos actuais, Mikoyan é o que melhor conhece os negócios internacionais. Além disso, este veterano bolchevista parece simbolizar em si a continuidade do regime, porque com excepção do velho marechal Vorochilov, é o mais antigo membro do Presidium do directório do partido (ex-Politburo).

Pensam muitos observadores ocidentais que o «patrão-mór» do comércio externo soviético é principalmente, um homem hábil «que sabe de que lado sopra o vento». O actual n.º 2 da U. R. S. S. tem, efectivamente, sobevivido há 40 anos a todas as convulsões da hierarquia soviética sem nunca recuar um passo, sem nunca perder influência ou prestígio, patenteando em muitas circunstancias decisivas grande energia política.

Esta firmeza, o mais próximo colaborador de Kruchtchev tem-na patenteado em todas as negociações de carácter económico com os Ocidentais. O seu complemento é uma paciência sem limites. Com os Americanos, prolongou durante dezoito meses as primeiras negociações sobre a compra de equipamentos industriais aos Estados Unidos. Com os Britanicos, fez durar mais de 3 anos as conversações sobre a compra de cereais soviéticos pela Grã-Bretanha. Tudo isto por questões de preço ou de juros absolutamente mínimos.

O êxito do foguetão lunar soviético, se vier a confirmar-se, não atenuará, provávelmente, a asperesa de Mikoyan. Mas este dirigente da U. R. S. S. sempre proclamou as suas convicções favoráveis a uma colaboração pacifica sovieto-americana, principalmente no plano económico. Deverá, por isso, tentar incutir novo impulso a esta colaboração «nas melhores condições para a U. R. S. S., isto com uma cortesia sempre impecável. — (F. P.).

*

VARSÓVIA, 3. — A finalidade essencial da viagem de Mikoyan a Washington seria atenuar as divergências de opinião entre os Estados Unidos e a U. R. S. S. — afirma o diário «Sziandar Mlodych», citando a propósito a mensagem que Kruchtchev enviou aos Americanos no Ano Novo. — (F. P.).

Visita de Kruchtchev a Minsk

LONDRES, 3. — A rádio de Moscovo anunciou que o primeiro-ministro soviético, Kruchtchev chegara, hoje, a Minsk, a fim de assistir ás comemorações do 40.º aniversário da Republica da Russia Branca. — (Reuter).

Festas associativas

Na Casa das Beiras, no Largo de S. Domingos, 14, 2.º, haverá hoje, a partir das 22 horas, a «Noite das estrelas», com a eleição da estrela da noite e baile até de madrugada, abrilhantado pelos conjuntos «Vera Cruz» e «Primavera em Lisboa», e com a colaboração de artistas portugueses e brasileiros.

— Também esta noite, haverá um baile abrilhantado pelo conjunto «Conquistadores», na Academia 1.º de Setembro de 1867, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 142.

— Amanhã, haverá uma «matinée», abrilhantada pelo conjunto «Ginjas», e uma «soirée» com os «Loucos da melodia», na referida Academia; e um baile, á noite, na Casa de Ferreira do Zêzere, na Travessa dos Inglesinhos, 3, 1.º, com a orquestra «Oásis».

A loucura do «hula-hoop» ultrapassou todas as barreiras do verosímil. Agora até os gatos se entregaram á excentrica dança, fazendo girar em redor do felpudo ventre o tão popularizado círculo de plástico. Claro está que, para tal, precisam de uma pequena ajuda — neste caso, um pequenino truque fotográfico

Vida social

ENG. BANDEIRA DE MELO

No Hospital de Jesus, foi há dias operado, com absoluto êxito, pelo sr. dr. Fontoura Madureira, o sr. eng. Octávio Bandeira de Melo, que se encontra em vias de restabelecimento. É seu médico assistente o sr. prof. dr. Fernando Nogueira.

Pequenas notícias

PELA POLICIA

OBJECTOS FURTADOS — Na sede da Polícia Judiciária (5.ª secção) encontram-se vários artigos de senhora e de homem apreendidos aos gatunos que os furtaram e que serão entregues a quem provar que lhe pertencem: um casaco comprido de cor esverdeada; saias, blusas, vestidos, duas malinhas brancas em pele de boa qualidade, sapatos brancos modernos, um par de luvas brancas, calças compridas em tecido xadrez e esverdeado, uma combinação; um ferro eléctrico; um relógio de parede, antigo; 1 calorífero; 3 fatos de homem, dos quais um azul, outro «beje» e outro cinzento; roupas de cama e ainda muitos outros artigos das mais variadas espécies. A P. J. suspeita que tais furtos tenham sido praticados na linha de Cascais.

PELOS HOSPITAIS

EXPLOSÃO DUM FOGAREIRO — Quando, hoje de manhã, na sua residência, em Camarate, estava a arranjar um fogareiro de petróleo, o magarefe António da Conceição Baptista, de 25 anos, foi atingido pela explosão do mesmo, sofrendo muitas queimaduras no corpo. Conduzido ao Hospital de São José, ficou internado na sala de observações.

INTOXICAÇÃO — Numa ambulancia do Batalhão de Sapadores Bombeiros, foi conduzida ao Hospital de São José, onde ficou internada, Maria Pestana Neto, de 21 anos, moradora no Largo da Hera, 5, 2.º, esquerdo, que sofreu uma intoxicação com gás, não sabendo explicar como se deu o acidente.

Leiam o jornal humoristico

Sempre fixe

A história rocambolesca de um roubo de títulos termina na Boa Hora

A Polícia Judiciária acaba de esclarecer a história de um espólio em que foi defraudada uma pobre viuva cega e surda. Sete obrigações das dez deixadas pelo falecido João Maria Almeida Senos haviam sido roubadas um tanto ou quanto sensacionalmente. A primeira pista não tardou a surgir e os investigadores conduziram as diligências não só para a apreensão das referidas acções de uma importante companhia como ainda para deitar a mão ao trio que concebera a proeza. A cidade do Porto, fora a escolhida para a transacção, que chegou a realizar-se com uma conhecida casa bancária. A P. J., tardiamente avisada, procurou surprender no regresso a Lisboa os autores do furto das 7 acções, sobre os quais havia recebido telefónicamente dados. Os comboios procedentes do Norte do País passaram a ser atentamente vigiados por agentes escalonados, os quais finalmente prenderam uma mulher, que veio a apurar-se ser cunhada do vendedor dos títulos. Este era detido, no dia seguinte, na cidade de Setubal, onde se refugiara. Nessa altura foi-lhe apreendida a importancia de 12.450$00, assim como vários artigos que comprara com dinheiro da venda dos títulos. O Alberto José de Barros Antunes Baptista, assim ele se chama, conduzido para a sede da P. J., ali confessou determinados pormenores que levaram depois a P. J. a apreender os titulos, no valor de 70.000$00, e ainda a quantia de 40.000$00. O esconderijo escolhido para este dinheiro é que era, na verdade pitoresco, pois foi encontrada a maquia no interior de uma telefonia portátil, apreendida no momento da captura da mulher, cujo nome a Polícia não revelou.

Os investigadores vieram ainda a apurar que foi a serviçal Assunção da Conceição Martins Raimundo, ao certificar-se da morte do Senos, quem se dirigiu apressadamente á residência do filho e do genro, que se encontravam a dormir, convencendo-os a furtarem os referidos valores, enquanto a viuva ainda não tinha conhecimento da morte do marido, por estar impossibilitada de sair da cama.

Esta é a história lamentável que consta do processo que hoje seguiu para o Tribunal Criminal da Boa-Hora, acompanhado pela Assunção Raimundo, a quem não foi admitida fiança, enquanto o filho e o genro se encontram em liberdade condicional, aguardando agora o respectivo julgamento.

Ciclista infeliz

Quando seguia de bicicleta pela Calçada de Carriche, Nicolau Fernandes Esteves, de 27 anos, pintor de construção civil, residente na Rua Carvalho Araujo, 28, 4.º, esq.º, chocou com uma furgoneta. Sofreu fractura da coluna vertebral, pelo que teve de recolher á sala de observações do Hospital de São José.

A «Viúva alegre» foi morta à cacetada

LONDRES, 3. — Foi encontrada morta na cozinha da sua residência, no meio de uma grande poça de sangue, Nora Summerfield, de 60 anos, conhecida pela «Viuva alegre». Foi agredida mortalmente com um cacete por um intruso, na véspera do Ano Novo.

A Polícia julga que o assassino procurava uma soma de dinheiro não existente pois, recentemente, a excentrica senhora Summerfield gabara-se de que tinha em sua casa em Hallingdon, no Middlesex, 300 libras.

Os agentes consideram a possibilidade de uma ligação entre a sua morte e três outros assassinatos dentro de um raio de acção de seis quilómetros da sua residência. — (Reuter).

A independência dos países africanos

NOVA DELHI, 3. — Os primeiros-ministros da União Indiana e do Ghana, Nehru e o dr. Nukrumah, respectivamente, num comunicado á Imprensa, no final das suas conversações nesta capital, manifestaram a esperança de que os países africanos, que ainda não são livres, conseguiriam a sua independência «por meio de métodos construtivos e pacíficos». — (R.).

HOTEL EMBAIXADOR
APRESENTA
no TERRAÇO DAS ESTRELAS
o «Ballet» Cubano
de Manolo Peralta
com coreografia de ALFREDO ALFÁRIA
UM FRISO DE ESCULTURAIS BAILARINAS NA INTERPRETAÇÃO DE ALUCINANTES RITMOS TROPICAIS
AMANHÃ: «Matinée»-dançante com todas as atracções — Chá completo 25$00.
(ADULTOS — MAIORES 17 ANOS)

NO **ABC**

EMPRESA TEATRAL ABC, LDA.

Tel. 366783

PARA MAIORES DE 17 ANOS

A REVISTA COM MAIS GRAÇA DOS ULTIMOS ANOS!!!

Aida Baptista, na «Maria Cachucha»

O ELENCO MAIS POPULAR DE LISBOA NA REVISTA DE QUE LISBOA FALA!!!

José Viana, no «Zé Broa»

TODAS AS NOITES 2 SESSÕES Às 20.30 e 22.45

Amanhã ESPECTÁCULO ÀS 16 HORAS

BILHETES À VENDA PARA HOJE E DIAS SEGUINTES

Loris Velli, vedeta do disco italiano

A CRÍTICA DISSE E O PÚBLICO CONFIRMA:

Numa altura em que o panorama do teatro ligeiro português sofre a influência de infiltrações tropicais, é consolador verificar que com **uvas da casa** também é possível fazer-se um bom «Vinho Novo». Parabens, pois, aos felizes vinicultores. (Vitor Direito, no «Diário de Lisboa»).

«Vinho Novo», a ferver, a borbulhar com ametistas á superfície, e o paladar forte e característico do produto nacional por excelência, está ali, aberto o casco novo, para gozo e embriaguez decente dos axadores da boa pinga revisteira. (Armando Ferreira, no «Diário Popular»).

«Vinho Novo» tem graça de todos os estilos e para todos os paladares, comentários políticos a fugir ao padrão costumado, rábulas jocosas bem escritas e bem interpretadas. E com tudo isto os autores fizeram dois actos vivos, sem pausa nem pontos mortos. (Fernando Fragoso, no «Diário de Notícias»).

Sem qualquer partícula de favoritismo e respeitando em absoluto a verdade pode afirmar-se que a revista estreada ontem agradou plenamente. (L. F., em «O Século»).

Alvaro Pereira, no «Orfeão do Benfica»

Raul Solnado, no «Pinguinhas»

Carlos Coelho, no «compère»

Alvaro Pereira e Aida Baptista, em «Avó e Neta»

Raul Solnado, Leónia Mendes e Alvaro Pereira, nos «Existencialistas do Fado»

ESTRONDOSO ÊXITO

NUMA SURPREENDENTE APOTEÓSE DE OVAÇÕES FRENÉTICAS

A DINAMICA PARELHA DE BAILE

LES VILLALTA

Luxuosa apresentação — Variedade de estilos modernos

A TRIUNFAL ATRACÇÃO PORTUGUESA

BALLET ERASTO

SEMPRE APLAUDIDO COM ENTUSIASMO

HERMANOS SEVILLA em bailados e canções típicas

E AINDA, TODO O GRANDIOSO ELENCO DE OURO DO «RITZ»

RITZ CLUB

EMPRESA RITZ CLUBE

ADULTOS (maiores de 17 anos)

Musica de baile por **VILAÇA** e sua orquestra

No Salão Típico: CEIAS COM FADOS E GUITARRADAS

DENTRO DE POUCOS DIAS: A SUPER-ATRACÇÃO

TRIO GUALTERI

com a sensacional contorcionista

TIZIANA

E, AINDA NUM EXCEPCIONAL CONJUNTO

5 ESTREIAS DE ALTA CLASSE

Um novo elenco MILÚ na protagonista

IRENE ISIDRO

BRUNILDE JÚDICE

MARIA PAULA

ÁLVARO BEWAMOR

VIRGÍLIO MACIEIRA

"Gigi" UM ÊXITO! DE COLETTE

ADULTOS /17 ANOS

Uma peça brilhante, espirituosa e sincera...

HOJE ÀS 21,45 HORAS
LUGARES DESDE 5$00
Amanhã espectáculo á tarde ás 16 horas

TEATRO MONUMENTAL

T. 55133

«ESPECTÁCULOS VASCO MORGADO»

HOJE, E AMANHÃ À TARDE ÀS 18,30 HORAS

TEATRO INFANTIL

3 ENCANTADORAS PEÇAS

O CARVÃO E A NEVE

DE RICARDO ALBERTY

E CIMA DESSE TELHADO

DE A. M. COUTO VIANA E EDUARDO PIRES

O NOSSO AMIGO SOL

DE LÍLIA DA FONSECA

PELO ELENCO DO TEATRO DO GERIFALTO

SUBSIDIADO PELO FUNDO DE TEATRO

Para maiores de 4 ANOS

PREÇOS: 3.º BALCÃO FRENTE, 5$00; 2.º BALCÃO A 10$00 — PLATEIA A 15$00

BUGIO

Telefone 643198

RESTAURANTE E SNACK-BAR

Pastelaria — Salão de Chá — Bilhares — Salão para banquetes, casamentos, baptizados, festas, etc.

Largo 5 de Outubro

STO. AMARO DE OEIRAS

LUSO

T. da Queimada, 8-A — Tel. 32889 Adult. M. 17 anos Hoje (até de madrugada) cantam **Maria Augusta — Joaquim Silveirinha — Constança Nunes** — Manuel Hilário — Julieta Reis e o ás do riso **António dos Santos.** Acompanhamentos por: António Couto e Amadeu Rami.

Amanhã grandiosa «Matinée»

Teatros e Cinemas

Atrás do reposteiro

As figuras, do original de Costa Ferreira «Um homem só», em ensaios no Teatro da Trindade, foram assim distribuidas: «Maria Joana», Josefina Silva; «Luísa», Maria José; «Secretária», Lili Neves; «Maria», Maria Lalande; «Alberto Santos», Ribeirinho; «Carlos da Conceição», Rui de Carvalho; «Gonçalo Nuno», Armando Cortês; «Tomás», Carlos Wallenstein; «Administrador», Joaquim Rosa; e «Criado», F. Muralha.

— Para a companhia de revistas, em organização para o Teatro Variedades, foi convidado o actor Raul Solnado.

— Está aprazada para sábado próximo, a estreia, no Teatro Avenida, da peça «O fim do caminho».

— Eunice Muñoz, Fernando Gusmão, Canto e Castro e Costa Ferreira vão desempenhar as principais figuras do novo original de Luís Francisco Rebelo «Os pássaros de asas cortadas», já em ensaios no Teatro da Trindade.

— Vai ser reorganizada a companhia portuense de revistas, que deverá apresentar-se no Teatro Aguia d'Ouro, com uma nova revista.

— O artista Raul Barreira segue brevemente para Casablanca, onde actuará num recinto de diversões.

— A temporada da companhia Laura Alves, no Teatro Sá da Bandeira, do Porto, deve prolongar-se, até á quadra do Entrudo.

A revista em cena no Teatro ABC, oportunamente, será representada num teatro do Porto.

— O artista italiano Coris Velli actua amanhã, ás 21 e 30, na Televisão, acompanhado pelo conjunto de Jorge Machado.

«Gigi», de Colette

em 3.ª semana,

No Teatro Monumental, entrou em 3.ª semana a peça de Colette

(Continua na 6.ª página)

O Público é que faz os êxitos!!!

SALVADOR

NO TEATRO

MARIA VITORIA

Emp.ª «E. Salvador e R. Martins, Ld.ª»
Às 20.30 e 22.45 (ADULTOS-M/17 ANOS)

AMANHÃ
ESP.º À TARDE
ÀS 16 HORAS

E O PÚBLICO TEM FEITO GRANDES ÊXITOS DE TODAS AS REVISTAS DE SALVADOR

CANTIGAS Ò ROSA	2 MESES e 20 DIAS		FESTA É FESTA	3 MESES e 28 DIAS	
SAIAS CURTAS	6 »	» 18 »	O REBOLIÇO	4 »	» 5 »
CALA O BICO	2 »	» 26 »	TOCA A MÚSICA	3 »	» 2 »
COMO É O TEMPERO?	3 »	» 10 »	CURVAS PERIGOSAS	5 »	» 10 »

E AGORA JÁ NO **4.º MÊS** A MELHOR REVISTA DE SALVADOR

POR CAUSA DELAS...

BIBI

ANTÓNIO

PERLA

BARROSO

MADEIRA

MIMI

TRINDADE

Telef. 20000 — (17 anos)
HOJE, ÀS 21,45 HORAS

SÓ HOJE, AMANHÃ E DEPOIS
O MAIOR ÊXITO MUNDIAL DOS ULTIMOS ANOS

O DIARIO DE ANNE FRANK

DOMINGO, **ÚLTIMA «MATINÉE»**
ÀS 16 HORAS

Coliseu

CRIANÇAS AO CIRCO

Esta noite todas podem admirar no Coliseu a companhia mundial de circo. Elefantes, Palhaços, «Poneys», Trapesistas. Amanhã, «matinée»

Esta noite, ás 21,30, todas as crianças podem ir ao Coliseu. Aventura maravilhosa. Cidade fantástica com as maiores atracções do Mundo. Gigantesca companhia de circo do Ano Novo, com elefantes, cavalos, «poneys». Numeros aéreos de espantosa audácia. As Dagenham Girls Piperes, tocando gaita de foles. Duas parelhas de palhaços, e muitos outros fenómenos. Três horas a ver coisas inverosimeis. Amanhã, «matinée», ás 16 horas, com entrada ás crianças.

Em AGUEDA o «Diário de Lisboa» é vendido no Café Jardim.

Teatro Nacional de Dona Maria II

Todas as noites ás 21 e 45

Amanhã, ás 16 horas em tarde popular a preços reduzidos

(12 ANOS)

O PROCESSO DE JESUS

TODA A COMPANHIA

O TEATRO ESTA AQUECIDO

PENSÃO MONUMENTAL

COMPLETAMENTE REMODELADA
Casa recomendada serviço de bom hotel
R. da Glória, 21 — Tel. P. B. X. 29807

Edição definitiva e completa das obras de
AQUILINO RIBEIRO
Acaba de sair um inédito
QUANDO OS LOBOS UIVAM
romance
edição comum ... ... 40$00
edição especial a sair em fins de Janeiro, por dificuldades técnicas, com 10 ilustrações de Nikias Skapinakis 115$00
Consulte as condições especiais para assinaturas
LIVRARIA BERTRAND

Doçaria caseira
Uma pega 6$50
BAR-RIBATEJO Praça do Areeiro, 11-D

Pasapoga

A "BOITE" DA MODA E DOS MAIORES EXITOS
Sábados e Domingos
Matinées-dançantes das 18 ás 20 horas, com todo o elenco

TELEF. 23584
Empresa **MANUEL ZEFERINO**
ADULTOS M/ DE 17 ANOS)

O TRIUNFAL «BALLET» - ESPECTACULO
NOCHES DE ESPAÑA y MAYTECHU com SUS «CLAVELES ESPAÑOLES»

5.ª-FEIRA: Início do Carnaval nesta «Boite»
BAILE DE MASCARAS
O PRIMEIRO DE MUITOS QUE NUNCA MAIS ESQUECEM

Musica de baile por **SERGIO E SUA ORQUESTRA**

SÃO LUIZ TEL. 27173
15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/12 anos)
Diferente de tudo quanto viram até hoje!
Colossal programa de **Walt Disney**
PERRI
Em complemento, **«O homem do espaço»**

EDEN TEL. 20768
Emp. Lopo Lauer
15.30 - 18.30 e 21.30
2.ª SEMANA do filme em Megascope e em Technicolor
c/ **Glenn Ford** e **Jack Lemomm**
COWBOY COMO NASCE UM BRAVO
E' e será sempre um grande e excepcional filme. (M/12 anos).

CONDES TEL. 22523
15.15 - 18.15 e 21.15 (M/6 anos)
4.ª SEMANA
O encantador filme em Eastmancolor
A FAMILIA TRAPP NA AMÉRICA
com **Ruth Leuwe ik** e **Hans Holt**

ODEON Telefone 26283
15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/12 anos)
2.ª SEMANA
Uma alegre e deliciosa comédia com **Walter Chiari** e **Isabelle Coray**
BONS DIAS AMOR
Cinemascope — Eastmancolor

ROYAL TEL. 845037
A's 21 (M/12 anos)
Cinemascope
O GRANDE AMOR DA MINHA VIDA
No programa: **Roleta fatal**

CASINO ESTORIL
O MELHOR DIA DA MINHA VIDA
21.30 (M/17 anos) c/ Paul Horbiger

TIVOLI TEL. 50595
A's 3 e 6.15 da tarde e 9.30 da noite (M/17 anos)
EM 2.ª SEMANA
O famoso romance de **Françoise Sagan**
UM CERTO SORRISO
Em Cinemascope e Cor de Luxe, com **Rossano Brazzi, Joan Fontaine** e **Christine Carere**
Amanhã ás 11 h., Ses. clás. a pedido **«Luzes da ribalta»**—(M/12 anos).

POLITEAMA TEL. 26305
15.15 - 18.15 e 21.30
Grande êxito do vibrante filme de coragem, aventura e amor, com o famoso ALAN LADD
MISSÃO NO ALTO MAR
com **Dianna Foster** e **William Bendix**
Warnercolor (Maiores 12 anos)

ALVALADE Telefone 763080
15.15 - 18.15 e 21.45 (M/12 anos)
Do mesmo autor e realizador de Bambi
Emoção — Suspense — Gargalhadas
PERRI
Imagens e cenas que excedem a imaginação humana e o extraordinário complemento **«O homem do espaço».**

MONUMENTAL TEL. 55131
15.15 - 18.15 e 21.30 (M/12 anos)
Um homem de pulso de ferro e... uma rapariga irresistível!
O IRRESISTIVEL FORASTEIRO
com **Glenn Ford** e **Shirley Morlaine**
Cinemascope e Metrocolor

S. LUIZ TEL. 48560
A's 21 (M/12 anos)
Scope colorido
HERCULES
Complementos seleccionados

CINEMA IDEAL Telefone 24194
A's 21 (M/12 anos)
20.000 LÉGUAS SUBMARINAS
Bomba, o filho da selva

IMPERIO Tel. 55134-5
15 - 18.15 e 21.30 (M/12 anos)
2.ª SEMANA
A gigantesca e galvanizante realização de Stanley Kramer em Vistavision e Technicolor
ORGULHO E PAIXÃO
com **Cary Grant, Sophia Loren** e **Frank Sinatra**

SÃO JORGE BALCÃO 54154 PLATEIA 54153
15.15 - 18.15 e 21.30 (M/12 anos)
Seis meses de vida não chegavam para reabilitar um nome e edificar um futuro!
Dirk Bogarde, Stanley Baker, Michael Graing e **Barbara Murray**
MEU REINO, MINHA VIDA
EASTMAN COLOUR

ROMA Telefone 727778
15.30 - 18.30 (p. r.) e 21.45 (M/12 anos)
Um filme movimentado e emocionante Cinemascope Techn.
ESTA MULHER É MINHA
com **Rory Calboun** e **Yvonne de Carlo**
Um tema onde a mulher livre tinha que aceitar o primeiro homem que a reclamasse.

AVIS Telefone 67163
15.30 - 18.30 (p. r.) e 21.45 (M/12 anos)
Um grande filme em Cinemascope
O SEGREDO DO CULPADO
com **Tony Curtis, Marisa Pavani** e **Gilbert Roland**
Um filme que empolga pelo dramatismo da acção.

RESTELO Telefone 610375
21.15 (M/12 anos)
Panoramico
A RAPARIGA DAS VIOLETAS
c/ Sara Montiel

TERRASSE TEL. 20917
A's 21 (M/12 anos)
A VOLTA AO MUNDO EM 80 DIAS—c/ Cantinflas

Teatros e Cinemas

(Continuação da 4.ª página)

«Gigi», grande triunfo desta escritora em todo o Mundo, na interpretação de um excepcional elenco de primeiras figuras do nosso teatro.

Milu, na protagonista, fez a sua estreia no teatro declamado, sendo todas as noites alvo de calorosos aplausos, assim como Irene Isidro, Brunilde Judice, Maria Paula, Alvaro Benamor e Virgílio Macieira.

No Nacional

Eis duas figuras de «O processo de Jesus», em cena no Nacional: «Mulher» (Palmira Bastos) e «Maria» (Catarina Avelar), no final do 2.º acto.

Primeiras exibições

«O Segredo do Culpado», no Avis

Um filme policial? Sim, e com todos os motivos de interesse na descoberta do autor de um misterioso crime; mas também, um curioso caso humano, através da estranha sensibilidade de um italiano exaltado em todas as suas paixões, no amor, na amizade pela família, em toda a sua maneira de agir. Gilbert Roland, representa o protagonista com o seu fogoso temperamento; Tony Curtis opõe á experiência de veterano actor as suas possibilidades de galã moderno, e Marlisa Pavan a sua bela expressão dramática, constituindo terceto magnífico. Como complemento de tão recomendável filme exibe-se um reconfortante documentário dos progressos de Angola, bom trabalho a cores, realizado por António de Sousa. — *Visor 68.*

«Esta mulher é minha», no Roma

O elegante cinema da Avenida de Roma estreou ontem um «Western» norte-americano, género que tanto agrada a numeroso sector de publico. As cenas sucedem-se em bom ritmo e salientam a invulgar destreza de intérpretes e figurantes. Num turbilhão de cavalos, tiros, gritos e poeira, os pioneiros de Oregon lutam ásperamente pela conquista de mulheres. A escultural e popular Yvonne de Carlo é a mais bela e, lógicamente, a mais desejada de entre elas, provocando duelos apaixonantes. Mas, como é timbre de uma boa fita de «cow-boys», tudo termina em bem.

O realizador, John Sherwood, soube explorar com inteligência a capacidade dos artistas e dos técnicos. Nos primeiros, justo é realçar o trabalho de Rory Calhoun, estuante de força e de agilidade, bem secundado pela sensual Yvonne de Carlo e por Mara Corday, Rex Reason e Neville Brand. Bom tecnicolor.

Entre os complementos, exibiu-se uma curta-metragem, colorida, de Aurélio Rodrigues, sobre «Santo Tirso», que constitui excelente cartaz de propaganda turística. — *Visor 14.*

No Império

«Arséne Lupin», em sessão clássica

Na tarde clássica da próxima quarta-feira, no Império, será exibido o filme francês, em tecnicolor, «Arsène Lupin», realizado por Jacques Becker e que tem em Robert Lamoureux um extraordinário intérprete.

Monumental

«O irresistível forasteiro»

O filme que o Monumental para terminar o ano de 1958 e começar o novo ano divertindo toda a Lisboa, é sem duvida um filme que reune os atributos necessários para justificar a preferência do publico.

Filmado em cinemascope e a cores, tendo por principais intérpretes Gleen Ford e Shirley Mac Laine, servido por um diálogo espirituoso e por uma acção movimentada, «O irresistível forasteiro», está a alcançar um merecido êxito.

RESTAURANTE
ALVALADE
HOJE — EM ESTREIA
À TARDE E À NOITE
RAFAEL CRUZ (com su Ballet)
IRENE LECARTE
(GRANDE PREMIO DO DISCO)
MUSICA PELO CONJUNTO «ALVALADE» ATÉ ÀS 3.30
(Para adultos) — M. 17 anos

«BOITE DE NUIT» N-I-N-A (Adultos, m. 17 anos)
HOJE — ESTREIA
RAFAEL CRUZ con su Ballet
E
IRENE LECARTE
VEDETA DO DISCO E DA TV FRANCESA

LIMPIA Clube
ADULTOS — (Maiores 17 anos)
Empresa ANTÓNIO MARTINS
Telef. 367581
HOJE UMA GRANDE PARADA DE ÊXITOS com a ORQUESTRA ALMEIDA CRUZ
APÓS UM «REVEILLON» SENSACIONAL DE QUE TODOS AINDA FALAM
Outro extraordinário acontecimento
3.ª FEIRA — EM ESTREIA
PILAR MARTIN y JOSÉ LUIZ VEGA
e MARY MOLINA

Anedotas e episódios da vida de pessoas célebres

LXXIII — GOMES LEAL

Este presidiário da pena que durante 73 anos deambulou pelo Mundo, opulenta e miseràvelmente, não teve nas letras pátrias a merecida consagração.

Génio fulgurante, em Lisboa nasceu e morreu, renegando no ultimo quartel da vida, a sua obra revolucionária.

Seu pai, um humilde empregado da Alfandega, odiava a literatura e mandou o filho praticar no escritório de um tabelião. Mas Gomes Leal não se subordinava. Só a literatura o tentava. A sua sensibilidade era enorme. Sempre amante das flores dizia: «As rosas, como as camélias têm as suas predilecções intelectuais. As violetas são doçuridas. Há violetas que sabem de cor, versos inteiros de Soares de Passos».

* * *

Como panfletário mais de uma vez conheceu o presidio. Certa ocasião escreveu um soneto chamando «tigre» ao conselheiro Arrobas. Foi preso e condenado a oito dias de prisão. O julgamento foi sensacional. Lá apareceu o reu com a sua flor ao peito, respondendo com insolência ás perguntas do juiz. Interrogado por este se não calculava que o soneto insólito iria ofender um autoridade, Gomes Leal respondeu serenamente:

Na verdade, esperei que o conselheiro Arrobas tivesse a lealdade de se desforçar com armas iguais, isto é, que ele me respondesse também com um soneto...».

* * *

Até ao fim da vida, conservou o seu indomável orgulho de poeta e as suas veleidades de conquistador. Uma senhora ilustre que o protegia, quando um dia se referiu a uma das suas baladas, ouviu-lhe esta resposta:

«Sim minha senhora. Fiz essa balada por uma mulher. Foi uma balada que a deixou bastante abalada».

* * *

Boémio cem por cento, quando tinha dinheiro não era dele. E se nessa altura ninguém lhe aparecia, metia-se numa taberna da Rua Fernandes da Fonseca e ali fazia um cacharolete de bebidas até se embriagar. Uma tarde foi para as hortas. O programa era comer passarinhos, metidos em uma gaiola, á espera do holocausto. Foi bebendo com os amigos para despertar apetite. Apenas a certa altura, Gomes Leal abriu a gaiola e deu-lhes a liberdade, prejudicando o jantar. Claro que os passarinhos fugiram todos. Diz Boavida Portugal, um dos companheiros da boémia: «O poeta entendera que seria crueldade devorar a inocência e libertou-os».

* * *

Rafael Bordalo no seu imortal «Album de Glórias» caricaturou com a sua graça pessoal, o autor das «Claridades do Sul». De 1873 a 1916, o seu talento dispersou-se em odes, panfletos, versos e sátiras.

Gervásio Lobato descrevia-o assim: «Cara oval e estranha, os seus cabelos ásperos e quase sempre em pé, os bigodes retorcidos insolentemente, os olhos grandes, um pouco espantados, a sua perpetua gravata branca e a sua enorme camélia, impando da carcela do seu casaco claro».

* * *

A senhora duquesa de Palmela, senhora de grandes dotes de fidalguia, recebia o poeta cavalheirescamente. Em casa de D. Tomás de Melo, que Gomes Leal também frequentava, deixou cair, sem reparar, a ponta do charuto acesa, sobre a cauda do vestido de uma senhora que estava a seu lado.

Começou a cheirar a queimado e os que foram acudir á infeliz senhora, logo reprovaram a desastrada conduta do poeta. Este, porém, não se desmanchou, muito risonho e desfazendo-se em desculpas, redarguiu:

«É sina minha. Quando estou ao pé de senhoras, incendeio-as sempre...».

* * *

Colaborador de quase todos os jornais de Lisboa, a sua derrocada foi dolorosa. Mas as dezassete preciosas quadras da «Senhora duquesa de Brabante» são dignas de uma antologia.

Mais de cem anos passaram sobre o seu nascimento. Muito há ainda a apreciar e a investigar na obra heterogenea do formidável poeta que foi Gomes Leal.

L. R.

Vida musical

Curso Especial de Guitarra Hispanica

Vindo de Barcelona, chega a Lisboa, na próxima quarta-feira, o professor Emilio Pujol que este ano vem novamente reger, no Conservatório Nacional, um curso especial de Guitarra Hispanica. Encontra-se, desde já aberta, na secretaria da escola, a inscrição para o referido curso, quer para alunos diplomados, quer para não diplomados.

Concerto da banda da G. N. R. no Pavilhão dos Desportos

Amanhã, ás 14 horas, haverá no Pavilhão dos Desportos mais um concerto publico promovido pela C. M. L., em que a banda do comando da G. N. R., regido pelo maestro capitão Alves Ribeiro, executará o seguinte programa: «Semiramis» (abertura), de Rossini; «1.ª Sinfonia» de Beethoven; «El sobrero de tres picos» (bailado), de Manuel de Falla; «Noite de S. João» (para um baile popular), de Frederico de Freitas; e «Andrea Chénier (selecção de ópera), de Giordano.

O Pavilhão Cristal, em ALGÉS, vende o «Diário de Lisboa» e o «Sempre Fixe».

NO AVENIDA
EMP.ª LAURA ALVES EM COLABORAÇÃO COM GIUSEPPE BASTOS
ÀS 21.45 H.
O GRANDE ESPECTÁCULO ALEGRE DA TEMPORADA
O MENTIROSO
Amanhã ás 16 horas espectáculo á tarde
O EXCEPCIONAL TRIUNFO DA MODELAR COMPANHIA DO «TEATRO DE SEMPRE»
ESPEC. P.ª M. DE 12 ANOS
SÓ MAIS 3 UNICOS E ULTIMOS DIAS!
NA PRÓXIMA SEMANA: A COMÉDIA ROMÂNTICA AMERICANA
«O FIM DO CAMINHO»
ESPEC. P.ª MAIORES DE 17 ANOS

NO VARIEDADES
ÊXITO
EMP.ª TEATRAL AVENIDA, LDA.—TEL. 26037
EM 2 SESSÕES — Às 20.30 e 22.45 h.
TOTAL !!! da alegre revista popular
COM JEITO, VAI!
O MAGNIFICO TRIUNFO DA VEDETA DA POPULARIDADE E DA ALEGRIA
BEATRIZ COSTA
ESPEC.ª P.ª M. DE 17 ANOS
AMANHÃ, ÀS 16 H.
ESPECTACULO À TARDE!

Tristeza nossa

(Continuação da 1.ª página)

bastante fora de propósito — confesso —, recordações da meninice, decerto falhas de importancia, mas imperativas, teimosas, obsediantes. Eis-me, por exemplo, entre as crianças do meu burgo natal, vestido de luto pela morte do rei D. Luís, ou revendo as preocupadas fisionomias de numerosas pessoas, por motivo que eu mal entendia e avaliava em seu significado e valor: o Ultimato, a revolta do 31 de Janeiro e quantas coisas mais, quantas presenças mais, cujas conseqüências e imagens se me destacavam — ainda que envoltas na névoa do tempo — perante as inconscientes recordações do passado. Não podia evitá-las, essas importunas reminiscências. De subito, porém, estancavam-se quase todas. Ficou só uma, de alcance maior, e que não só a mim — direi já porquê — respeita. Foi, é a evocação dos festejos que em 1898 comemoraram o centenário da chegada á India de Vasco da Gama. Procurarei explicar o motivo do estranho caso, e suponho que a explicação será aceite e não deixará de ter interesse para os Portugueses da nossa época.

Naquela data, alguém da minha família me encarregou de pilotar, através de Lisboa em festa, um jovem escritor dinamarquês que viera recomendado a esse alguém.

Tinha eu dezasseis anos e o dinamarquês perto de trinta. Levei-o a toda a parte onde havia divertimentos ou aspectos que melhor o distraissem. Deslumbrou-o o fogo de artifício no Tejo. Assistiu ao baile na Sociedade de Geografia, e a uma representação teatral no D. Maria. Deambulámos nas ruas pejadas de gente. Entrámos até no bojo do elefante de lona, gigantesco, que se erguia na Rotunda, actual Parque Eduardo VII, e que era uma pastelaria ou restaurante, não me lembro bem. Em suma, satisfiz-lhe a curiosidade, a esse amável estrangeiro, tanto quanto as circunstancias o permitiam ou exigiam. E, claro está, acompanhei-o na hora da partida. Antes de entrar no comboio, após os agradecimentos da praxe, declarou-me ele ao apertar-me a mão: — «Gostei muito de tudo, regresso maravilhado. Que cidade linda! Que gente encantadora e hospitaleira! Que bela comemoração do facto histórico tão justamente celebrado e glorificado. Mas que povo triste!...».

E' essa derradeira observação que não mais esqueci, em que frequentemente meditei e agora repito, como já a repeti em várias ocasiões: que povo triste, nessa e na nossa época. Bastava um passeio de meia hora na Feira Popular, iniciativa magnifica de «O Século», própria a oferecer ao Lisboeta inumeras oportunidades de se sentir contente, para nos convencermos de que a população da capital não se alegra, não sabe alegrar-se fácilmente. Algumas noites visitei a Feira. Ali, uma grande multidão passeava sonambulicamente. Não se ouvia uma gargalhada mais alta, não se descortinavam rostos, olhares, gestos despreocupados, senão raramente. Desde quando são assim os Lisboetas, e também—excepto no Alto Minho, porventura todos os habitantes de Portugal? Há mais duma ou duas centurias, sem duvida. E qual a causa do facto desconsolador? Indole natural? Não creio. Baixo nivel das condições económicas? Opressões politicas? Herança pesada de fanatismos vários? Falta de saude moral e física? Não me atrevo a escolher... Mas parece-me que se algum sociólogo ou psicólogo, pois os temos, consagrasse ao problema — boa tarefa para 1959 — um pouco de atenção e interesse, e buscasse indicar remédio ou solução para ele, prestaria óptimo serviço ao País, de tal arte levantando o espírito sucumbido, ou desanimado, ou incapaz de reacção bastante, da nossa grei, da nossa gente. E o pior é que o Dinamarquês, se aqui voltasse, e quisesse de novo ser sincero, repetiria igual comentário legitimo ao que visse e ouvisse, em sua honesta e espontanea observação...

— J. de B.

DIZ O MEDICO...

(Continuação da 1.ª página)

romanos consumiam, quando a sorte se mostrava adversa, testículos de tigres e de elefantes. De veado, muitos lhes comem os lombos.

No século XVI, o grande Paracelso (Water Pagel, «An Introduction to Philosiphical Medicine in the Era of the Renaissance», Basileia, 1958), pregava que o coração curava o coração, o rim curava o rim, e «similia similibus curantur». Estas proféticas palavras bastaram para que fosse acusado de ter secretos entendimentos com o diabo, de possuir ocultas e nefandas artes de magia.

Pois mais tarde, Berthold e Claude Bernard, procurando decifrar o mistério daquelas demoníacas palavras de Paracelso (o divino louco), estudaram o papel das glândulas de secreção interna, em seus laboratórios de biologia experimental; Brown-Séquard injectou extractos testiculares de cães nos casos de senescência, e Voronoff, tão conhecido do público português, procedeu a enxertos com testículos de macacos.

Foi na «Patológia Celular» que Virchow referiu que o organimo humano possui quarenta triliões de células. Estas constituem a raíz da vida. A doença do homem é, portanto, a enfermidade da célula.

Estes pequenos elementos nascem, crescem, envelhecem, morrem e renovam-se, num movimento contínuo. Célula morta, célula posta. O ritmo desta permanente renovação tem de ser harmonioso, e qualquer pequeno desvio pode desencadear graves tempestades.

Nas primeiras décadas do século XX, Carrel lançou as bases geniais da «biologia celular», provando que, em determinadas condições ambientais e nutritivas, as células podem viver em regime de independência, sem limites balizados pelo tempo. Um fragmento de coração de frango conseguiu destarte viver um quarto de século.

Knabe, outro investigador conhecido nos principais centros biológicos, relatou que as células de um embrião, em adequado meio nutritivo, num plasma heterogéneo, multiplicaram-se, desvendando com o processo o segredo da juventude eterna.

Foram as noções adquiridas nas experiências anteriores que levaram Lévy-Bruhl e outros investigadores ao estudo e preparação das hormonas purificadas e sintéticas e também das hormonas em cristais para implantação.

Esta terapêutica de substituição tem, porém, um grande inconveniente: provoca desordens mais ou menos acentuadas em todo o sistema endócrino.

Foi partindo desta conclusão, dos complicados casos registados na vasta bibliografia médica sobre o uso e abuso das hormonas, que um cirurgião suíço, Niehans, especialista em transplantações e enxertos de glândulas, descobriu, século XX dentro, a terapêutica celular.

Já em 1927 Niehans começara a atacar o problema das poliartrites com supra-renais. Num doente em tetania, ás portas da morte, por involuntário corte das paratiróides, o cirurgião suíço, chamado de urgência, salvou o enfermo com uma emulsão de paratiróides de boi. Depois desta primeira experiência, Niehans fez mais de doze mil injecções, sem registar reacções de monta ou acidentes graves.

A interpretação do mecanismo actuante é diferente para cada um dos autores consultados: Niehans defende o princípio da migração para o órgão homólogo, desde que esse órgão viva em regime deficitário; para outros trata-se de uma degradação pura e simples das células injectadas e consequente utilização dos detritos celulares.

Todos sabem que as células encerram numerosos elementos: núcleo, cromossomas, granulações, mitocondrias e outros elementos mais finos.

Pode também, referem vários cientistas, tratar-se de uma acção a distância: a célula continua a viver no local em que foi injectada, actuando assim como elemento catalizador.

Tentou-se, em vão, utilizar as substâncias activas. As experiências, porém, não resultaram. Mais do que os elementos, o que actuava era a «vida» contida na célula fresca, a vida deslocando a afastando a morte, reacendendo-se.

Cada célula, em seu destino, possui luz própria. Dir-se-ia que, no processo do sábio suíço, a vivência psíquica de cada célula (a alma em cada momento da existência) é mais importante do que a composição bioquímica. Essa vivência só seria transmissível através da injecção de célula total.

Não podem, pois, ser substituidas pelo conteúdo ou pelas hormonas purificadas ou sintéticas. Niehans descobriu, mais tarde, um processo de activar as células («siccazellen»), reduzidas a pó ou liofolizadas. São menos activas do que as frescas, servindo, em especial, para os tratamentos de sustentação.

As injecções de células liofolizadas estimulam, quando se torna necessário, as vivas.

A técnica é extremamente complexa. Mister é dispor de uma organização completa e minuciosa, possuir material fresco em abundância, vasta e bem treinada turma de ajudantes, consciência afinada e coragem, além do perfeito conhecimento do caso em mãos.

Os animais e os órgãos têm de ser escolhidos, estudados e examinados; saber se existe antagonismo, cuidar das suspensões e das respectivas concentrações.

Possui muita importância o local e a escolha do instrumental. Todo este trabalho tem um fim: não injectar células mortas, ineficazes, chocantes e inuteis.

As injecções de elementos frescos, convenientemente preparados, fazem-se nas massas musculares profundas, distantes uma das outras, facilitando assim a absorção. Depois de cada picada, o doente deve ficar três dias de cama. Este forçado repouso constitui uma das condições do êxito do tratamento. A acção biológica é de longa duração. As injecções com elementos nervosos exigem um período pré-actuante de seis a oito semanas. Só passado esse tempo o doente sentirá o efeito. Uma série de seis injecções torna-se suficiente.

A média dos êxitos é de mais ou menos sessenta por cento, tendo-se conseguido já, nalguns centros de terapêutica celular, noventa e cinco por cento.

As principais indicações são: a arteriosclerose, enfarte do miocárdio, mixedema, reumatismo crónico e gota, cretinismo, enfermidades cutâneas e alérgicas, afecções e toques psíquicos (obsessões, melancolia, insónia e epilepsia), síndromes digestivos, vertigem de Meinière, etc.

Expondo os resultados obtidos durante largos anos, Niehans afirmou, num recente simpósio: «Não existem doenças incuráveis. Existem, sim, enfermidades, que o médico não sabe ainda tratar, apesar de toda a sua boa vontade», acrescentando que os métodos biológicos de tratamento e ataque substituirão, em breve, a medicina química.

«Le premier pas est fait» — escreve o cirurgião suíço — «et devant nous se déroule tout un monde inexploré de la connaissance».

Compete ao investigador aberto, sem partido, usufruindo de plena liberdade de acção, descobrir e utilizar novas fontes de energia vital, pois o mistério da vida está encerrado em cada pequena célula do organismo humano...

A. d'E.

O espírito das Misericórdias em Portugal

(Continuação da 1.ª página)

mais fundo e perdurável ao mesmo tempo subtil, fundo e tentador que, enraizando-se, se insinuou nas próprias conclusões do congresso.

Donde vem o genesis das Misericórdias portugusas? Que razão humana social, mística ou do Estado lhes deu corpo e espírito?

Logo ali, na sessão inaugural, uma alta figura do clero foi dizer que ás Misericórdias, de inspiração cristã e tão intimamente ligadas á Igreja, caberia a missão e o destino de ingressar no mesmo seio «mater», a cuja sombra secular se haviam acolhido. Respondeu-lhe uma alta figura de homem publico, com seu sereno espírito jurídico, que a razão não se pode desintegrar da história.. Veremos, pois, através de um rápido relancear de páginas seculares para que a viva figura de «Chalot» não venha repetir o verso de Voltaire:

«Et voilà, justement, comme on écrit l'histoire...».

O conceito pré-cristão de Misericórdia

Não será preciso remover velhos arquivos para evocar o quadro vasto da expansão do Cristianismo, com os grandes, tentaculares exércitos invasores e os multiplos aspectos das conquistas. Com estas não vinham só as reformas do espírito e da sociedade mas uma hegemonia, uma padronização de figurinos que, se não eram originais, refundiam as suas bases e no lustro da piedade cristã iam adquirindo prestígio universal. De facto, a Igreja ia buscar á Misericórdia mitológica, consagrada em seu altar aos actos de bondade, uma das suas mais famosas e humanas legendas. Diante daquele templo romano da Misericórdia iam prostrar-se os escravos chibateados pelos senhores. Aliás, este velho conceito de Misericórdia também não era originalmente mitológico. Roma fora buscá-lo a outras civilizações mais antigas, em especial á egipcia, á chinesa, á hindu e á hebraica. Mas foi, também, é verdade, o espírito cristão que, através das penas e conceitos de S. Paulo, Santo Agostinho e S. Tomás de Aquino, lhe deu um sentido mais fundo, mais humano, mais social, digamos — e também mais espiritual.

Dar de comer, beber e onde dormir a quem mais o necessitasse, vestir nus, assistir a enfermos e encarcerados, foi programa, acção e empenho que se projectaram no tempo e que, em si, afinal, consubstanciava quanto na humanidade tem sido aspiração material do mediato. Mais do que uma síntese das virtudes cristãs, seria, no fundo, a síntese de tudo quanto representa o direito do homem social?

De facto, ainda Cristo não andava pelo Mundo e já as pré-cristãs. India, Pérsia, Egipto, Gália, Germania, Grécia e Roma tinham os seus guildes, corporações, confrarias e irmandades, espécie de associações de socorros mutuos que funcionavam nas piores emergências, sobre os campos ás vezes empapados do sangue das batalhas e frementes de ódios rácicos.

Como funcionavam, então, essas casas, sabem-no aqueles que se consagram a estudos assistenciais. Mas vale a pena lembrar, a quem o tenha esquecido ou ignore, que havia duas classes de assistência, (a cargo ou não dos Estados), a que se praticava em instituições fechadas, nos hospitais, albergues e albergarias, hospícios, gafarias e mercearias — e as outras, cuja acção ia ao encontro da dor, onde quer que ela morasse.

Foi assim que, chegando-se ao século XI, encontram instituições de assistência em toda a Cristandade. A Idade Média iluminou-se dessa mística notável de bem-fazer, tanto mais que jorrava em plena treva do espírito. Na Bélgica, por exemplo, ficaram célebres os seus «beguinages». E Bruges, esplendente legenda medieval, de graça tão etérna e recolhida, ainda acolhe sob o céu de louza, o seu velho mosteiro a cujas janelinhas um ou outro toucado aflora, debruçado sobre a almofada de bilros onde vai tecendo rendas...

Na pessoa dos estrangeiros — os peregrinos — afinal se recebia Cristo.

Em que termos e requintes sabe-se bem. Era para eles, na mesa de dom abade, o lugar de honra. Porque eram, ainda no século XII, os abades nos mosteiros quase os unicos que exerciam o monopólio da assistência.

Do modo como a exerciam, não deixaram memória rebatada. Senhores da sua vontade, só á consciência teriam de prestar contas. E embora os próprios da Igreja algumas vezes lhes denunciassem os erros, o tempo parece pouco ter corrigido, antes terá aumentado o peso das suas boas consciências. Pelo menos é o que diz a história da assistência portuguesa.

A SEGUIR: A Assistência em Portugal a partir do século XII.

TRÊS ESTUDANTES

vão fazer um «raid» automóvel através de três continentes

BUENOS AIRES, 3 — Três estudantes chegaram hoje a esta cidade, com o seu veículo automóvel, a bordo de um paquete, a fim de realizarem uma viagem através de três continentes.

Theo Vandenberg, holandês, Peter Kraupner, alemão, e a mulher deste, Pat — todos estudantes — embarcaram em Durban, capital da província sul-africana do Natal, e, uma vez chegados ao aeroporto de Buenos Aires, não perderam tempo a meterem-se ás estradas que os conduzirão á Patagónia.

Uma vez chegados ao extremo meridional do hemisfério ocidental, propõem-se seguir este itinerário: Chile, Bolívia — através dos Andes — Peru, Equador, Colombia, Panamá, México, Estados Unidos — entrando pela Califórnia — Canadá, Holanda — depois da travessia do Atlantico —, Alemanha, Escandinávia, França, Espanha, Itália e regresso á Africa do Sul, através do Mediterraneo e do deserto do Sahara. — (A. N. I.).

La Cage Dorée

Informamos as nossas leitoras de que o telefone desta casa de costura tem o numero 766975

ASPIROQUINAL
JÁ PROVOU SER O MAIS ACTIVO
anti-gripal
PODE ADQUIRI-LO EM QUALQUER FARMÁCIA OU NO DEPOSITÁRIO
FARMÁCIA SILMAR LISBOA
RUA DE S. LÁZARO, 118

Charutos PRINCEPS Cigarrilhas

DISCOS Mercury
AV. DUQUE DE LOULÉ, 1-A

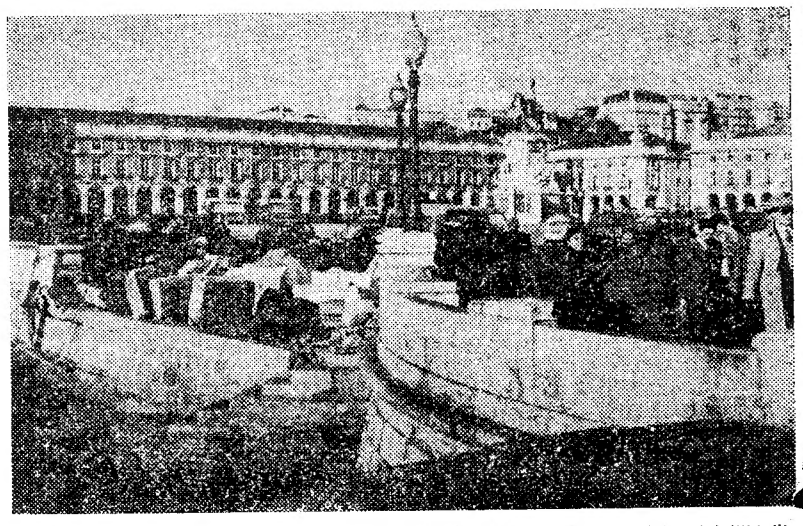
Durante 1959
a campanha antituberculosa será subsidiada com 19.000 contos

No prosseguimento da luta contra a tuberculose, foi aprovado, pelo ministro da Saude e Assistência, em 31 de Dezembro ultimo, o plano de acção a realizar pelo I. A. N. T. durante 1959, através de acordos e subsídios de cooperação com outras entidades de saude. Estas actividades obrigarão aos dispêndio de quase 19.000 contos e são financeiramente independentes da obra de acção directa do próprio Instituto, por intermédio dos seus hospitais, sanatórios e serviços.

Da referida importancia, destinam-se 14.397 contos para subsídios ás enfermarias-abrigo, com um total de 2.140 camas, distribuidas por 59 Casas de Misericórdia e, ainda, pelas seguintes instituições: Albergue de S. Miguel (8 camas); Hospital Rodrigues Semide, do Porto (60); Hospital de Celas, em Coimbra (40); Albergue do Porto (50); Sanatório do Monte-Alto, em Valongo (50); e Hospital Poiarense (8). Ao Sanatório de Nossa Senhora do Amparo (70 camas) e ao Preventório de Benfica (50 camas) foram atribidos subsídios de 306 contos e 108 contos, respectivamente. Para 92 consultas-dispensário foram destinados subsídios no valor de 630 contos. Para subsídios especiais e clínicos, uma verba de cerca de 200 contos. E para radiografias e tomografias, feitas fora dos serviços do I. A. N. T., 110 contos.

Foram, além disso, concedidos os seguintes subsídios especiais: ao Albergue do Porto, 12 contos; á Assistência aos Tuberculosos do Norte de Portugal, 300 contos; á Junta de Província da Beira Litoral, 228 contos; á Obra Antituberculosa de Coimbra, 13 contos; ao Albergue de Santarém, 75 contos; ao Centro de Mirandela, 12 contos; e á Comissão Distrital de Assistência de Ponta Delgada, 25 contos.

Vai ser ampliada
uma das «gargantas» do Terreiro do Paço



Uma das mais difíceis «gargantas» de Lisboa, aquela que serve de entrada á Avenida Infante D. Henrique, num dos vértices do Terreiro do Paço, que milhares de pessoas em cada dia atravessam, devido ao movimento entre as duas margens do Tejo, vai ser, finalmente alargada. A partir dos primeiros dias do próximo Fevereiro, essa passagem, que tem a reduzida dimensão de dez a doze metros, passará a dispor de mais meia duzia de metros. Para isso, desaparecerá aquele triangulo interior que, como o «Diário de Lisboa» já salientou, muito dificulta o transito, provocando constante congestionamento e oferecendo grande perigo para os peões.

Uma brigada de trabalhadores da Administração-Geral do Porto de Lisboa trabalha activamente na demolição do incómodo bico. Grande parte da cantaria da muralha foi já demolida e procede-se ao aterro da zona que abrange um pequeno cais, muito utilizado pelos amadores da pesca, o qual desaparecerá, assim como os candeeiros de iluminação publica, integrados no triangulo e que serão substituidos.

Embora o alargamento da referida «garganta» não seja ainda a solução ideal — parece estar prevista a construção de uma passagem subterranea para peões — o melhoramento muito favorecerá, por certo, o transito intenso daquela área.

Duas obras importantes, em curso na cidade: em cima, o corte no angulo oriental do Cais das Colunas, para alargamento da passagem; em baixo, a demolição do antigo matadouro, na Avenida Fontes Pereira de Melo

O Chefe do Estado
inaugurou o Salão de Inverno na Sociedade Nacional de Belas-Artes

O Salão de Inverno da Sociedade Nacional de Belas-Artes foi inaugurado, esta tarde, pelo Presidente da Republica. O sr. almirante Américo Tomás, que era acompanhado pelo subsecretário da Educação Nacional, foi recebido pelo vice-presidente da Sociedade, arquitecto Peres Fernandes, pois o pintor Armando Lucena, que é o presidente, não pôde comparecer por se encontrar doente.

O Chefe do Estado entregou três medalhas de aguarela, uma 2.ª a António Marques Perdigão e duas 3.ªs a José Oliveira Tanqueiro e Henrique Leone.

O Salão de Inverno reune obras de aguarela, desenho e gravura e tem este ano alguma novidade. Alguns artistas modernos, como Julio Pomar, Alice Jorge, Jorge Vieira, Sá Nogueira, João Abel Manta, Luís Jardim, Francisco Relógio, Benjamim Marques, Teresa de Sousa e António Areal, expõem ao lado de aguarelistas e desenhadores, como Alfredo de Morais, Narciso de Morais, Beatriz Campos Eduarda Lapa e Maria Helena.

Do encontro e desencontro destes artistas, das noções de arte e da contemporaneidade de uns e outros falar-se-á na nota crítica que publicaremos oportunamente.

Os funcionários do Laboratório de Engenharia Civil
agradeceram ao Governo o reajustamento dos vencimentos

No seu gabinete, o ministro das Obras Publicas recebeu hoje, ao meio-dia, os funcionários do Laboratório Nacional de Engenharia Civil, que lhe foram agradecer o reajustamento dos seus vencimentos. O sr. eng. Arantes e Oliveira, que se encontrava acompanhado do subsecretário de Estado da mesma pasta, sr. eng. Saraiva e Sousa, cumprimentou individualmente todos os visitantes, cerca de meia centena, entre engenheiros investigadores, assistentes e tirocinantes, após o que o sr. eng. Manuel Rocha, director do Laboratório, leu um discurso em que, entre outras coisas, afirmou:

—Além dos benefícios individuais colhidos da revisão de vencimentos, a decisão tomada pelo Governo tem, para os que preenchem a sua vida com a árdua e palpitante tarefa da investigação, um significado que consideramos de transcendente importancia para o progresso do País, o reconhecimento pelos poderes publicos da função primordial que a investigação hoje desempenha na vida de uma sociedade que deseja progredir.

E a seguir:

—A remodelação dos vencimentos não podia sofrer mais delongas, pois já começavam a ser observados no nosso Laboratório dois sintomas que têm conduzido á desagregação e á inoperancia muitas instituições de investigação nacionais e estrangeiras: a saida de funcionários em ritmo crescente e o abaixamento do nivel de classificações escolares dos candidatos a admissão.

Depois de declarar que a nova escala de vencimentos permitirá manter o pessoal especializador e recrutar o necessário á expansão do Laboratório, o eng. Manuel Rocha concluiu por manifestar ao ministro o conhecimento das responsabilidades que pesam agora sobre os ombros dos técnicos que ali trabalham.

Em resposta, o eng. Arantes e Oliveira disse da sua satisfação pela visita dos funcionários do Laboratório Nacional de Engenharia Civil, organismo de que era director quando foi chamado para o Governo, e que seria intérprete dos agradecimentos junto dos srs. presidente do Conselho e ministro das Finanças. Afirmou que a actualização dos vencimentos significava profundas esperanças de progresso em muitos aspectos da engenharia civil, particularmente no das actividades de investigação e ensino. Pôs em relevo a importancia dos trabalhos realizados e em curso no Laboratório, que têm originado solicitações e consultas de vários países, e, por fim, o ministro declarou:

—O Laboratório Nacional de Engenharia Civil vê agora acrescidas as suas responsabilidades, que exigem o máximo esforço e dedicação dos seus servidores.

O ministro das Obras Publicas falando aos funcionários do Laboratório de Engenharia Civil, que, com o respectivo director, foram hoje cumprimentar

A Fundação Raquel e Martin Sain
foi agora instituida por decreto-lei

Um decreto-lei da Presidência do Conselho instituiu a Fundação Raquel e Martin Sain, criada pela generosidade do sr. Martin Sain e sua esposa, que para ela resolveram contribuir com a importancia inicial correspondente a meio milhão de dólares.

Tal como o «Diário de Lisboa» há dias noticiou, a Fundação será uma instituição de assistência particular de utilidade publica, que se propõe realizar uma obra de educação e ocupação de cegos, a fim de lhes procurar assegurar possibilidades de trabalho remunerado.

Fica estabelecido que, em igualdade de condições de preço e prazo de entrega, os serviços dependentes do Ministério da Saúde e Assistência darão preferência aos produtos produzidos pelas oficinas da Fundação, cuja sede social será no Estoril.

AS TEMPERATURAS DE HOJE

Temperaturas extremas registadas hoje em Lisboa, até ás 15 horas: *máxima, 13°,4; mínima, 8°,2.* No mesmo dia do ano passado: *máxima, 15°,7; mínima, 12°,4.*

A rainha Isabel II e outros chefes de Estado
enviaram telegramas ao almirante América Tomás

O sr. Presidente da Republica recebeu na quadra do Natal e Ano Novo inumeros telegramas de felicitações enviados por individualidades do maior relevo internacional, nomeadamente, de chefes de Estado. Entre estes, contam-se a rainha Isabel II, o presidente do Brasil, generalissimo Franco, rei Paulo, da Grécia; presidente Nasser, xá da Pérsia, presidente da Nicarágua, presidente do Vietname do Sul e príncipe de Mónaco.

Leiam o «SEMPRE FIXE»

O cardeal Cento
oferece um almoço ao dr. Marcelo Matias

Oferecido pelo sr. cardeal Fernando Cento pró-nuncio apostólico, efectua-se depois de amanhã, no palácio da Nunciatura, um almoço em honra do ministro dos Negócios Estrangeiros, dr. Marcelo Matias.

O conde Giuseppe Bartocci Fontana, guarda nobre do Vaticano, que trouxe a Lisboa o bilhete de notificação e o barrete cardinalício de D. Fernando Cento e continua hospedado em casa do sr. visconde de Botelho, camareiro-secreto de capa e espada, regressa a Itália na próxima terça-feira.

As suas joias estão antiquadas? Pode vendê-las ou trocá-las pelos últimos modelos.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
R. da Prata 257

1959
Terça-feira
6
JANEIRO
(Dia de Reis)

Inválidos do Comércio
realiza o seu sensacional sorteio de muitos e valiosos prémios
QUATRO AUTOMOVEIS
1 «Peugeot 403» — 1 «Simca-Aronde»
1 «Ford-Prefect» e 1 «Austin A 35»
Em exposição no Largo de S. Domingos — Pavilhão circulante
Enviam-se bilhetes a quem os solicitar para a Rua Alexandre Ferreira, 48 — Lumiar — Lisboa 5 — Telef. 779209
N. B. — Os sorteios dos INVALIDOS DO COMERCIO nunca são adiados

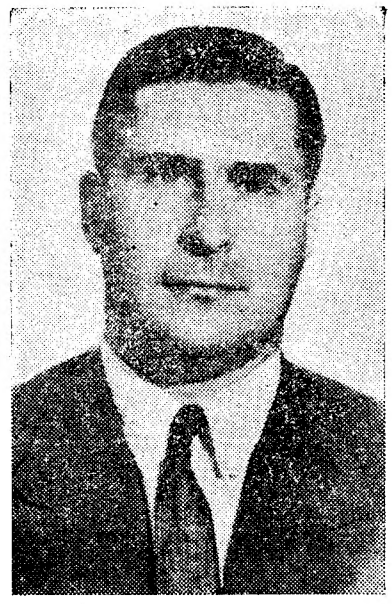
EXPOS
«A RAINHA DO
Fecha definitivamente n
sição «A Rainha D. Leonor»,
Calouste Gulbenkian, no Mo
Até àquela data a Expo
blico com o seguinte horário
Todos os dias, incluind
horas, e também das 21,30 à
e 7 de Janeiro.

Angola e Moçambique
podiam exportar leite
— segundo afirma o dr. Vieira de Sá que está a estudar no México a melhoria daquele produto

Após longa ausência, como membro de missões da F. A. O. que tem actuado no Brasil, Libia, Paquistão, Afeganistão, Tailandia, Paraguai e Equador, e que, actualmente, se encontra fixado no México, está em Lisboa o veterinário dr. Fernando Vieira de Sá, que veio aqui passar um curto período de férias. Em conversa amena, confiou-nos as suas impressões dos contactos que tem estabelecido nos vários países, por onde tem passado, prestigiando sempre o nosso País e o sector técnico a que pertence. O dr. Fernando Vieira de Sá, que é funcionário superior da Junta Nacional dos Produtos Pecuários, onde desenvolveu actividade meritória, há quatro anos que foi integrado na F. A. O., onde conquistou uma invejável posição, graças aos seus vastos conhecimentos em matéria de leites e ao entusiasmo com que geralmente se entrega aos seus trabalhos.

E' precisamente o problema do leite que preocupa a missão que dirige no México, para onde o dr. Fernando Vieira de Sá volta dentro de oito dias. O seu objectivo é estabelecer um plano para aumentar a produção de leite em uma vasta região, por forma a garantir o abastecimento de uma fábrica de leite em pó de grande capacidade; coordenar o projecto entre todos os sectores de que depende o fomento leiteiro que se pretende conseguir; e estabelecer medidas para melhoria da qualidade do leite, na base de uma política económica que sirva de estímulo ao produtor, e, em ultima análise, vise o fomento leiteiro da região que se pretendo desenvolver.

Para desenvolver este projecto — segundo nos declarou o nosso interlocutor — os técnicos da F. A. O. controlaram as principais doenças dos animais que afectam a produção leiteira; melhoraram as raças por meio de importação de animais de alto registo e de aplicação ampla de inseminação artificial; melhoraram as condições alimentares com o estabelecimento ou desenvolvimento de pradarias artificiais e melhoramento de pastagens naturais, quer pela introdução de espécies mais resistentes á seca, quer pela adopção de sistemas pastoris racionais, e, de uma maneira geral, pela aplicação de medidas de protecção do solo contra a erosão; e aumentaram a produção, a preços reduzidos, de alimentos concentrados para gado e outros alimentos verdes desidratados, por meio do sistema cooperativo.



DR. FERNANDO VIEIRA DE SÁ

— O Governo do México colabora em tão importantes trabalhos? — interrogamos.

O dr. Fernando Vieira de Sá responde-nos, ampliando o ambito da nossa pergunta:

— Embora o pedido de assistência técnica tivesse sido feito á F. A. O. pela Secretaria de Salubridade e Assistência, Ministério de que, portanto, a missão depende directamente, o meu trabalho obriga a relações íntimas com a Secretaria da Agricultura, Secretaria de Recursos Hidráulicos, Faculdade Nacional de Veterinária, Instituto de Investigações Pecuárias, Centro de Brucelose, Organização Mundial de Saude e Banco de Crédito Agrícola. Isto no que respeita a relações com o

(Continua na 13.ª página)

Quadro maravilhoso de ternura, que merece a contemplação e a meditação dos homens. Passa-se nos jardins botanicos de Hamilton, nas Bermudas. Mas, imagem como esta é possível surpreender, frequentemente, nas exposições caninas, onde animais de todas as raças, ao contrário, por vezes, dos racionais, confraternizam nas mais surpreendentes atitudes

A reforma das Faculdades de Letras — I

Formação científica
e formação pedagógica

Há pouco mais de um ano foi promulgada uma reforma das Faculdades de Letras. A oportunidade de uma reforma desarticulada da remodelação integral do ensino superior, o modo da sua elaboração (com desconhecimento publico dos relatórios e dos relatores comissionados), o elenco proposto de disciplinas, conservando, senão agravando, em alguns casos, o enciclopedismo endémico do ensino português, a necessidade de rever a orientação didáctica, o recrutamento dos professores foram já objecto de comentário no «Diário de Lisboa», por parte do prof. Vieira de Almeida (em 27-3-58) e de Joel Serrão (em 7-6-58).

A questão para mim mais interessante, do angulo da experiência profissional, é a do papel das Faculdades de Letras — e, em grau menor, das de Ciências —, na formação de professores dos ensinos secundários (liceal e técnico). Aí situarei o meu despretensioso depoimento.

Finalidade do ensino nas Faculdades de Letras

O texto da ultima reforma daquelas Faculdades atribui ao ensino ali ministrado três finalidades: 1.ª — Formação de um escol no domínio das letras e da cultura humanistica, em sentido lato; 2.ª — Preparação de professores de ensino secundário, particularmente de ensino liceal, e de peritos de outros ramos da vida cultural; 3.ª—Aprendizado da investigação cientifica

(Continua na 13.ª página)

A Exposição Canina Internacional
será um grande acontecimento desportivo e mundano

A 31.ª Exposição Canina Internacional, que o Clube dos Caçadores Portugueses, com o patrocínio do «Diário de Lisboa», vai realizar nos próximos dias 24 e 25, no recinto coberto e aquecido da Feira das Industrias, constituirá, certamente, uma manifestação de grande nível desportivo e mundano, á qual o sector feminino, como é tradicional, prestará a sua graciosa e elegante colaboração.

A grande festa de cães, pela primeira vez organizada em tão ideais condições, está a suscitar extraordinário interesse, não apenas entre os canicultores, portugueses e estrangeiros, concorrentes, mas também no publico em geral, e particularmente entre a grande massa de apaixonados pela arte, distinção e beleza de tais espectáculos.

A exposição deste Inverno, como já temos referido, será ainda valorizada com uma série de manifestações complementares, entre as quais destacamos uma demonstração dos produtos relacionados com a vida canina, de veterinária, alimentação, caça, pesca, etc.; uma exibição, a efectuar pela primeira vez em publico, no nosso País, dos cães-polícias alemães, adquiridos recentemente pela Guarda Nacional Republicana; e um sarau artístico, concebido em moldes inéditos, no qual serão entregues os prémios e se procederá a um elegante e aparatoso desfile dos animais premiados.

No Clube dos Caçadores Portugueses (Praça D. João da Camara, 4, 3.º, em Lisboa), continua a verificar-se grande movimento de inscrições para a Exposição Canina Internacional de Lisboa. Também como já elucidámos, o certame é aberto aos exemplares de todas as raças e variedades oficialmente reconhecidas.

Abuso cometido
em Espanha em relação a uma obra de António Sérgio

A propósito da recente publicação em Espanha, na Colecção Labor, da segunda edição da sua «História de Portugal», o ilustre escritor António Sérgio declara-nos que não tem a mínima responsabilidade nas divergências que se notam entre esta e a primeira edição, que apareceu há cerca de trinta anos.

Segundo nos informa António Sérgio, os editores cometeram o inacreditável abuso de introduzir no livro as modificações que entenderam, sem o consultarem, acrescentando mesmo um trecho em que se exprimem ideias absolutamente contrárias ás do autor da obra.

AS FESTAS DO ANO NOVO

Uma animada reunião
do pessoal da zona Sul da União Eléctrica Portuguesa

Realizou-se mais uma vez a festa do Natal dos filhos do pessoal da União Eléctrica Portuguesa (Sul), no grande Salão Recreio do Povo, em Setubal. Tradicionalmente encantadora, pelo ambiente de carinho criado á volta das crianças, esta festa, como nos anos anteriores, deixou em todos aqueles que a ela assistiram bem vinculada a impressão de unidades e interesse do pessoal da U. E. P. pela sua Empresa, que, nos mínimos pormenores é sempre evocada com simpatia e amizade.

Começou a festa, como já é hábito, pela distribuição de brinquedos e bolos a 460 crianças. A alegria comunicativa dos contemplados encheu desde logo o ambiente e prolongou-se durante toda a festa com o encanto especial de uma família bem unida.

Apresentaram-se depois os palhaços Armando & Anhuk que fizeram os encantos da pequenada.

Seguiu-se a representação de uma revista-fantasia intitulada «Esta é a Nossa Casa», em 1 acto e 12 quadros, da autoria do operário João Silva, com musica do maestro Celestino Rosado Pinto.

Se o autor não necessita referência especial, pelas provas já anteriormente dadas, o que é certo é que, desta vez, se excedeu a si próprio, em bom gosto, diálogo e ineditismo, conseguindo, num espectáculo de amadores, prender a atenção de todos os presentes, durante a representação. Não faltou a nota emocional do carinhoso apego do pessoal pela empresa que serve, aproveitando sempre a ocasião para, publicamente, ser apresentada a gratidão pelos seus dirigentes. Foram especialmente focadas as figuras dos srs. engenheiro Paulo de Barros, gerente da empresa, pelo muito que tem feito pelo seu pessoal; Henri Perron, chefe dos Serviços de Exploração, a quem foi também prestada carinhosa homenagem num quadro intitulado «Uma Figura Querida», e engenheiro Armando de Medeiros, principal impulsionador destas festas, ás quais se dedica sempre de alma e coração.

De destacar um numero encantador — «A dança dos passaros» — executada por crianças e que resultou numa realização impecável; o quadro «Praça Bocage», com a dança das musas a acompanhar a declamação, por João Lucio, de alguns sonetos de Bocage e vários outros numeros, que, pela sua originalidade, bem cabiam em qualquer espectáculo de maior responsabilidade.

A fechar tão interessante revista, uma apoteose maravilhosa, acompanhada pela apresentação de um quadro de honra em que figuravam aqueles que tinham completado 25 anos de serviço dedicado á U. E. P.

Na interpretação não há nomes a destacar, pois todos deram o melhor do seu esforço e carinho para que o espectáculo se revestisse do encanto que já é tradicional.

Finda a representação, o sr. engenheiro Paulo de Barros procedeu á distribuição das bolsas de estudo concedidas pela empresa aos filhos dos seus empregados, para lhes servir de estímulo á sua educação, tendo em seguida dito palavras repassadas de comoção e dedicadas ao pessoal, que por ele tem sempre mostrado particular carinho.

O eng. Paulo de Barros e sua esposa entre o pessoal da U. E. P. e suas famílias que assistiram á festa de Setubal

Como nota sempre comovedora foram oferecidos, no final da festa, bonitos ramos de flores ao sr. eng. Paulo de Barros e a sua esposa, sr.ª D. Maria Antónia de Barros.

Assistiram também a esta linda festa o sr. presidente da Camara e família e todo o pessoal superior da empresa.

«Os Navegantes da Alegria»

A exemplo do que faz todos os anos, desde 1951, o grupo excursionista «Os Navegantes da Alegria» distribui amanhã, ás 15 horas, na sua sede, na Rua do Saco, 56, roupas, brinquedos e guloseimas a um grupo de criancinhas pobres da zona do Campo de Santana. Será também entregue o prémio ao menino Miguel Ferreira Flávio, de Algés, vencedor do «Concurso do Natal e do Ano Novo».

OSIÇÃO
A DONA LEONOR»
nente no dia 7 de Janeiro a Expo-eonor», organizada pela Fundação no Mosteiro da Madre de Deus.
a Exposição estará aberta ao pú-horário :
ncluindo domingos, das 15 às 20
11,30 às 0 horas nos dias 3, 4, 6

Dinheiro
LISBOA Rossio, 3 Tel. 21391 30257
EMPRESTAMOS s/ automoveis e prédios
2 E 24 HORAS - JURO DE LEI
MÁXIMO SEGREDO
AVALIAÇÕES GRÁTIS
PORTO R. P. Manuel 14 Tel. 27011 28121
A CONFIDENTE
a maior organização do país

DESPORTOS

O «NACIONAL» DA 1.ª DIVISÃO

Belenenses - Vitória de Guimarães

o grande jogo da 15.ª jornada

reune condições para ser um bom espectáculo

Um jogo domina, em interesse, os restantes da 15.ª jornada do Campeonato Nacional da 1.ª Divisão, segunda da 2.ª volta: Belenenses-Vitória de Guimarães — os imediatos perseguidores do Benfica. O embate entre dois grupos que atravessam um magnífico estado psicológico além de prometer um jogo de bom conteudo técnico pode favorecer as pretensões dos «encarnados», que actuam «em casa». Admitindo-se a hipótese do empate, a vantagem do Benfica aumentará. Outro provável beneficiado é o F. C. Porto, que é visitado, e que tem á sua frente a perspectiva de se isolar no 3.º lugar.

A ronda de amanhã engloba os seguintes jogos:

Belenenses-V. Guimarães
Torriense-V. Setubal
F. C. Porto-Lusitano
Spt. Braga-Sporting
Barreirense-C. U. F.
Benfica-Caldas
Spt. Covilhã-Académica

No Restelo, como se disse, trava-se o encontro mais importante da jornada. A vitória dos Vimaranenses, no passado domingo, e o facto de ocuparem o 2.º posto na classificação, com três derrotas apenas e o excelente «score», 37-26, contribuem para criar uma expectativa especial que decerto levará muito publico ao parque dos Belenenses. Por sua vez os «azuis», em sólida forma, têm a seu favor a circunstancia de não haverem sido derrotados no seu campo. Prevê-se portanto, um jogo vibrante e capaz de fornecer um bom espectáculo, apesar dos visitantes não poderem contar com os seus brasileiros Edmur e Carlos Alberto. Mas parece que sem eles o grupo tem mais força, aliás, a prova foi dada contra o Benfica. Prognóstico? O favoritismo do Belenenses afigura-se nítido, pelo que a sua vitória é de admitir.

Os «encarnados» na Luz

Não é natural que o Benfica, a jogar no seu ambiente, sofra um contratempo desagradável, visto que a categoria dos Caldenses não pressupõe, para si próprios, um êxito fácil. Prevê-se, por conseguinte, um encontro tranquilo, para os «encarnados», um ensejo para «acertar agulhas». Estamos em crer que os «artilheiros» da Luz irão desfrutar de muitos ensejos para mostrarem a sua perícia e pontaria, mas há que contar com a oposição da defesa visitante.

Um F. C. Porto sereno

No seu magnífico Estádio das Antas, o F. C. Porto recebe o Lusitano. Julga-se, aliás os factos têm-no demonstrado, que os Nortenhos actuarão com a indispensável serenidade para se imporem aos Ebo-renses. O novo estilo dos «portistas», ainda não afinado como convém, deverá bastar para resolver as dificuldades que os visitantes porventura possam provocar.

Os «leões» em Braga

A «nova» formação do Sporting tem a sua primeira deslocação. A curiosidade, portanto, é considerável, visto que os Bracarenses constituem um grupo cheio de personalidade quando actuam no seu ambiente. Os Lisboetas, de posse de um fio de jogo influente, reunem no entanto condições para torne-arem as naturais dificuldades, mas a previsão de uma vitória fácil constitui um enigma. Será melhor afirmar que o encontro será rijamente disputado e que o triunfo penderá para a equipa que disponha de melhores rematadores.

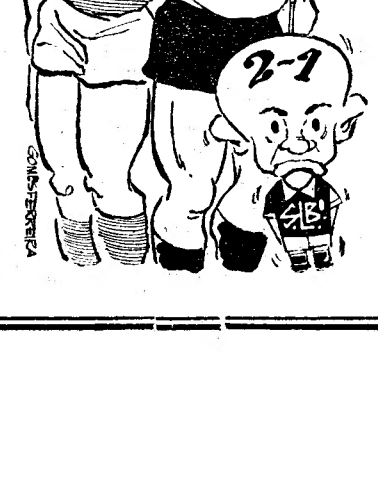
Nos restantes jogos, qualquer deles deveras interessante, o favoritismo deverá ser atribuido aos visitados, Torriense, Barreirense e Sporting da Covilhã, embora os visitantes levem na sua bagagem armas capazes de desmentir a previsão, principalmente os Sadinos.

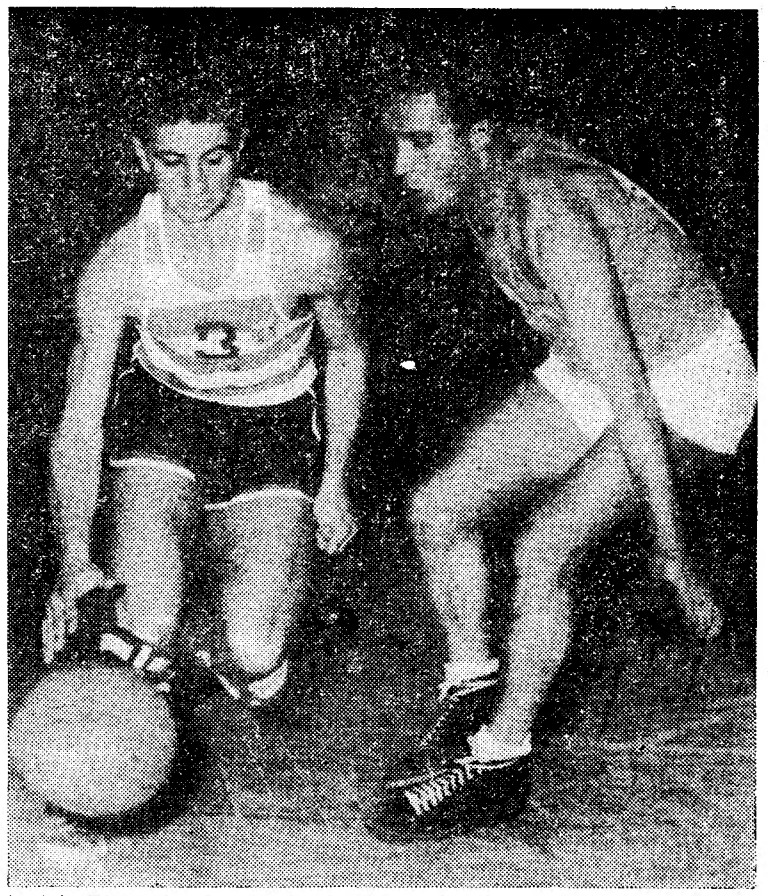
Equipas prováveis

BELENENSES — José Pereira; Pires e Carlos Silva; Carlos Manuel Silva, Figueiredo e Vicente; Dimas, Yauca, Tonho, Matateu e Tito. V. GUIMARAES — Sebastião; Daniel e Abel; Virgílio, Silveira e João da Costa; Bártolo, Augusto Silva, Romeu, Carlos Alberto e Rola.

TORRIENSE—Montero; António Costa e Bernardes; Helder, António Manuel e José da Costa; Isidro, Saldanha, Azevedo, Vítor e Bezerra. V. SETUBAL — Justino; Polido e

(Continua na página seguinte)





António Féu, o jogador sportinguista em melhor forma, conduz a bola perante a ameaça de um belenense

«REGIONAL» DE BASQUETEBOL

O Sporting pode considerar-se

mais uma vez campeão e o Nacional fixou-se no 4.º lugar

Nacional, 44-Atlético, 27
Tabacos, 54-C.A.C.O., 70
Sporting, 67-Belenen., 57
Benfica, 57-Queluz, 45

A quinta ronda da segunda volta do «Regional» proporcionou-nos um encontro de verdadeiro entusiasmo, uma autentica partida de campeonato.

O Sporting saiu vencedor com todo o mérito, principalmente, pelo que jogou na primeira parte, revelando ser uma equipa completa, adaptando-se com extrema facilidade ás exigências da luta, e, sobretudo, ás contingências destes encontros que são férteis em questões de difícil resolução.

Até ao intervalo, os «leões» que venciam por 40-28, demonstraram uma capacidade mais do que suficiente para alcançarem o triunfo final. Os «azuis», que ensaiaram várias jogadas para o rompimento da defesa contrária, não atinaram, porém, com o sistema mais prático para atingirem o fim em vista.

Diga-se, porém, que Herminio Barreto foi o jogador sportinguista que soube dar confiança aos restantes companheiros para que a equipa não fosse surpreendida pelos contra-ataques dos Belenenses. Este excelente defesa foi em parte auxiliado na sua árdua tarefa pelos dois «postes» leoninos — Garranha e Abílio. A luta de tabelas, principalmente, nos primeiros vinte minutos, pendeu sempre para o lado dos «leões».

A equipa vencedora utilizando o sistema homem-a-homem, provocou nos «azuis» certa confusão e incapacidade de organização. Há que realçar, todavia, a elevação com que o belenense Carlos Brito se houve a ensinar o caminho para furar a defesa «leonina», especialmente, na segunda parte. Para dar uma ideia da ineficácia do belenense Franco, o homem-marcador do conjunto, basta dizer que no primeiro tempo não foi além de 13 pontos e na segunda parte só conseguiu um lance livre (1 ponto). A incapacidade deste jogador foi também motivada pela vigilancia de que foi alvo.

A ofensiva sportinguista mostrou-se aguerrida nos primeiros vinte minutos da partida e a tal ponto foi esforçada que obrigou os Belenenses a acumularem grande numero de faltas pessoais que mais tarde vieram a ter influência na condução do jogo. Registe-se, assim, que Fernandes foi desclassificado (o melhor meia distancia dos «azuis») aos 55-42 e Carlos Brito (grande orientador) aos 67-53 e que Neves, Wilson, Almeida, Gatinho e Pinheiro estavam «apontados» com três faltas pessoais cada. Este pormenor tirou á equipa belenense aquele impulso no contra-ataque tão peculiar e do agrado dos seus adeptos. Sem esta arma, que costuma resolver os problemas dos «azuis», a vitória não podia de forma alguma pender para o seu lado.

Os «leões», que quebraram bastante na segunda parte, não foram neste espaço de tempo tão demolidores ou porque acusaram esforço violento despendido no inicio da partida ou porque guardaram reservas físicas para o final da partida pondo-se, assim, a coberto de qualquer surpresa do adversário. O encontro teve, na realidade, duas faces como as moedas. A primeira, brilhante, cheia de despique e emoção, com excelentes jogadas, enfim uma primeira parte jogada sem a preocupação do resultado; a segunda, opaca, pois os grupos quebraram e pensaram demasiado no resultado, evitando jogadas que podiam ser fatais. Enquanto os «leões» com os seus jogadores de encestamentos, tiravam partido das ofensivas (salvo J. Santos que não esteve feliz) os «azuis», modificando num momento crucial a sua formação base, não souberam encestar na ocasião própria.

No capítulo da arbitragem há que afirmar, que tanto Artur Tavares como André Costa e Silva não estiveram felizes. O seu trabalho não foi claro, talvez, devido ao ambiente que era, na verdade, «escaldante».

Nos outros jogos, o Nacional mantendo a tradição, ganhou ao Atlético, com certa facilidade, mas com um «score» que não ilustra nada os seus «jogadores de cesto». Ao intervalo, os 16-11 são claros e convincentes quanto ao facto que atrás apontámos. Os Alcantarenses também sem encestadores obtiveram o pior resultado deste campeonato. Se jogassem, assim, no próximo encontro contra o Campo de Ourique, que decide a sua baixa ou não de Divisão, estariam irremediàvelmente perdidos.

O triunfo obtido pelo Campo de Ourique foi merecido pelo empenho que revelou em todo o decorrer da partida. O Tabacos já perdia ao intervalo por 30-37 e daqui por diante não mostrou talento, nem vontade para destronarem as ofensivas dos vencedores. Dois jogadores do C. A.

(Continua na página seguinte)

O «NACIONAL» DA 2.ª DIVISÃO

No Montijo e em Almada

travam-se as lutas de maior interesse

Mais uma jornada do campeonato nacional da 2.ª Divisão está marcada para amanhã; a 18.ª, ficando assim vencido o segundo terço da competição.

O programa da Zona Norte oferece os seguintes desafios:

Boavista (23)-Gil Vicente (14) ... (5-4)
Oliveirense (19)-Vianense (12) ... (3-1)
Chaves (17)-Espinho (19) ..... (2-4)
Tirsense (17)-Vila Real (17) ..... (2-4)
Peniche (17)-Sanjoanense (16) ... (1-2)
Marinhense (17)-Salgueiros (19) (1-4)
Portalegrense (5)-Leixões (26) ... (1-6)

Só nos dois primeiros destes encontros as equipas visitadas ganharam os correspondentes jogos da 1.ª volta. Isto quer dizer que nada menos de cinco equipas vão aproveitar o ensejo de actuarem em casa para se lançarem mais entusiásticamente na busca da desforra.

Admite-se que o Boavista e a Oliveirense confirmem os triunfos anteriores, tal como o guia da classificação, não obstante deslocar-se ao campo do adversário. Mas, este é o «lanterna-vermelha» e há uma diferença de 21 pontos a separar o 1.º do ultimo da tabela.

Relativamente aos restantes encontros — em Chaves; Santo Tirso, Peniche e Marinha Grande — não repugna conceder favoritismo aos locais.

Na Zona Sul o programa é o seguinte:

Oriental (17)-Coruchense (10) ... (2-1)
Farense (19)-Serpa (12) ..... (5-3)
Arroios (11)-Juventude (14) ..... (2-2)
Sacavenense (11)-Portimonense (18) (1-1)
Almada (20)-Olhanense (24) ..... (1-2)
Beja (10)-Estoril (20) ..... (1-2)
Montijo (21)-Atlético (29) ..... (2-7)

Volta a haver uma jornada com todas as equipas da A. F. L. a defrontarem grupos de outras Associações. A «ronda» não se apresenta de mau cariz para os grupos lisboetas, pois não custa a acreditar que o Oriental, o Arroios e o Sacavenense, aproveitando a circunstancia de serem visitados tirem dela partido para decidirem as contendas a seu favor, ainda que não possam deixar de pensar em réplica esforçada dos adversários. O Farense, também é favorito.

Os jogos que se efectuam no distrito de Setubal — Montijo e Almada — com o guia e o subguia em acção, merecem as atenções geris, pois admitem-se nítidas dificuldades para o Atlético e para o Olhanense, porquanto os adversários são animosos e precisam de ganhar para satisfação das suas aspirações.

Em Beja pressente-se luta equilibrada.

Competições da A. F. L.

Prossegue amanhã, com uma jornada de muito movimento, a actividade da A. F. L. O calendário de provas marca os seguintes quarenta desafios:

Camp. distrital da 1.ª Divisão—Desp. Olivais-F. Benfica, em Moscavide, ás 10.30 h. (honra) e ás 13 (res.); Operário-Casa Pia, em Chelas e Aiverca-Alhandra, em Alverca, ambos ás 15 h. (honra) e 13 h. (res.); Vilafranquense-Vitória, em Vila Franca, e S. T. Olivais-Sintrense, nos Olivais, ás 15.30 h. (honra) e 13.30 (res.).

Camp. distrital da 2.ª Divisão — Fanhões-Castelo, em Fanhões, Ericeirense-Palmense, na Ericeira; Odivelas-Povoense, em Odivelas; Amoreiras-Charneca, em Palma; Santa Iria-Amadora, em Santa Iria — todos ás 15 horas.

Camp. distrital da 3.ª Divisão — Série A — Linda-a-Velha-Queluz, no E. Nacional; Alto da Eira-Lourel, na Picheleira; 1.º de Dezembro-Cascalheira, em S. Pedro de Sintra; Algés-Belas, em Algés; Carcavelos-Cacém, em Carcavelos — todos ás 15.30 h.

Série B — Castanheira-Zambujalense, na Castanheira; Caneças-Camarate, em Caneças; Povoense-A. C. Bucelense, na Póvoa de Santo Adrião; Malveira-Vialonga, na Malveira; Tojal-Pinheiro de Loures, no Tojal; Loures-P. de Frielas, em Loures — todos ás 15.30 h.

Camp. de juniores da 1.ª Divisão (fase final). Série A — Benfica-Algés, no Campo Grande; S. L. Olivais-Oriental, nos Olivais — ambos ás 10.30 h.

Série B — Sporting-Atlético, em Alvalade; Torriense-Belenenses, em T. Vedras — ambos ás 10.30 h.

Camp. de juniores da 2.ª Divisão — Série A — Operário-Vitória, em Chelas, ás 9 h.; Santa Catarina-Algés, em «Pina Manique», ás 9.45 h.; Mirantense-Linda-a-Velha, em Palma, ás 11.15.

Série B—Sintrense-Sporting, em Sintra, ás 10.30 h. F. Benfica-Amoreiras, em Benfica, ás 11 h.; Amadora-Queluz, na Amadora, ás 11 h.; Casa Pia-R. Ianeiro, em «Pina Manique», ás 11.30 horas.

Série C — Desp. Olivais-Camarate, em Moscavide, ás 9 h.; Vilafranquense-Alverca, em V. F. Xira; Oriental-Sacavenense, em Marvila, ás 10.30 h.

Várias provas de amanhã

BASQUETEBOL

Campeonato da 3.ª Divisão da A. B. L. — Série A (9.ª jornada) — Lisgás-Santa Catarina, em C. Ourique, ás 10 e 11 h.; *Série B (conclusão da 1.ª fase)* — Internacional-Alvalade, nas Telheiras, e Campolide-Arroios, no B. da Liberdade, ambos ás 10 h.

Camp. de juniores e infantis (6.ª jornada) — Educação Física-Benfica, em Torres, ás 10 e 11 horas; Belenenses-Sporting A, no Restelo, ás 10 e 11; Sacavenense-Cruzquebradense, em Sacavém, ás 10 e 11; e Oriental-Rio Seco (juniores), em Xabregas, ás 10, da série A, L. Ginásio-Maria Pia, em S. Gens, ás 10 e 11; Paço de Arcos-Boa Hora, em Paço de Arcos, ás 10 e 11; Algés A.-Sporting B, em Algés, ás 10 e 11; e Pedrouços-Liberdade (juniores), ás 10 horas, em Pedrouços, da série B. Ateneu-Atlético, no Ateneu, ás 10 e 11; Campolide-Carnide (juniores), no Bairro da Liberdade, ás 10; Sporting C-Carnide (infantis), no Passadiço, ás 10; Nacional-Alvalade (infantis), em S. Bento, ás 11; e Queluz-Moscavide (juniores), em Queluz, ás 10 horas, da série C.

Combatentes-Maria Pia, nos Combatentes, ás 11; Tabacos-Casa Pia, nos Barbadinhos, ás 11; e C. D. U. L.-Benfica, no Técnico, ás 10 horas, em juniores.

CORTA-MATO

Nos terrenos do Estádio Nacional, ás 10,30 h., terceira competição da temporada: torneio regional de principiantes.

DESPORTO CORPORATIVO

17.º Campeonato Nacional de Futebol (distrital de Lisboa). 1.ª Divisão — Guerin-C. Telefones e C. P. Pesca-Refinaria do Ultramar, em Belém, ás 13 e ás 15 horas; F. C. Regina-F. Cimento Tejo e Companhia Carris-S. C. Cervejas, na Picheleira (Comp. Telefones) ás 9 e ás 13 horas; F. L. Sacavém-Oficinas de S. José, em Sacavém, ás 10.15 horas.

2.ª Divisão (série B): Cinema Condes-B. Carenque e Ar Liquido-Standard Eléctrica em Belém, ás 9 e 11 horas; Simca Portuguesa-S. C. Cervejas, na Picheleira (Comp. Telefones) ás 15 horas; Agência C. Sueca-Fábrica Simões, no campo «F. Lázaro», ás 9 horas.

Série C — C. N. Electricidade-Cadeia Monsanto, na Picheleira (Comp. Telefones), ás 11 horas.

HANDEBOL

Campeonato de Lisboa (Divisão de Honra) 8.ª jornada — Almada-Sporting, na Mutela, ás 9,30 h. (2.ª cat.) e no Pragal, ás 12,15 (1.ª); Glória-Oriental, no Estádio Nacional, ás 10 h. (1.ª cat.); Belenenses-Alverca, no Restelo, ás 9 e 10,15 (2.ª e 1.ª cat.); Liberdade F. C.-Benfica, na Mutela, ás 13 h. (1.ª cat.).

1.ª Divisão — Académica Amadora-Alhandra, na Amadora, ás 13,30 h.; C. Piedade-Ginásio do Sul, na Cova da Piedade, ás 12 h.; Rio de Janeiro-Hoquei, em Pina Manique, ás 15 h.

Campeonato de juniores (1.ª jornada) — Almada-Belenenses, no Pragal, ás 9 h.; Benfica-Oriental, no Campo Grande, ás 9 h.; Sporting-Cova da Piedade, em Alvalade, ás 9,30 h.

HOQUEI EM CAMPO

Campeonato de Lisboa (4.ª jornada da 2.ª volta) — Atlético-Belenenses, na Tapadinha, ás 8,15 e 10.15 (res. e honra); Benfica-Futebol Benfica, no Campo Grande, ás 11 e 15,30 h. (res. e honra); Hoquei-E. Amadora, na Amadora, ás 9 h. (honra).

Sobem de número

os convites para a deslocação de atletas portugueses ao estrangeiro

A classe dos nossos atletas parece estar a subir de cotação, principalmente, entre os pedestrianistas, visto que os convites para a deslocação ao estrangeiro aumentam de numero, de época para época. A este facto, não deve ser alheio o valor de Manuel Faria e ainda a boa classificação das equipas nacionais no «Cross das Nações».

Desta maneira, vejamos quais foram os convites, até agora, feitos para a deslocação de atletas portugueses. Além da ida de Manuel Faria, ao Brasil, onde disputou a famosa «Corrida de S. Silvestre», aquele fundista recebeu um convite para tomar parte no corta-mato de Hannat, na Bélgica, no dia 1 de Fevereiro. Não esqueçamos que o campeão nacional já esteve em Barcelona, na corrida «Jean Bouin» e que uma equipa do F. C. Porto, com Armando Leite á cabeça, se deslocou a Vigo, a fim de ali participar no «Grande Prémio do Natal».

O convite para a deslocação de cinco atletas a Sevilha, teve de ser anulado por a eFderação não dispor de atletas para formar uma equipa conjugna; Helio Duarte e Manuel Faria, foram agora convidados para irem a Valência, assim como uma equipa de corta-mato deverá estar presente em S. Sebastian, no dia 25 de Janeiro. Finalmente, existe um convite para a corrida de Saint-Lambert, na Bélgica, feito pelo Royal White Star Athletic Club. A deslocação será composta por seis atletas, que deverão actuar no dia 4 de Abril naquela cidade flamenga.

Um barco de borracha

vai tentar a travessia entre Buenos Aires e Nova York

BUENOS AIRES, 3 — O desportista austríaco, Mirko Tapavica, vai tentar fazer a travessia de Buenos Aires a Nova York num barco de borracha. A viagem deve durar cinco meses. Neste trajecto de 12.000 quilómetros, o desportista austríaco alimentar-se-á de algas marinhas e peixe que espera apanhar com um aparelho de pesca submarina. — (F. P.).

PUGILISMO

A 19.ª vitória consecutiva de um meio-médio americano

NOVA YORK, 3 — O pugilista norte-americano Denny Moyer obteve ontem á noite a sua 19.ª vitória consecutiva, como profissional, ao derrotar aos pontos o mexicano Gaspar Ortega, dos meios-médios, num combate de dez assaltos disputado no Madison Square Garden. — (A. N. I.).

FUTEBOL

A D. G. D. anulou o acórdão do Concelho Jurisdicional da F. P. F. relativo à suspensão de Hernani

A D. G. D. acaba de atender o recurso apresentado pela direcção da F. P. F. sobre um acórdão do Conselho Jurisdicional do mesmo organismo, anulando-o, pelo que o jogador Hernani terá de cumprir o castigo de 30 dias de suspensão. Da decisão da D. G. D. não há recurso. Espera-se agora que a F. P. F. esclareça a situação do jogador que chegou a estar inactivo 13 dias

O brasileiro Duca ingressou no Desportivo da Corunha

CORUNHA, 3 — O Brasileiro Duca assinou ontem á noite contrato com o Clube Desportivo da Corunha.

O antigo jogador do Flamengo recebeu 750.000 pesetas por três anos, — cerca de 375 contos — além dos prémios.

O Corunha compromete-se também a disputar um jogo contra o Flamengo no Rio de Janeiro, em 1960. — (A. N. I.).

A taça «Salazar» em Luanda

LUANDA, 3 — A contar para a Taça «Salazar», o Ferroviário bateu o Benfica por 6-2 e o União empatou com o S. Paulo, a zero bolas.

O Ferroviário e o Sporting mantêm-se, invictos, no comando da classificação. — (A. N. I.).

O Vitória de Guimarães convidado a exibir-se em África

O Vitória de Guimarães recebeu um convite para efectuar uma série de 10 jogos em Africa após a conclusão da Taça de Portugal.

No Sporting

Os corpos gerentes tomam posse no próximo dia 7

Na sede do Sporting, tomam posse no próximo dia 7, quarta-feira, os corpos gerentes do clube eleitos na assembleia geral extraordinária efectuada no passado dia 15 de Dezembro. O acto realiza-se ás 22 horas.

DESPORTOS

Nacional Primeira Divisão

(Continuação da página anterior)

Manuel Joaquim; Alfredo, Vaz e Serra; Mateus, Inácio, Fernandes, Miguel e Virgílio.

F. C. PORTO—Pinho; Virgílio e Barbosa; Roberto, Arcanjo e Monteiro da Costa; Carlos Duarte, Oscaldo Silva, Noé, Teixeira e Perdigão. LUSITANO — Vital; Vicente e Narciso; Olmedo, Falé e Garcia; Fialho, Marciano, Flora, Batalha e José Pedro.

S. BRAGA—Noqueira; Armando e José Maria Azevedo; Passos, Narciso e Pinto Vieira; Rafael, Ferreirinha, Teixeira, Mendonça e José Maria Matos. SPORTING—Octávio; Lino e Hilário; Julius, Osvaldinho e Mendes; Hugo, Vasques, Martins, Travaços e Morais.

BARREIRENSE—Bráulio; Fanca e Abrantes; Lança, Pinto e Silvino; Freire Correia, José Augusto, Faia e Godoy. C. U. F.—José Maria; José Luís e Albaroado; Oliveira, Carlos Alberto e Orlando; Rodrigues, Moreira Arsénio, Gastão e Uria.

BENFICA—Costa Pereira; Serra e Angelo; Neto, Artur e Alfredo; Palmeiro, Chino, José Aguas, Coluna e Cavém. CALDAS—Rita; Amaro e Rogério; Pastorinha, Saraiva e Orlando; João, Anacleto, António Pedro, Mateus e Lenine.

S. COVILHÃ—Rita; Helder e Couceiro; Lorenzi, Lourenço e Cabrita; Mantcigueiro, Martinho, Suarez, Gabriel e Oscar Silva. ACADEMICA — Teixeira; Araujo e Bento; Gil, Marta e dr. Torres; Chipenda, Humberto, Rocha, Miranda e Bentes.

A «CORRIDA DE S. SILVESTRE»

Manuel Faria

desmente que tenha influído na desistência do francês Bernard

SÃO PAULO — O Português Manuel Faria era, juntamente com o Argentino Suarez, favorito na corrida de S. Silvestre. Ambos conheciam já o percurso, tendo o Português, além disso, o reconforto moral de duas vitórias precedentes.

Contudo, só conseguiu o segundo lugar. Os prognósticos e as suas próprias declarações, no momento da partida, foram desmentidas pois todos estavam persuadidos de que ganharia a prova pela terceira vez.

— Porque razão não ganhou a corrida deste ano?

— Por duas razões. A primeira é que Suarez estava em forma excepcional do que teremos de dar-nos conta de futuro. A segunda é que sofri dma perda de velocidade.

— A batalha ue Suarez travou contra si, desde o começo, não teria tido qualquer influência?

— Não. Suarez sabia bem o que o esperava e desde o começo começou a afastar-se, tanto mais que o homem, que, comigo teria podido neutralizar esse esforço, falhou. Tanto Amorós, que se incorporou na corrida demasiado tarde, como Bernard, que teve de abandonar devido a esgotamento e que eram os mais indicados para contrabalançar os esforços do argentino, não se encontravam a meu lado no momento preciso. O triunfo de Suarez foi, desde o começo, bem merecido e indiscutível. Nestas condições, o facto de ter conquistado o segundo você empurrou Bernard e foi isso uma das razões que o levou a abandonar foi para mim perfeitamente aceitável.

— Segundo boatos que correm, donar a corrida...

— Se diz isso de brincadeira, perdoou-a. No caso contrário não admito essa censura pois não sou desses... Em toda a minha carreira desportiva, nunca ninguem disse nada contra mim pois sempre agi com nobreza e lealdade, qualidades que não devem faltar em nenhuma prova desportiva e especialmente na de S. Silvestre.

— O que pensa do Grande Prémio das Nações?

— Na verdade, não sei o que dizer, sobretudo este ano que se realizará em Lisboa e em que terei de fazer um grande esforço para correr perante os meus compatriotas que depositam em mim toda a sua confiança. E se bem que as grandes vedetas do atletismo europeu tomarão parte na prova, tentarei colocar-me o melhor possível.

— A' parte Suarez, qual foi o melhor corredor de S. Silvestre?

— Sem discussão nenhuma, os Espanhóis fizeram grandes progressos. Deram disso provas, ganhando a classificação por equipas e tendo três homens entre os sete primeiros.

— Tenciona voltar no próximo ano?

— Enquanto correr, não faltarei a essa prova que é para mim de tradição. E a partir deste momento farei o possível por estar em boa forma e ganhar pela terceira vez essa corrida. Será um presente a oferecer a um filho que espero de aqui a alguns meses. — (F. P.).

Manuel Faria corre hoje

Os atletas estrangeiros, que se encontram em S. Paulo, apresentam-se hoje, á noite, numa reunião de atletismo que se realizará no Estádio de Pacaembu.

O programa prevê, pela ordem, a partir das 20 e 30, as seguintes provas: 10.000 metros, 1.500 metros, 3.000 metros, 5.000 metros e estafetas de 4x400 (só com Brasileiros).

Os atletas poderão escolher, até á altura do início das provas, aquelas em que desejem participar.

Manuel Faria regressa a Lisboa no dia 7, num avião da Luftansa.

MOSAICO INTERNACIONAL

Faça economias para o Campeonato do Mundo, eis o «slogan» que lançaram as agências de turismo e de viagem. Os bilhetes de entrada nos campos só serão postos à venda um ano antes, isto e, em 1961. Mas, entretanto, foi imaginado um sistema muito engenhoso, elaborado pelos Chilenos, o qual permitirá aos adeptos europeus e sul-americanos pagar lentamente a sua digressão ao Chile, incluindo o preço dos bilhetes.

* * *

Não é possivel, em definitivo, organizar-se na presente época o campeonato do Mundo de clubes O projecto está em marcha, mas os Sul-Americanos não podem realizar a tempo a sua competição. Deste modo a C. B. D. do Brasil propôs um desafio-ensaio, a disputar em Julho de 1959, entre o campeão do Brasil e o vencedor da Taça dos Campeões Europeus.

* * *

Chegou a hora de Stabile. As notícias recebidas na Europa dizem que o famoso técnico argentino foi afastado das suas funções, como reflexo, naturalmente, dos fracos resultados ultimamente obtidos pela selecção do seu país. Há alguma injustiça nesta decisão, pois não devia ignorar-se que o futebol do Rio da Prata sofreu uma grande «sangria» de valores, transferidos a peso de liras para o futebol transalpino.

* * *

O França-Itália inter-clubes está definitivamente fixado para Junho de 1959. O Comité Director da Liga Profissional Francesa recebeu já a confirmação da Liga Italiana.

O encontro abrange seis clubes de cada país: os quatro primeiros do campeonato da 1.ª Divisão e os «leaders» de momento dos grupos da 2.ª Divisão.

Este «encontro» de 1959 representará uma experiência, pois há a intenção de alargar os efectivos em luta.

* * *

A Federação Francesa de Futebol continua a opor-se ao concurso de prognósticos, tendo respondido nesse sentido ao Alto Comissário da Juventude e do Desporto. E' curioso observar que os Franceses, de ordinário abertos a todas as novidades, são na Europa os que mais combatem os concursos de prognósticos, embora reconheçam os benefícios que á sua sombra e noutros países os «desportos pobres» têm recebido.

* * *

Já aqui nos referimos á proposta da Grécia para ser criada uma Taça do Mediterraneo reservada às selecções de «esperanças» (menos de 23 anos) da Grécia, Espanha, França e Itália. O seguimento da iniciativa dependia, em primeiro lugar, da 3F (França). Ora, este organismo acaba de rejeitar a proposta, o que significa que os Gregos continuarão a ter uma actividade muito limitada, dada a hostilidade dos países vizinhos.

* * *

Os Parisienses continuam a espera do «estádio dos 100.000 espectadores». Entretanto, quando se realizam desafios importantes na Cidade da Luz as dificuldades são enormes para adquirir bilhete e o «mercado negro» funciona imediatamente. Há pouco disputou-se no Parque dos Príncipes o encontro Racing-Reims e mais de 3.000 pessoas ficaram de fora. As tribunas não puderam albergar todos os espectadores, alguns dos quais invadiram o recinto para se acomodarem junto as linhas de cabeceira.

* * *

O árbitro francês Guige foi homenageado em S. Paulo, sendo-lhe oferecido um apito de ouro, pela sua actuação no campeonato do Mundo. A cerimónia teve, durante algum tempo, um tom solene, mas o juiz «tricolor» quebrou essa solenidade quando, em dado momento, desatou a apitar estrondosamente.

* * *

Parece ter-se apagado a estrela do famoso jogador hungaro Kocsis. O treinador do Barcelona, Herrera, afirma que ele não é mais «cabeça de ouro», de tal modo que não tem mesmo lugar no ataque do grande clube catalão.

A grande figura desse ataque, considerado superior ao do próprio Real Madrid, é o jovem brasileiro Evaristo, um rapaz de 23 anos, inteligente e culto, pois estudava direito antes de vir para a Europa.

Quanto a Czibor, Herrera procura remediar o seu grave defeito: o magiar é terrivelmente pessoalista, tendo dificuldade em se integrar no jogo colectivo do «team» de Las Corts.

Ao que parece, o discutido técnico tem um unico problema na equipa: o lugar de defesa-central. As suas vistas incidem sobre o sevilhano Campanal, sendo pois de admitir que o esplêndido atleta andaluz acabe por ser o defesa-central do Barcelona. Se a questão for só de dinheiro, esse não falta aos «azuis-grená» da velha cidade condal.

Basquetebol

(Continuação da página anterior)

C. O. estiveram em grande plano: os irmãos Portela que obtiveram 80 % da pontuação da sua equipa.

O Benfica ganhou ao Queluz por 12 pontos, mas a cinco minutos do fim esteve em perigo e se não fosse a incerteza dos jogadores do Queluz, nos lançamentos ao cesto, teríamos que registar a surpresa da derrota dos «encarnados». Diga-se, porém, que a equipa não esteve bem, pois os seus jogadores mostraram propósitos firmes de não se entenderem, indo até ao ponto de alguns deles pedirem ao orientador, por gestos, a sua substituição. O problema dos «encarnados» mantém-se, portanto, mesmo depois das aquisições que fizeram esta época.

O Queluz, com um pouco de sorte e maior vontade principalmente no primeiro tempo, teria resolvido, nesta ronda o seu problema de conservar-se na Divisão de Honra.

A classificação geral ficou assim ordenada:

	J.	V.	E.	D.	*Score*	P.
Sporting ...	12	11	—	1	941-559	34
Belenenses...	12	10	—	2	741-588	32
Benfica... ...	12	8	—	4	696-595	28
Nacional ...	12	6	—	6	568-540	24
Tabacos... ...	12	4	—	8	578-690	20
Queluz	12	3	—	9	505-648	18
Atlético... ...	12	3	—	9	504-683	18
C. A. C. O....	12	3	—	9	532-702	18

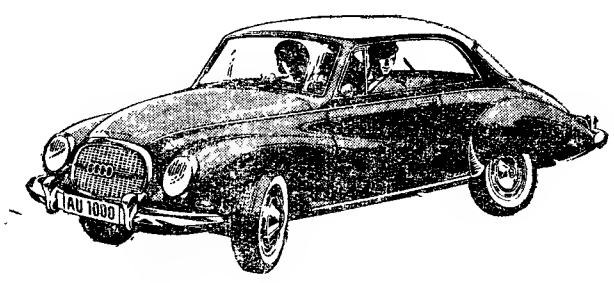
JOSÉ BATALHA

JÁ SE AGUARDAVA...!

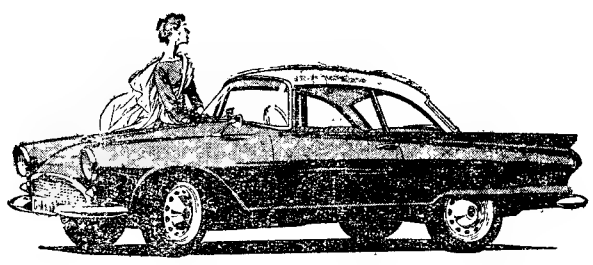
UM MAGNÍFICO CONJUNTO DE CLASSIFICAÇÕES OBTIDAS PELOS AUTOMÓVEIS

AUTO-UNION

NO FIM DO ANO AUTOMOBILÍSTICO DA FIGUEIRA DA FOZ!



IV RALLYE DO FIM DO ANO
1.º E 3.º NA SUA CATEGORIA



CONCURSO DE ELEGÂNCIA E CONFORTO
CLASSE GRANDE TURISMO CAT. A (até 1600 c. c.)
1.º — AUTO-UNION 1000 SPORT

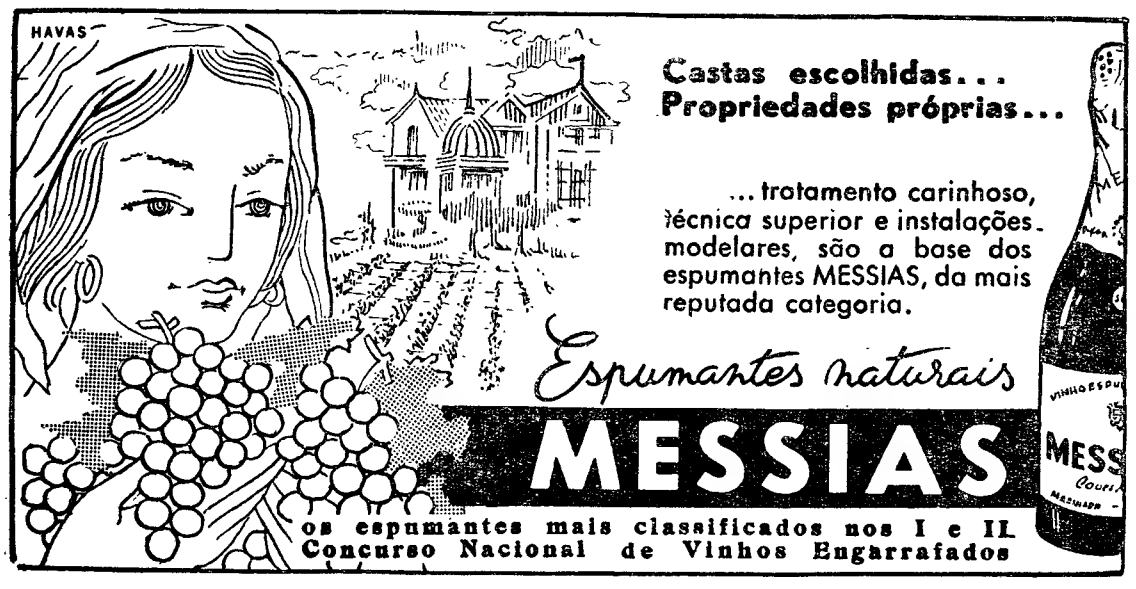
CLASSE TURISMO — CAT. A (até 1300 c. c.)
1.º e 2.º — AUTO-UNION 1000 COUPÉ DE LUXO

TAMBÉM PARA O RALLYE DE MONTE-CARLO DE 1959 OS AUTOMÓVEIS DKW E AUTO-UNION MERECERAM A PREFERÊNCIA DE 23 CONCORRENTES QUE CONSTITUEM ASSIM UM DOS MAIORES CONTINGENTES ENTRE AS MARCAS INSCRITAS NA PROVA DE ESTRADA MAIS RUDE DO ANO

ELES LÁ TÊM AS SUAS RAZÕES... SIGA O EXEMPLO DOS MAIS EXPERIENTES E DECIDA-SE POR UM AUTO-UNION 1000

O REPRESENTANTE — COMÉRCIO DE AUTOMÓVEIS DECAUTO S. A. R. L.
RUA DUQUE DE PALMELA, 27-A, 27-B — LISBOA

COM O MAIOR PRAZER LHE FACILITARÁ UMA DEMONSTRAÇÃO



MALHA A METRO

Liquidação total com grandes descontos

ARTIFACTOS DE MALHA DE LUXO, LDA.

continua a vender o seu stock de MALHA A METRO directamente ao publico na

RUA CAMILO CASTELO BRANCO, 1
(tornejando para a Rua Alexandre Herculano)

O abaixo assinado vem, para os devidos efeitos e conhecimento publico, declarar que desde 30 de Setembro próximo passado se encontra desligado da «Sociedade Empresa de Financiamento e Comércio, Ld.ª, que gira sob a denominação de «Enfina, Ld.ª», e tem a sua sede nesta cidade, na Avenida Almirante Reis, N.º 83-1.º andar-direito, sem responsabilidades de qualquer espécie, passadas, presentes ou futuras, em actos ou contratos de qualquer natureza que obriguem a Sociedade.

Mais declara que é da exclusiva responsabilidade do Sócio Gerente Ruy da Costa Pina e Brito o facto de não se ter ainda lavrado a escritura de cessão de quota, que por sucessivos adiamentos e sob vários pretextos tem vindo a protelar desde a data acima referida, não obstante as instancias feitas pelo signatário.

Lisboa, 31 de Dezembro de 1958.

Alvaro Cesar de Meireles
(Segue o reconhecimento)

Fernando Meneses

Comerciante na Beira — Moçambique

Agradece-se a quem possa indicar o seu paradeiro na Metrópole. Resposta á Sociedade Moçambique Exportadora, Ld.ª, Rua da Madalena, 113 r/c., Esq.º, Lisboa — Telefone 32492.

POLICLÍNICA DA RUA DO OURO

ENTRADA
RUA DO CARMO, 98-2.º

Dr. Amaro d'Almeida — Medicina. coração e pulmões — Às 18 horas.
Dr. Coelho de Castro — Cirurgia, ossos e articulações — Às 18 horas,
Dr. Miguel de Magalhães — Rins e vias urinárias — Às 13 horas.
Dr. Romão Loft — Doenças nervosas, electroterapia — Às 14 horas.
Dr. António Ferrão — Doenças nos olhos — Às 14 horas.
Dr. Fernando Vasconcelos Dias — Estomago, fígado, intestinos e doenças ano-rectais — Às 18 horas.
Dr. Mário Jacquet — Fisioterapia — Às 16 horas.
Dr. Casimiro Affonso — Doenças das senhoras e operações — Às 15 horas.
Dr. Gonçalves Coelho — Doenças das crianças — Às 18 horas.
Dr. Pinto Bastos — Boca e dentes, prótese — Às 10 horas.
Dr. Luís Malheiro — Pele e sifilis — Às 3.ªs, 5.ªs e sábados, das 14 ás 16 e 30 h
Prof. Dr. Aleu Saldanha — Raios X — Às 16 horas.
Dr. A. de Barros Simão — Garganta, nariz e ouvidos — Às 16 horas.

Em ALGÉS o «Diário de Lisboa» e o «Sempre Fixe vendem-se na Agência Cultural, Avenida Combatentes da Grande Guerra

---

PALAFRUGELL

+

Maria del Agua de Trill

1.º ANIVERSÁRIO

Seu marido, filhos e netos, mandam rezar amanhã, domingo, dia 4, pelas 12 horas no altar-mor da Igreja de Fátima, missa de sufrágo pelo seu eterno descanso.

P. N. A. M.

Leiam o «SEMPRE FIXE»

A última reforma das Faculdades de Letras

(Continuação da página central)

no ambito das disciplinas aí professadas. E acrescenta-se, sublinhando eu: «Estas três principais finalidades *tinham de condicionar o sentido da reforma*».

A questão de saber como tem sido efectivada a segunda daquelas finalidades responde o texto preambular ao novo regime de estudos: «*forçoso é reconhecer que ela não tem sido perfeitamente cumprida. Pode mesmo afirmar-se que só excepcionalmente os licenciados, após a formatura, se encontram aptos a cumprir cabalmente a função docente, quando nela investidos. E não só por falta de preparação pedagógica. Também, e sobretudo, por falta de sólida e vasta preparação científica*». E adiante: «*As causas desta situação deplorável não pode ser alheia a estrutura do próprio ensino universitário*».

A experiência docente leva-me a aderir a todos aqueles juizos, — salvo um: a de que o licenciado em Letras (e em Ciências também) *carece mais de preparação científica que de preparação pedagógica* quando se aventura a ser professor dos ensinos secundários (liceal e técnico).

Desde o inicio da carreira que sinto precisamente o contrário e o dobar dos anos só tem firmado mais a convicção, sem pretender que a primeira seja suficiente e sem esquecer as exigências próprias dos sucessivos escalões do ensino secundário, particularmente do 3.º ciclo liceal que se pretende propedêutico a estudos superiores.

Finalidade dos ensinos secundários

No fundo daquela discordancia está a finalidade essencial implícita ou explícitamente atribuida aos ensinos secundários. E' certo que, no rasto dos grandes doutrinadores da educação, os nossos doutos em matéria pedagógica (legisladores, inspectores, directores e outras autoridades escolares, autores de manuais para o ensino, examinadores, etc.) prontamente acordariam neste ponto: mais vale a «formação» que a «informação», a «inteligência» que a «memória», a qualidade que a quantidade, a profundidade que a extensão, etc.

E o ensino deveria organizar-se em conformidade. Mas não é isso que sucede. O licenciado investido na função docente que entra no Estágio ou, em maior numero, directamente no Liceu, na Escola Técnica, no Colégio, terá feito as suas Ciências Pedagógicas, e ouvido dizer aquelas coisas justas, lido a sua «sebenta», meditado mesmo, de um modo ou outro, os clássicos e os gigantes da pedagogia contemporanea; sente-se (quando sente) ardorosamente animado de nobres propósitos educativos; mas verifica (sem surpresa, se conserva a lembrança do aluno liceal ou técnico que foi) que a sua missão principal é, *e não pode deixar de ser, na presente rotina escolar*, muito outra: munir o aluno do saber que, prescrito num programa é indispensável, imediatamente, á aprovação em exame; e, mediatamente, a constituir base de acesso ou a uma profissão média ou a estudos de nível universitário.

Preparação cientifica e preparação pedagógica

Os nobres propósitos educativos são lançados ás urtigas, ou vêm por acréscimo e embaraço á tarefa mais ou menos estéril e mais ou menos esterilizante que dele, que de todos nós, geralmente se espera: *ensinar* uma bem nutrida e, muitas vezes, fastidiosa massa de noções e de factos; com ela o aluno se arma, vergado, para a batalha final do exame, e dela se desprende quase por inteiro e para sempre, ligeiro e feliz, se não sai derrotado da provação. Como *a preparação científica e literária do aluno* prevalece sobre quaisquer outras considerações enleados no sistema e no costume, os professores mais escrupulosos procuram cobrir deficiências próprias e reforçam a sua preparação cientifica ou literária. A *preparação pedagógica* de que se sente também carecido ficará para mais tarde, se lhe parecer que é possível e vale a pena!

Pois o que mais importaria, julgo eu, quase não tem lugar: *fazer aprender* aos alunos o que fosse essencial ás necessidades efectivas do seu crescer interno e ás exigências do mundo que é o seu, unico modo, aliás, por paradoxal que pareça, de o formar para o mundo que os espera e que sabemos, mal como venha a ser; levar os rapazes e as raparigas, em momento tão rico e disponivel da sua vida, a descobrirem-se, a valorizarem o melhor de si-mesmos, a organizarem-se como *pessoas*, autónomas e solidárias, mediante situações e tarefas adequadas. — Mas a ideia dominante é a da *preparação científica, técnica ou literária*, não a da *formação da personalidade*.

Por isso, a reforma das Faculdades de Letras considera «*indispensável*» — em plena coerência com a estrutura, o espírito, os usos e costumes do nosso ensino em geral, nomeadamente do secundário, — «*melhorar o ensino em extensão e profundidade; fornecer mais sólida preparação científica aos diplomados*».

Liceus e Faculdades

É curioso notar como dois professores universitários com experiência de ensino liceal foram conduzidos a afirmar, independentemente um do outro (em artigos de jornal e em conferência publica, respectivamente) e com intenção por certo depreciativa, que «*as Faculdades têm sido uma espécie de Liceus superiores*» (prof. Vieira de Almeida) e que «*os Liceus são como pequenas Universidades*» (prof. Delfim Santos).

Eis aí: a desejável unidade e continuidade profunda dos sucessivos patamares do ensino, do primário ao superior, tem-se buscado no *conteudo* desse mesmo ensino, variando a *quantidade* e o nível de dificuldade da massa proposta de *saber a adquirir*. Ora, eu creio que ela deveria buscar-se antes na *função* desse ensino, que, em todos os graus (universitário incluido!) é *a formação integral da pessoa*, variando embora, naturalmente, na sua *qualidade*, os meios e circunstancias da aprendizagem.

Em consequência, se não erro, o que mais importa é robustecer a formação pedagógica, não tanto a preparação científica, (que aliás não menosprezo), do diplomado que aspira á função docente

Entenderam o contrário aqueles que prepararam a decisão final do legislador. Julgo ter posto bem a claro o fundo da minha discordancia; a autoridade para discordar não será muita, mas não se ponha em duvida nem a boa fé, nem a vontade de acertar.

Animado de uma e outra, pretendo examinar as questões seguintes:

1.ª — porque razão «não tem sido perfeitamente cumprida» uma das finalidades das Faculdades de Letras, a da preparação dos professores dos ensinos secundários;

2.ª — se o novo regime de estudos poderá assegurar melhor cumprimento dessa proposta finalidade.

RUI GRÁCIO

Dizem os leitores...

As rendas no concelho de Oeiras

Recebemos a seguinte carta do sr. António dos Santos Mendes:

«Dizia o Governo, na sua ultima nota oficiosa, sobre a actualização dos vencimentos dos funcionários publicos, que de forma alguma isso constituiria pretexto para agravamento do custo de vida.

No dia 18 do corrente recebo em minha casa um aviso da Secção de Finanças do concelho de Oeiras, pedindo-me para comparecer na mesma, a fim de tomar conhecimento da nova renda que o senhorio exige, ou seja aproximadamente mais 120 %.

Interessante, não é verdade!

Note-se que já sofri uma avaliação com o consequente aumento, porque infelizmente o País está dividido em duas zonas, as cidades de Lisboa e Porto por um lado e o resto no outro, isto é, «filhos e enteados», ao abrigo da Lei 2030.

Mas o mais interessante disto é que há seis anos, a Presidência do Conselho nomeou uma comissão que devia estudar as zonas urbanas e suburbanas das mesmas cidades e delimitá-las ao abrigo da Lei mas parece-me que a referida comissão resolveu adormecer, e até hoje não deu acordo de si.

Como se vê, parece que realmente um organismo oficial como é uma Secção de Finanças, devia procurar impedir um agravamento do custo de vida, mas não o faz.

Não podemos viver dentro da cidade porque não há casas á medida do nosso orçamento familiar; não podemos viver na zona limitada porque estamos sujeitos a constantes avaliações!

Onde está a tal comissão?

Não será a vida mais cara na zona limitrofe?». — *António dos Santos Mendes.*

A situação dos reformados

Escreve-nos um funcionário aposentado:

No «Diário de Lisboa», de 24 do corrente, li uma carta subscrita por um funcionário aposentado, com o título acima mencionado, na qual é exposta a triste situação em que se encontram todos os aposentados anteriormente a 1958 e que não beneficiaram do acréscimo da base em que são calculadas as suas pensões.

Costuma dizer se que, «o Sol quando nasce é para todos». Estribado neste princípio humano e cristão, não sei, nem compreendo, o motivo por que os aposentados em referência, não foram também englobados nesse benefício, tanto mais que o ultimo suplemento que lhes foi concedido atingiu só 70 %.

Se a Caixa Geral de Aposentações não tem, como se diz, qualquer verba disponível para poder reforçar as pensões que concede aos reformados, não será ainda possível que o Estado subsidie, de qualquer modo, e adentro das possibilidades do Orçamento, a referida Caixa?

Há reformados cuja situação de miséria não se compadece com mais delongas e estudos. Parte desses funcionários constitui já um exército de inválidos e estropiados, e não tem outros recursos que não sejam as magras pensões que recebe, e as quais, as mais modestas, oscilam entre 500 e 1.000 escudos!

Ora, o nosso Governo, que mostrou agora ir mais desafogadamente melhorar as classes de todo o funcionalismo, praticaria mais um nobre e humanitário gesto, não se esquecendo dos reformados, gesto que, seria duplamente apreciado, não só pela massa dos funcionários aposentados, como, também, pela opinião publica que não deixaria de o aplaudir».

Um técnico português em missão no México

(Continuação da página central)

Governo Federal, pois há, também, os contactos com o Governo do Estado de Michoacam, que se revestem de grande importancia, como é natural, pois o projecto situa-se precisamente nesse Estado. Além disso, como a Companhia Exportadora e Importadora Mexicana S. A. (CEIMSA) está a financiar o projecto, as minhas relações com esta grande e valiosa instituição são de grande importancia.

E acrescentou:

— Posso dizer que em cada Mexicano tenho encontrado, não só um grande colaborador, como um bom amigo. O auxílio que me têm prestado para que eu possa levar a cabo a minha missão tem sido tão precioso, que poderei dizer, sem intenção de fazer meros elogios, que teria sido impossível, sem esse auxílio, quanto até agora realizei.

Fizemos uma nova pergunta:

— Qual é, em resumo, a finalidade da sua tarefa?

Registamos a resposta:

— Poder dispor de quantidades suficientes de leite em pó para ampliar os programas alimentares estabelecidos para protecção das idades vulneráveis (1.ª infancia e idade escolar) e, também, das grávidas e lactantes. Estes programas são extensivos a toda a Republica do México. E, ainda, fomentar os recursos naturais do país, de modo a diminuir, até á total anulação, as importações de leite e produtos lácteos.

A vastidão e complexidade do plano fazem-nos adivinhar o desenvolvimento agrícola e industrial do México. A este respeito, o dr. Fernando Vieira de Sá esclarece-nos:

— O desenvolvimento agrícola e industrial do México acentua-se cada vez mais em todos os sectores e, por isso, este projecto não é mais do que um pequeno aspecto do grande esforço que esta grande nação está a realizar em prol do seu progresso, indiscutível em todos os sectores da sua vida. Daqui resulta um prestígio que cada vez se afirma mais internacionalmente e a corrente cada vez mais intensa de turistas que ao México vão gozar as belezas das suas paisagens, as benesses do seu clima e a tranquilidade da sua vida. O México é um país de encantos naturais inigualáveis e de um romantismo legendário. As suas canções, que em todo o Mundo são conhecidas, só dentro do México e entre Mexicanos podem ser compreendidas.

O entusiasmo natural do nosso interlocutor pelas coisas mexicanas não o leva, todavia, a esquecer os problemas nacionais. Assim, referindo-se novamente á importancia e alcance do trabalho que está a produzir no México, o dr. Fernando Vieira de Sá lembrou a possibilidade de empreender, em Angola e Moçambique, projectos semelhantes, independentemente da ajuda internacional que, eventualmente, fosse prestada.

— Há anos, visitei Angola, a convite do sr. governador-geral Silva Carvalho, e Moçambique, a convite da Cooperativa de Criadores de Gado, com sede em Lourenço Marques, e onde fui prestar assistência técnica durante uns meses. Em ambas as províncias ultramarinas encontrei condições bastante compativeis com a produção leiteira. A Cooperativa de Criadores de Gado, justiça lhe seja feita, tem realizado um esforço herculeo para se desenvolver e cumprir a sua grande missão social e económica. Creio bem que a provincia de Moçambique lhe deve bastante. Em Angola não encontrei uma cooperativa semelhante, e é pena, porque não tem justificação alguma que Angola não se baste de produtos leiteiros, e, inclusive, não os exporte. E isso é possível. Bastará encarar os problemas. A União Sul-Africana, em 1914, estava, a este respeito, como Angola nos nossos dias. Porém, os problemas foram equacionados e hoje a exportação que a Africa do Sul faz de lacticinios, compete em qualidade e quantidade com os maiores exportadores do Mundo, como a Nova Zelandia, Austrália, Dinamarca, etc.

A terminar as suas afirmações, referindo-se, ainda, ao problema de incrementar a produção de leite em Angola e Moçambique, o nosso entrevistado afirmou:

— É tempo de pensar no desenvolvimento da industria leiteira nestas duas provincias, criando especialistas competentes, estudando planos, abrindo créditos para auxiliar os que desejam enveredar por essa actividade, assegurar a assistência técnica desde o sector da produção leiteira até á sua industrialização e comercialização, desenvolver o movimento cooperativo. Em todos estes sectores, não haverá necessidade de inventar coisa alguma. Basta olhar aos progressos realizados nos vizinhos territórios do Quénia, Rodésias, União Sul-Africana, Sudoeste Africano, etc., e depois adaptá-los com critério e senso.

Sofia Loren e Carlo Ponti acusados de bigamia

ROMA, 3 — A justiça italiana vai processar, por bigamia, a actriz Sofia Loren e seu marido, o produtor Carlo Ponti. O procurador da Republica decidiu examinar, circunstanciadamente, o casamento contraído em 7 de Setembro de 1957 pela artista e o produtor, em Ciudad Juarez, no México, em virtude da publicidade que se tem feito á volta deste casamento, cuja legalidade seria contestada. — (F. P.).

CRIANÇA COLHIDA por uma motocicleta

A menor Maria de Fátima da Conceição Silva, de 9 anos, residente na Rua de S. João Nepomuceno, 6, rés-do-chão, foi colhida por uma motocicleta na Rua Silva Carvalho. Com fractura grave de uma perna, foi transportada para o Hospital de S. José, em cuja sala de observações deu entrada.

O «Diário de Lisboa» vende-se em RIO MAIOR, na Fábrica Sant'Ana.

F. Manuel Robles Monteiro

AGRADECIMENTO

AMÉLIA REY COLAÇO, MARIANA REY MONTEIRO e mais família, na impossibilidade de agradecerem pessoalmente a tantas e tantas pessoas que lhes manifestaram o seu pezar pelo falecimento de seu marido, pai e parente, até porque poderiam cometer-se lapsos involunteários, vem por este meio manifestar a todos a sua profunda gratidão.

RELOJOARIA SOLORA
R. S. NICOLAU, 42

O brinde deste mês coube ao N.º 91

DISCOS Mercury
AV. DUQUE DE LOULÉ, 1-A

SINTRA

José d'Abreu e Carvalho

Tesoureiro da Câmara Municipal de Sintra

FALECEU

Sua desolada esposa e mais familia, cumprem o doloroso dever de participar o seu falecimento e que o funeral se realiza amanhã, pelas 15 horas, da sua residência para o cemitério de S. Marçal em Sintra.

AGÊNCIA MELLO

Um irmão de Fidel Castro

comanda as tropas revolucionárias *que estão a chegar a Havana*

(Continuação da 1.ª página)

-presidente Fulgêncio Baptista, cujos partidários — segundo se anunciou — foram mortos em grande numero, ficando feridos centenas deles.

Ontem, de manhã, homens da milícia de Castro, utilizando tanques deslocaram-se para tomar posição defronte do edifício do jornal «El Tiempo», visto ter sido anunciado que vários membros do grupo pró-Baptista, ao qual é dado o nome de «Tigres», se tinham ali refugiado. Durante a manhã começou o tiroteio, que durou cerca de 90 minutos, e recomeçou de tarde. Há notícias de que tinham sido mortos muitos dos «Tigres» os quais constituem um bando armado de jovens, entre os 20 e 25 anos, e servem de escolta armada ao senador Rodolfo Maseerer, partidário de Baptista.

As notícias de que tinham morrido entre 40 e 50 que tinham ficado feridos em numero muito elevado não puderam ser confirmadas devido á confusão.

O navio «Cidade de Havana» partiu, durante a noite, deste porto com cerca de 50 turistas e estudantes americanos, que decidiram regressar á pátria. Unidades navais americanas protegem o barco.

Entretanto, o correspondente do «Chicago Tribune», numa mensagem de Havana afirma, hoje, ter sido anunciado, na noite passada que Fidel Castro seguia de automóvel de Santiago para Havana. Aguardava-se que a sua chegada fosse retardada, em consequência de as pontes estarem danificadas ao longo do percurso.

Acrescenta que houve tiroteio esporádico, em Havana durante a noite, e que dois dos homens da milícia de Castro foram mortos no Riviera Hotel, nos arredores da capital por homens do senador Rolando Masferrer, partidário de Baptista. Esses homens dispararam, de emboscada, contra os milicianos.

Diz, ainda, o correspondente: «Um cálculo observador é que, pelo menos, 10.000 milicianos patrulham activamente, as ruas de Havana armados com pistolas e metralhadoras. Foram erguidas barricadas em muitos pontos principais da cidade para sua defesa e para salvaguarda das posições dos homens da milícia revolucionária».

Descrevendo a entrada em Havana da primeira coluna avançada das forças de Castro, o jornalista conclui: «Milhares de pessoas juntaram-se ao longo do percurso, nos arredores da capital para os saudar. Homens, mulheres e crianças manifestando grande alegria, acenaram com bandeiras cubanas e aclamaram os soldados rebeldes».

Em Santiago, prevaleceu, ontem a calma, em contraste com as cenas de tiroteio, pilhagem e desordens em Havana. O jornal diário esquerdista «Hoy» estava a ser preparado para se publicar, novamente, depois de ter sido encerrado, em 1952, pelo general Baptista. — (R.).

Forças de Fidel Castro convergem para Havana

HAVANA, 3. — A emissora de Fidel Castro anunciou hoje que 600 homens, chefiados pelo dr. Ernesto Guevara, comandante das forças revolucionárias na provincia de Las Villas, ocuparam o forte de Cabana, em frente de Havana, na margem oposta da baía.

Acrescentou que as forças rebeldes entraram na cidade, depois de terem recebido autorização do comandante do Exército, coronel Ramon Barquin.

O dr. Manuel Urrutia, indicado pelos rebeldes como presidente provisório da Republica, já se encontra em Havana — segundo uma notícia divulgada hoje, mas não confirmada. — (A. N. I.).

Um general que quís impedir a fuga de Baptista

HAVANA, 3. — Numa emissão radiofónica de Santiago, Fidel Castro acusou o general Eulogio Cantillo, um dos chefes militares do antigo Governo de Baptista, de ter denunciado o acordo que fizera com ele e pelo qual o Exército e os insurrectos se teriam unido para impedir a fuga do ex-presidente Baptista. — (F. P.).

Baptista pretende fixar-se nos E. U.

NOVA ORLEÃS, 3. — Ruben Baptista, filho do antigo presidente de Cuba, declarou nesta cidade onde se refugiou, que seu pai, actualmente na Republica Dominicana viria, talvez, pedir «asilo político» aos Estados Unidos, onde conta numerosos amigos. — (F. P.).

Prisões em França

de terroristas argelinos

PARIS, 3. — A Polícia prendeu numerosos terroristas argelinos, em rusgas efectuadas, durante a noite, em vários locais suspeitos.

Todos eles cometeram actos de terrorismo na França. Alguns participaram nos ataques realizados contra as forças militares e policiais, em Agosto e Setembro do ano findo. Durante a operação, recolheram-se armas automáticas, munições e documentação importante em quantidade. — (A. N. I.).

Em luta

com tubarões durante 16 horas

LOURENÇO MARQUES, 3 — A Polícia anunciou que um turista sul-africano lutou, durante 16 horas, com uma faca, com tubarões ao tentar alcançar uma ilha perto desta cidade, depois de se ter voltado o barco em que seguia.

Embora conseguisse alcançar terra foi gravemente mordido pelos tubarões e encontra-se agora hospitalizado. — (R.).

A questão de Goa

no Tribunal da Haia

HAIA 3 — A tréplica indiana á queixa apresentada por Portugal no Tribunal Internacional da Haia contra a União Indiana está ainda a ser preparada no gabinete do alto comissário em Nova Delhi.

A Embaixada da União Indiana, nesta cidade, não tem ainda informações concretas a propósito, mas crê que o documento será entregue no Tribunal dentro do prazo estipulado, que expira a 26 de Janeiro. — (A. N. I.).

Livros recebidos

1 Waldemar Monteiro, universitário, iniciou agora auspiciosamente a carreira das letras. O seu romance «Os olhos terríveis» caracteriza-se por uma efabulação de palpitante interesse e um estilo incisivo.

2 Com algumas palavras do sr. cardeal-patriarca e prefaciado por D. Francisco Aquino Correia, arcebispo de Cuibá e membro da Academia Brasileira de Letras, publicou o sr. p. Tomás de Aquino — «Perfil de Fernando Lacerda». A venda da obra reverte a favor do Seminário dos Olivais.

3 João Augusto Bastos, que é um poeta de inspiração ardente, publicou «Terras que Deus abençoou». Destacamos, sobretudo, as composições que têm por tema a paisagem e as figuras de Trás-os-Montes.

4 «Estrelas sem rumo», assim se intitula um livro de poemas de Carolina Alves. O soneto dedicado a Florbela Espanca exprime bem a obra e a sensibilidade de «Soror Saudade».

5 Mais versos. A árvore poética portuguesa nunca se despe de folhas. «Intimidade», de Cassilda Celso, revela uma vocação de imaculada pureza.

6 Recebemos a revista de poesia e cultura luso-espanhola «Alar», com colaboração de numerosos autores portugueses.

7 De Ulisses Duarte, o livro de poemas «Terra e Céu», de uma expressão romantica que a sinceridade torna válida.

8 Em edição do autor, «Sonetos e sonetilhos», de Matias de Lima, que têm espontaneidade e beleza.

9 O brilhante poeta e escritor publicou a biografia de Florence Nightingale criadora da enfermagem moderna, com o titulo «Lampada que não se apaga», na colecção «Gente grande para gente pequena». Numerosas gravuras ilustram o texto.

10 Com o modestíssimo titulo de *Ensaio* veio a lume um delicado livro de poesia, de que é autor Carlos S. Ribeiro.

11 «Quadras que a alma rimou», de Celeste Abreu. Trovas bem sentidas, de sabor português, muitas das quais dedicadas ao amor e á saudade.

12 Alvaro Duarte, no livro «Esperanças», poemas, singulariza-se pelo movimento arrebatamento. Vibra de emoção.

13 «Elegia» é um pequeno livro poético em que Alberto Uva (confessionalmente) nos diz o que pensa da vida, por vezes, com expressões dolorosas mas nunca cruéis.

14 «Gávea» é uma revista açoriana de alto nível intelectual e artístico, que se lê com muito interesse. Profusão de temas e de valores.

Trágico desastre

nos Açores

ANGRA DO HEROISMO 3 — Durante a noite, um automóvel conduzido pelo sr. Mateus Hipólito casado, de 24 anos, empregado comercial e natural de Santa Cruz atropelou, na freguesia de São Mateus, o trabalhador João Silva, de 54 anos casado. O sinistrado chegou já morto ao hospital em virtude da gravidade dos ferimentos recebidos na cabeça. — L.).

No São Jorge continua

«Meu reino, minha vida»

«Meu reino, minha vida», que o São Jorge apresenta esta semana, é um empolgante filme, que tem por cenário natural as montanhas verdejantes do Canadá, recortando-se no azul do céu, maravilhosamente branqueadas pela neve cintilante que o sol beija sem conseguir derreter.

O filme é interpretado por um grupo magnífico de artistas ingleses, á frente dos quais se destacam Dirk Bogarde, Stanley Baker, Michael Craig e Barbara Murray.

Fabricampo L.da — Plásticos Gabardines e Brinquedos — Av. Al. Reis, 50-A — Tel. 4 72 28

A LOTARIA DE HOJE

62054	2.000.000$
62053, 62055	Aproximações ao 1.° prémio .. 16.470$00
10955	500.000$
58750	200.000$

Premiados com 40.000$00

1286	7119	47103	65936

Premiados com 20.000$00

12100	16845	26033	26906	30261
36237	40395	43279	51088	51779
52836				

Premiados com 10.000$00

4319	6808	10106	11168	21409
24441	25532	29643	36179	37645
40710	45939	52182	59690	61575
64010	65749	67697		

Premiados com 5.000$00

6020	11957	17551	19362	19625
21304	24640	25019	26781	29573
33076	39430	41437	45077	46635
46719	49291	50368	50999	54023
54975	57117	57469	60407	66871

Os numeros de **62001** a **62100**, de **10901** a **11000** e de **58701** a **58800**, são premiados com 400$00 e os terminados em **54**, têm o prémio de 380$00.

São premiados com 180$00 os numeros terminados em **3**, **4** e **5** excepto os terminados em **54**.

Avisamos os nossos leitores de que é conveniente consultar a Lista Oficial da Misericórdia.

CASA DA SORTE

inicia a sua série de

PRÉMIOS GRANDES DE 1959

distribuindo aos balcões dos seus Estabelecimentos

500 CONTOS

do

2.° PRÉMIO

da

LOTARIA DOS REIS

no bilhete

10.955

Na próxima 6.ª-feira

1.ª LOTARIA POPULAR

do

NOVO PLANO

1.° Prémio — 1.200 Contos
2.° » — 300 Contos
3.° » — 150 Contos
4.° » — 50 Contos

Bilhetes a 110$00 — Décimos a 11$00

Ao habilitar-se, lembre-se de que a Sorte está constantemente aos balcões

da

CASA DA SORTE

O PÃO QUENTE

VENDEU O 3. PRÉMIO

58750 200 contos

Número certo, e toda a centena

A próxima extracção é Popular
e realiza-se na 6.ª feira, dia 9

BILHETES ... ... 110$00
DECIMOS ... ... 11$00

DIARIO DE LISBOA

PROGRAMAS DE RADIO

EMISSORA — Às 18, Noticiário; 18 e 20, Radiojornal; 18 e 50, Operetas; 19, Desdobramento, 21, Noticiario; 21 e 15, Desdobramento; 23 e 45, Noticiario, boletim meteorológico e fecho.

Programa «A» — Às 19, Emissão infantil; 19 e 30, Trechos em piano, 19 e 45, Aguarela brasileira; 20, Jornal sonoro; 20 e 15, Musica ligeira sinfónica; 20 e 30, Que quer ouvir? 21, Junção dos emissores; 21 e 15 Viola espanhola; 21 e 30, Conjuntos vocais; 21 e 45, Serão para trabalhadores. No intervalo: Vozes do Mundo; 23 e 30, Danças; 23 e 45, Junção dos emissores.

Programa «B» — Às 19, Aspectos da musica moderna, 19 e 50, Noticiário regional; 20, Concerto de camara em que colaboram a pianista Maria Filomena Campos e o violinista Henry Mouton. No intervalo: Temas portugueses; 21, Junção dos emissores, 21 e 15, 1.º acto da ópera «D João», de Mozart; 22 e 45, Que quer ouvir?, «Sinfonia n.º 6, em fá maior, op. 68», «Pastoral» de Beethoven, «Tannhauser», abertura de Wagner; 23 e 45 Junção dos emissores.

RADIO CLUBE — Às 17 e 30, Variedades; 18, Teatro de brincar; 18 e 15, Ritmos de baile, 18 e 30, Fados e guitarradas, 19 Quer um conselho? 19 e 15, Orquestras, 20 e 15, Apontamento do dia; 20 e 20, Solistas; 20 e 30, Onda desportiva; 21, Imagens por musica; 21 e 30, Língua portuguesa; 21 e 45, Brasil; 22, Trechos recreativos, 22 e 30, Cultura espanhola, 22 e 45, Cançonetas, 23, Concerto; 23 e 30, Nilla Pizzi; 23 e 45, Agenda, 23 e 50, Conjuntos, 0 e 30 Noticiario; 0 e 40 baile.

Estação de Miramar — Às 18, Paisagem infantil; 18 e 30 Cançonetas; 18 e 45, Recital de composições de Cruz e Sousa; 19, Palestra de língua portuguesa; 19 e 15, Motivos portugueses; 20, Boletim informativo; 20 e 10, Conjuntos vocais e instrumentais; 20 e 30, Vida desportiva, 21 Noticiário; 21 e 15, Canta Niela Di Bruno; 21 e 30, Orquestras ligeiras; 22 Programa para a mulher; 22 e 5, Brasil 22 e 30, Conjuntos instrumentais, 22 e 45, Melodias; 23, Operetas; 23 e 30, Programa do Patrício; 23 e 45, Artistas portugueses, 0, baile.

RADIO RENASCENÇA — Às 18 e 30, Terço e bênção, 19 e 25, Boletim do S. C. R.; 19 e 30, França, horizonte do Mundo, 19 e 45, Acordeões portugueses; 20 Musica para o seu jantar; 20 e 30, Noticiário; 20 e 55, Meditando; 21 e 5, As ultimas novidades, 21 e 30, Cançonetas europeias; 21 e 50, Melodias; 22, o reino das musas; 22 e 20, Orquestra de Mantovani, 22 e 45, Noticiário; 22 e 57, Boletim religioso; 23, Serão familiar.

POSTOS CENTRALIZADOS—Das 14 e 30 ás 19 e 30, Rádio Peninsular; 19 e 30 ás 22, Voz de Lisboa; 22 ás 2, Club Radiofónico de Portugal.

HÁ TRINTA ANOS

Do «Diário de Lisboa» de 3 de Janeiro de 1929:

«Em algumas terras existe a tradição de que o vento reinante na ultima noite do ano anuncia o que se vai passar durante o ano que começa. Assim, se na noite de S. Silvestre o vento sopra do Sul, o ano será temperado e próspero. A brisa do Oeste traz consigo abundancia de leite e peixe. O vento Norte anuncia grandes tempestades e baixas temperaturas. O de Leste é propício ás árvores de fruto. E o de Nordeste o pior de todos, é uma verdadeira calamidade para o ano que começa. Lembramo-nos de que 1929 veio ao Mundo com chuva e vento de Nordeste mas mal rompeu a manhã do primeiro do ano, o vento rondou para o Sul e o Sol iluminou de alegria o optimismo da gente. Porque, afinal, não são as noites que fazem os dias»

EFEMERIDES

No dia 3 de Janeiro de 1931 morreu Joffre, marechal da França

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL ÁS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE — Em Portugal continental o vento era fraco ou moderado de vários rumos, o ceu estava pouco nublado por acção de uma massa de ar marítimo transportada na circulação de um anticiclone centrado a Noroeste da Peninsula Iberica.

Temperaturas às 9 horas: Porto, 1º, Penhas Douradas, [illegible], Coimbra e Portalegre, 7º; Lisboa e Faro, 10º; Funchal, 15º.

PREVISÃO ATÉ ÀS 24 HORAS (T. M. G.) DE AMANHÃ — Ceu pouco nublado, vento moderado, por vezes fraco do Norte. Pequena descida de temperatura.

CARTAZ DO DIA

TEATROS

TRINDADE — Às 21,45 — «O diário de Anne Frank».
MONUMENTAL — Às 21,45—«Gigi»
NACIONAL — Às 21,30 — «O processo de Jesus».
MARIA VITORIA — Às 20,30 e 22,45 — «Por causa delas».
VARIEDADES — Às 20.30 e 22.45 — «Com jeito, vai!».
AVENIDA — Às 21,45 — «O mentiroso».
ABC — Às 20,30 e 22,45 — «Vinho novo».
COLISEU — Às 21 e 30 — Grande Companhia de Circo

CINEMAS

TIVOLI — «[illegible] sorriso»
SÃO LUIZ — «Perri»
SÃO JORGE — «Meu reino [illegible] vida»
IMPERIO — «Orgulho e paixão»
EDEN — «Cow-boy (Como nasce um bravo)».
POLITEAMA — «Missão no alto mar»
CONDES — «A familia Trapp na America»
ODEON — «Bons dias amor»
ROMA — «Esta mulher é minha»
AVIS — «O segredo do [illegible]».
MONUMENTAL — «O irresistível forasteiro»
ALVALADE — «Perri»
OLIMPIA — «Atirar para matar»
IDEAL — «20 000 leguas submarinas».
RESTELO — «A rapariga das violetas»
CAMPOLIDE — «A batalha do Rio da Prata».

FARMACIAS DE SERVIÇO

TURNO J — Benfica—Estrada de Benfica, 678-E, Tel. 782552, Vicente — Estrada de Benfica, 466-A, Tel. 782606; Alegria — Estrada de Benfica, 180-A-B, Tel 780511, Canto — Estrada das Laranjeiras, 202-B, Tel. 780841, Prates & Mota — R. da Beneficencia, ao Rego, 91, Tel. 773728; Patuleia, Herdeiros — Rua do Lumiar, 122-124, Tel. 779332; Cabrita — Campo Grande, 220-222, Tel. 772397; Zil — Avenida da Igreja, 9 D, Tel. 778380; Lusitana — Avenida de Roma, 18-A, Tel 725443; Chinde — Rua Agostinho Lourenço, 6-B, 710331; S. Miguel — Praça Francisco de Morais, 1, Tel. 771469; Providência—Rua D Filipa de Vilhena, 9-C (frente ao Bairro Social do Arco do Cego). Tel. 7[illegible]034; Sagres—Av. Luís Bivar, 69 71 Tel. [illegible]7213, Latina Av. Antonio Agusto de Aguiar, 17-A, Tel. 42312; Sa da Bandeira, 36, Tel. 41961, Fonseca—Largo D Estefania, 4-5, Tel. 54808; Ascensos, Ld.ª—Rua J, lote 48, Bairro da Encarnação, Tel. 388172, Freitas — Rua Zófimo Pedroso, 11-13, Tel. 381136; Marluz — Calçada da Picheleira, 140-B/C, Tel. P. P. C. 720703-728395; Cruz de Malta—Largo do Chafariz de Dentro, 36, Tel. 23326, Almeida Dias — Largo da Graça, 38 A 39, Tel. 862909; Dalton — Av. Mouzinho de Albuquerque, RSV, Tel. 843571; Pais — Rua Abade de Faria, 22-A/B, Tel. 723965; Antolin, Ld.ª — Avenida Almirante Reis, 88-B/C, Tel. 44173; Guerra — Rua Andrade, 32-36, Tel. 845513; Higienica — Rua Heliodoro Salgado, 20-A, Tel. 844361; Ronil — Rua Rodrigo da Fonseca, 153, Tel. 683438; Salutar — Rua B, 75-A-B (Bairro da Liberdade), 683694; Amoreiras (Das)—Praça das Aguas Livres, 8-D, Tel. 681515; Maria Pia — Rua D. Maria Pia, 514, Tel. 687919, Linaida—Rua Ferreira Borges, 30, Tel. 660955, Micael — Rua de S. Bento, 380 382, Tel 662162; Neves, Suc. — Rua da Bela Vista, á Lapa, 37, Tel. 661251, Higilux—Rua de Pedrouços, 50-52, Tel. 610280; Mendes Gomes — Calçada da Ajuda, 222, Tel. 638256; Botanico-Química, Ld.ª — R. da Junqueira, 38-40, Tel. 638132, Ester Nogueira — Rua de Alcantara, 5-A, Tel. 637563; Moderna — Rua Garcia da Orta, 24, Tel. 663117; Açoreana — Largo do Conde Barão, 2, Tel. 661330; Macedo — Rua do Loreto, 71, Tel. 23631; Luís Magalhães — Rua de Santa Marta, 15-A-B, Tel. 46190, Salix, Ld.ª — Rua Barata Salgueiro, 51, Tel. 730820; Formosinho — Praça dos Restauradores, 18, Tel. 30927; Normal — Rua da Prata, 220 Tel. 21342 — A —

TELEVISÃO

Hoje, as 21, abertura da emissão; 21 e 2, noticiário do País e do estrangeiro, 21 e 10, jornal de actualidades internacionais, 21 e 25, «Juventude no Mundo», 21 e 35, «A pensão da D. Esperança» 22 e 20 «Tele-Desporto», 22 e 15 «Momento Literário»; 23, «Na rua e na estrada», 23 e 15, actualidades nacionais e ultimas noticias; 23 e 30, fecho da emissão.

SEMANA DO CONTRIBUINTE

IMPOSTO SOBRE A APLICAÇÃO DE CAPITAIS (*)

Decreto n.º 8719, de 17 de Março de 1923

Secção A — Não está sujeita a manifesto A escritura de divida proveniente de transacções comerciais, embora garantido por hipoteca, sem vencimento de juros.

ARTIGO 2.

São compreendidos nesta secção:

1 — Os capitais mutuados, em dinheiro ou géneros, quer o mutuo seja oneroso, quer gratuito, constituidos por título publico ou particular, entre nacionais ou estrangeiros, considerando-se abrangidos, para os efeitos deste imposto os contratos de deposito civil que tenham por fim entregar a particulares quaisquer garantias em dinheiro e em que haja garantia hipotecária para a sua situação, na mesma espécie ou em outra equivalente.

Obs. MUTUO — E' o empréstimo que versa sobre coisa que deve ser restituida por outra do mesmo genero, qualidade e quantidade.

USURA — E' o mutuo retribuido.

Código Civil, art. 1507 e 1508.

2.º — As dividas provenientes de outros contratos ou transacções que vençam juros ou que, embora na origem o não vençam, se prove que por qualquer motivo o passaram a vencer efectivamente ou, por causa dos quais se estabeleça qualquer indemnização que substitua os juros ou recompensa da mora na entrega ou restituição do capital ou no pagamento da dívida.

3.º — As dívidas representadas em letras de conformidade com as alíneas *a*) e *b*) deste numero

a) — Desde a data do protesto quando sejam passadas entre comerciantes ou por efeito de quaisquer contratos, acordos ou transacções que resultam de actos de comércio ou os tiverem por fim, não sendo, em qualquer dos casos, garantidos por hipoteca, pois, sendo-o ficarão sujeitos ao imposto desde a data do saque.

b) — Desde a data do saque em todos os demais casos não especificados na alínea anterior.

4.º — Os contratos de abertura de crédito.

Consultar: N. 641 da *Compilação de Acórdãos*, vol. 7.º, Diário do Governo n.º 218, de 18 de Set. de 1935 Rec 4391.

Anotação — Na escritura foram estipuladas várias cláusulas, mas é certo que não foi estipulado o vencimento de juros da divida, sendo também certo que a diivida proveio de transacções comerciais. Deste modo, tal dívida, sem vencer juros, não se acha abrangida pelas disposições legais aplicáveis (art. 1. e 2.º e seus numeros e art. 6.º) *Acórdão* de 12 de Junho de 1935.

AGENDA DO LEITOR

CONTRIBUIÇÕES GERAIS DO ESTADO

Reclamar, no prazo de 90 dias a contar do dia imediato ao da abertura dos cofres para a sua cobrança a anulação por qualquer erro havido nos lançamentos.

Contribuição Predial — Urbana —Prédios ou andares devolutos.

Nos termos do artigo 2.º do Decreto n.º 20519, sempre que os prédios ou andares fiquem devolutos, os respectivos donos ou usufrutuários deverão participar o facto, dentro de 15 dias, á secção de finanças competente.

RECLAMAÇÕES

Reclamar, no prazo de 90 dias a contar do dia imediato ao da abertura dos cofres para a sua cobrança, a anulação da contribuição predial dos correspondentes duodécimos da colecta, respeitantes a prédios ou andares devolutos durante o ano findo

Decreto n.º 16731, de 13 de Abril de 1929 e artigo 1. do Decreto-Lei n. 32680, de 20 de Fevereiro de 1943.

(*) Artigo 1.º do Decreto n.º 8719

2.ª tiragem

RESERVAS DA A. F. L.

Belenenses, 2-Benfica, 1

na final da taça «Dr. Oliveira Duarte»

O primeiro torneio de reservas organizado pela A. F. L. na presente época, dotado com a taça «Dr. Oliveira Duarte» teve hoje o seu epílogo, com a final entre os apurados — que não os vencedores — das duas séries da fase inicial da prova. Isto porque tendo as duas equipas do Benfica ganho as «poules» da fase anterior do torneio veio a ser apurado o Belenenses, 2.º classificado da série B, para defrontar o Benfica A, vencedor da série A.

O certame teve assim um jogo decisivo — sem duvida o melhor fecho para a maneira como a prova decorreu.

Jogo na Tapadinha, com grande assistência. As equipas alinharam assim:

BELENENSES — Fernandes; Leonel e Rosendo; Amandio, Castro e Marçal; Guilherme (aos 7 minutos substituido por Bento), Abdul, Mendes, Cunha Velho e Miguel.

BENFICA — Bastos; F. Ferreira e Barbosa; Cardoso, Humberto e Mário João, Vieira Dias, Peres, Carda, Santana e Palmeiro Antunes.

Arbitro — Jaime Pires.

Beneficiando de um vento que soprava forte, os «encarnados» instalaram-se logo no meio-campo defendido pelos «azuis» e, aos 4 minutos, Palmeiro Antunes deu a primeira sensação de perigo, num forte remate que Fernandes só com dificuldade defendeu.

Pouco depois, foi Santana, que numa jogada subtil, obrigou novamente o «keeper» belenense a entrar, de novo, em acção.

Entretanto, não se dando como equipa totalmente domada, o Belenenses começou a aparecer mais ao ataque e, aos 16 minutos colocou-se em vencedor, com um belo tento de Cunha Velho, na sequência de um «canto».

Animados extraordinariamente com o tento obtido, os «azuis» estiveram á beira de novo golo, aos 20 minutos, num remate rasteiro e perigoso de Abdul, que Bastos teve dificuldade em parar.

À volta da meia hora, os «encarnados» forçaram novamente o ataque, obrigando a defesa de Belém a trabalho árduo, mas, a melhor oportunidade perdeu-se, aos 40 minutos, quando Palmeiro Antunes, rematou á trave.

Devido á complacência e alguns deslises do árbitro o jogo endureceu e, aos 44 minutos, as equipas ficaram reduzidas a 10 unidades por expulsão de Abdul e Santana, que, entre si, trocaram algumas caricias.

Ao intervalo: Belenenses, 1-Benfica, 0.

Para a segunda parte o Benfica fez substituir Peres por Hilário. Logo nos primeiros minutos o Benfica beneficiou de dois «cantos» e, aos 4 minutos, Carda teve um excelente remate, a que Fernandes respondeu com não menos excelente defesa.

As jogadas antipáticas continuavam a verificar-se, perdendo o jogo a sua beleza.

Aos 12 minutos mais uma substituição. Bambo entrou para o lugar de Vieira Dias. Pouco depois e em virtude da toada de dureza, Cardoso e Mendes foram expulsos.

Finalmente, aos 22 minutos, como corolário da sua supremacia na 2.ª parte, o Benfica empatou, após jogada pelo lado esquerdo, concluida por Carda, com um remate fulminante.

Com a partida a decorrer em jogo de «parada e resposta», o Belenenses desempatou, aos 35 minuots. Após a marcação de um «livre», Marçal, com um remate certeiro fez 2-1.

Pouco depois, aos 38 minutos, nova expulsão — desta vez a de Mário João, por se ter permitido discutir qualquer decisão do arbitro.

O Benfica procurou, ainda, a todo o transe, o almejado tento do empate, mas ao soar o apito final o Belenenses havia ganho o encontro por 2-1.

No final, o dr. Pacheco Nobre, vice-presidente da direcção da A. F. L. entregou, ao «capitão» da equipa belenense, o trofeu em disputa.

Pflimlin

em desacordo com de Gaulle?

PARIS, 3 — O general de Gaulle recebeu, esta manhã, Michel Debré, ministro da Justiça, com quem conversou durante 35 minutos.

O ministro, que ja foi convidado para a chefia do novo Governo, recusou-se a fazer declarações aos jornalistas.

O ministro de Estado, Pierre Pflimlin, também se avistou hoje com o general de Gaulle.

Afirma-se, nos círculos bem informados que Pflimlin resignará ao seu cargo no Governo, por não estar de acordo com o programa de austeridade do general. — (F. P. e A. N. I.).

Criança desconhecida

mortalmente colhida no Porto

PORTO, 3 — (Pelo telefone) — Deu entrada no Hospital de Santo António, já sem vida, um rapazinho que aparenta dez anos e que apenas se sabe tinha o nome de João, o qual, na estrada da Circunvalação, próximo de Campanhã, se dependurou numa camioneta de carga cujo rodado o colheu mortalmente.

NOVOS CURSOS

de Língua Italiana

O Instituto Italiano abre, no dia 15 do corrente, duas novas secções do Curso de Lingua Italiana. O ensino é sempre dado com critério prático e intensivo, para que o estudante possa no fim do ano servir-se da lingua para fins práticos. As inscrições — que, embora sendo modestíssimas, serão concedidas com facilidades de pagamento — recebem-se na secretaria do Instituto (Rua do Salitre, 146 — telefone 684172) todos os dias, das 11 ás 13 e das 17 ás 20 horas, e aos sábados, das 11 ás 13 horas.

«SEMPRE FIXE»

O numero de «Sempre Fixe» desta semana está a obter um êxito retumbante pela graça e oportunidade dos assuntos versados, pois foca com a maior flagrancia todos os motivos relativos á presente quadra.

São admiráveis, além da primeira página plena de graciosidade, os soberbos desenhos de artistas nacionais e estrangeiros que profusamente o ilustram.

Quem ainda não teve a dita de passar uns deliciosos momentos de boa disposição está muito a tempo de os ter adquirindo o melhor jornal humoristico português pelo irrisório preço de 80 centavos.

SINGEVERGA
O LICOR DOS BENEDITINOS PORTUGUESES

LEIA HOJE O «SEMPRE FIXE»

O foguetão-lunar soviético

que já percorreu mais de 200 mil kms.

tornar-se-á no primeiro planeta artificial

(Continuação da 1.ª página)

ra, dão a temperatura interna e a pressão no invólucro que encerra os instrumentos de bordo, como estando dentro dos limites previstos.

Anunciou-se, depois, que o foguetão lunar já atingiu mais de 200.000 kms., cobrindo assim metade da distancia entre a Terra e a Lua.

A aparelhagem científica funciona normalmente

Os sinais do foguetão são audíveis em todas as frequências e a todos os momentos de voo — segundo informa o Observatório Astronómico de Tachkent, no Uzbekistão.

O vice-presidente da Academia das Ciências da U. R. S. S., A. Toptchiev, ao anunciar que o foguetão lunar soviético atingira a altitude de 175.000 quilómetros, disse que «toda a aparelhagem científica funciona perfeitamente e já se recebeu um volume colossal de informações».

Esta manhã cedo, poucos Moscovitas tinham ainda conhecimento do envio do foguetão soviético a caminho da lua. Não se conhecem indicações do feitio deste foguetão.

E' provável que, como no caso dos «Sputniks», essas informações sejam dadas oportunamente. Mas quanto ao numero de pisos do foguetão inteiro que serviu para o lançamento e, acima de tudo, quanto ao local do seu lançamento, crê-se que não haverá qualquer revelação.

A acreditar nas informações há um ano feitas pelo prof. G. A. Chebotarev ao jornal «Sovetskaya Rossyia», o programa russo de foguetões lunares previa, primeiro, o lançamento de um foguetão que seria destruído ao despenhar-se na Lua; e, em segundo lugar, o lançamento de um foguetão destinado a rodear a Lua e regressar á Terra.

Quando da entrevista, em 14 de Janeiro, o dr. Chebotarev declarou «O foguetão lunar aterrará explodindo. E o exame espectrofotométrico das poeiras então levantadas permitirá confirmar as nossas teorias sobre a superficie lunar» — (F. P. — R. — A. N. I.).

Manifestações de regosijo em Moscovo

MOSCOVO, 3 — A Rádio de Moscovo descreveu as cenas de contentamento, aqui desenroladas ás primeiras horas de hoje, quando operários, que trabalham de noite regressavam a suas casas, através das ruas da cidade normalmente desertas. Ao terem conhecimento da noticia do lançamento do foguetão cósmico exteriorizaram a sua alegria cantando e dançando. (R.).

Objectivos do foguetão, que deve atingir amanhã as proximidades da Lua

LONDRES, 3 — A comunicação sobre o lançamento do foguetão lunar russo, que pesa cerca de 1.600 quilos, foi feita, pela primeira vez, na noite passada, pela Rádio de Moscovo, anunciando que o foguetão fora disparado para assinalar o 21. Congresso do Partido Comunista Soviético, o qual será inaugurado, na capital russa, no dia 27.

O peso total dos instrumentos científicos e de medição e do invólucro onde se encontram é de 361,3 quilos. Além dos emissores de rádio, o foguetão transporta instrumentos destinados a efectuar as seguintes observações científicas: determinar o campo magnético da Lua; estudo dos raios cósmicos fora do campo magnético terrestre; medição da radiação cósmica; a actividade de rádio da Lua; a distribuição de nucleos pesados na radiação cósmica; os componentes gasosos da matéria da radiação solar interplanetária e particulas meteóricas.

Comentando o lançamento do engenho, a Rádio de Moscovo declarou, durante a noite, numa emissão em língua inglesa para a América do Norte: «Em virtude destes acontecimentos, serão feitos preparativos para equipar uma expedição á Lua, que estabelecerá um observatório e uma base intermediária naquele astro para uma futura viagem no espaço».

A agência «Tass» anunciou, ainda que o foguetão lunar excedera a segunda velocidade cósmica, necessária para as viagens interplanetárias, anteriormente dada como 11,2 quilómetros por segundo. O facto significa que o foguetão cósmico deve atingir as proximidades da Lua cerca das 4 horas (T. M. G.) de amanhã.

O boletim noticioso daquela emissora (6 horas, T. M. G.) anunciando que sinais do foguetão tinham sido captados por um posto de escuta nos arredores da capital ás 4 e 45 (T. M. G.) quando a sonda lunar já tinha percorrido mais do que um terço da distancia até á Lua, difundiu as declarações do prof. Kukakkin, um dos mais eminentes astrónomos russos:

«Uma coisa muito valiosa é que esta tentativa tornará possivel realizar observações ópticas, visto os vapores de sódio serem luminosos e formarem um cometa artificial. O facto habilitará astrónomos, em locais onde o foguetão cósmico ou o denominado cometa artificial, passará sobre o horizonte, observarem-no, gozando de suficiente conforto. A's 5 horas (hora de Moscovo) (meio-dia T. M. G.) de hoje será possivel observá-lo em áreas sobre a Sibéria, China e India». — (R.).

Um satélite do Sol

MOSCOVO, 4 — Confirma-se que o foguetão cósmico passará perto da Lua e tornar-se-á o primeiro planeta artificial ,isto é, um satélite artificial do Sol» — anuncia a «Tass» — (F. P.).

Fotografias do engenho

LONDRES, 3—Um grupo de quatro fotógrafos escoceses parece ter conseguido fotografar, durante a noite, o foguetão lunar sovietico. Munidos de várias máquinas fotográficas e de camaras, os fotografos reunidos em Dunfermline, no Fifeshire, registaram em peliculas, durante oito ou nove minutos, um rasto branco, muito longo, que apareceu no Céu, pouco depois da 1 hora.

Os serviços de escuta da B. B. C. declaram que os sinais do foguetão deixaram de se ouvir ás 3 horas. Tinham captado os sinais emitidos pelo foguetão e retransmitiram as emissões do projéctil registadas e difundidas pela Rádio Moscovo. — (F. P.).

*

LONDRES, 3 — O «Evening Standard» publica na primeira página uma fotografia de nuvem luminosa provocada pelos vapores de sodio, largados, durante a noite, pelo foguetão lunar soviético.

A nuvem, achatada, lembra uma fotografia telescópica de nebulosa. Foi tirada na Escócia pelo fotógrafo Morris Allan. — (F. P.)

São captados sinais do foguetão

NOVA YORK, 3 — Os radiouvintes americanos puderam escutar durante a madrugada, o sinal do foguetão russo, captado pela estação da R. C. A., de Riverhead.

A Imprensa de Nova York consagra largo espaço ao acontecimento, tendo atirado para segundo plano a situação em Cuba.

«Os Vermelhos» lançam um cometa para a Lua» — é o titulo, a oito colunas, do «New York Herald Tribune» desta manhã. Pelo seu lado, o «New York Times» anuncia, a quatro colunas, que «os Russos lançaram um foguetão que deve alcançar a Lua». — (F. P.).

*

FORT MONMOUTH (Nova Jersey), 3 — O serviço de rastreio espacial do Exército captou sinais do foguetão lunar russo, na banda dos 70,2 megaciclos. Os primeiros foram captados ás 23 horas (T. M. G.) de ontem. — (A. N. I.).

Parece que foi avistada na América a nuvem de sódio

NEW HAVEN (Connecticut), 3— O chefe da equipa de rastreio da chamada operação «Moonwatch» anunciou, durante a noite, ter avistado uma luz que lhe pareceu provir do foguetão russo.

«O fenómeno apareceu as 24 horas e 58 (T. M. G.), conservando-se visivel até á 1 e 3 — declarou aquele cientista, prof. Robert Brown do Colégio de Professores de New Haven, ao revelar que havia localizado «algo que poderia ser a nuvem de sódio do foguetão russo».

«O quer que fosse tinha as caracteristicas da cauda de um cometa e densidade variável» — prosseguiu. — «Era razoávelmente luminoso e visivel com o auxílio de um telescópio potente».

Contudo, Brown salientou não poder confirmar concludentemente a relação do fenómeno com o foguetão, embora outro membro da equipa também o tivesse avistado — (A. N. I.).

No Norte e no Centro da Europa

ESTOCOLMO, 3 — A estação telegráfica de Enkoeping, na Suécia meridional, captou, na frequência de 19.993 megaciclos, os sinais do foguetão lunar soviético. Pelas 5 horas de hoje, o posto continuava a receber, intermitentemente, os sinais que, dizem os técnicos, lembram muito os do «Sputnik III» Embora fracos, foram gravados em fita. — (F. P.).

*

AMESTERDÃO, 3 — Os sinais emitidos pelo foguetão lunar russo foram perfeitamente captados pelo posto de escuta da Rádio de Nera no Norte da Holanda, cerca das 2 e 30 (T. M. G.) — anuncia aquela emissora. — (A. N. I.).

*

PRAGA, 3 — Os sinais do foguetão lunar soviético foram registados na Checoslováquia, pela primeira vez, ás 4 e 59 (hora local). (F. P.).

No Japão

TOQUIO, 3 — A Rádio Nacional difundiu, a partir desta manhã, pelo seu posto de Yokoshiba, ao Norte de Toquio, o «bip» do foguetão -cometa soviético.

Durante os 20 primeiros minutos a emissão foi difundida nas frequências de 19.997 e 19.995 megaciclos.

O «bip» foi, depois, ouvido nesta ultima frequência com intervalos de um segundo entre cada sinal. — (F P.).

Comentários em Madrid

MADRID, 3 — O lançamento de um foguetão lunar pelos cientistas soviéticos é anunciado com grande relevo, na primeira página, por todos os matutinos. Só o «ABC» comenta o acontecimento, dizendo que esta nova tentativa constitui a resposta dos Russos «ao lançamento satisfatório do «Atlas». Mal deixaram passar duas semanas para demonstrarem novamente a sua capacidade em matéria de foguetões»

Para o comentador do «ABC», «uma passagem» perto da Lua e a seguir o abandono do sistema Lua-Terra parece dever ser o destino mais provável reservado ao engenho, cujo lançamento, conclui, «inaugura a competição astronáutica do ano de 1959». — (F. P.).

Foi lançado

um novo «Sputnik»

com dois homens a bordo

PARIS, 2. — Foi lançado, com pleno êxito um novo «Sputnik», levando a bordo dois homens, um cão e um rato.

O «Sputnik» manter-se-á na sua órbita em volta da Terra durante cinco dias, reentrando na atmosfera á hora inicialmente prevista. Os cientistas garantem o regresso destes herois do espaço. — (M. F.).

Aproxima-se a hora

em que o homem poderá ir à Lua e aos outros planetas

LONDRES, 3 — A Rádio de Moscovo citou o director do principal observatório astronómico da Academia de Ciências soviética em Pulkovo, A. Mikhailov, como tendo declarado: «Está-se a aproximar a altura em que o homem poderá pisar a superficie da Lua e de outros planetas».

Referindo-se ao foguetão cósmico, Mikhailov disse: «Não é sómente necessário impulsionar o foguetão a uma velocidade quase uma vez e meia maior do que a precisa para os satélites terrestres artificiais, mas, também deve-se conseguir cálculo exacto, que servirá de base para o trajecto e direcção desta velocidade. Um erro de unicamente um por cento a esta velocidade faria malograr as experiências, como aconteceu com as tentativas americanas de enviarem foguetões á Lua».

Segundo a Rádio de Moscovo Mikhailov afirmara que teria sido «mais conveniente» lançar o foguetão durante a Lua Nova, «mas seria, então, impossível observar opticamente a sonda nas proximidades da Lua».

Vladimir Secheglov, director do Observatório Astronómico de Tashkent, no Uzbequistão, disse, por seu turno, que os sinais de rádio do foguetão «são muito audíveis em todos os comprimentos de onda e em qualquer altura durante a ascensão.

Um astrónomo, o prof. Nikolai Kozyrec, declarou que, «a partir deste momento, os projectos astronómicos deixam de ser abstractos e começam a servir directa e não indirectamente a Humanidade.

Um funcionário do grupo de trabalhos da Comissão Soviética de Foguetões e Satélites afirmou: — «Daqui em diante será difícil dizer qual a trajectória que será conseguida pelo foguetão. Este, porém, atingirá já uma maior altitude nunca conseguida pelos lançamentos de maior êxito americanos».

«O programa de pesquisas cientificas a ser realizado pelo foguetão é ainda muito mais vasto do que o programa de trabalho efectuado pelo satélite americano «Pioneiro I», e, mesmo maior do que o do «Pioneiro III» Acrescentou que, «no fim, o êxito é garantir não uma corrida febril, mas um trabalho planeado e cuidadosamente ponderado».

Os cientistas russos consideram, hoje, como o maior acontecimento da História (primeira fuga genuina da gravidade para o espaço) o lançamento do foguetão cósmico, que já bateu o «record» de altitude, de cerca de 119.000 quilómetros estabelecido pela sonda lunar americana em Outubro de 1958.

O foguetão russo estabeleceu, também, um precedente ás primeiras horas desta manhã ao criar o primeiro cometa artificial da História ao emitir chamas de sódio, á medida que viajava através do espaço. — (R.).

Ultimas notícias

A viagem do foguetão lunar

MOSCOVO, 3. — O foguetão cósmico, prosseguindo na viagem em direcção á Lua, tinha percorrido esta manhã, 209.000 kms., passando, nessa altura, sobre a América do Sul. O meio do percurso foi atingido ao meio-dia (hora de Moscovo), ou sejam 9 horas (T. M. G.)

O cientista Topchiev disse que ao facto de o foguetão atingir essa altitude testemunha a exactidão dos cálculos feitos antes do lançamento».

O académico Tiknov, criador de novo ramo da astronomia, a astrobotanica, acrescentou que o facto de o foguetão lunar ter atingido a segunda velocidade cósmica libertando-se da atracção terrestre, permite afirmar que, dentro em breve, outros planetas e nomeadamente Marte, serão alcançados».

A agência «Tass» informa que o foguetão, que percorreu já, segundo as ultimas noticias, 227.000 kms., passará a uma distancia de 6.000 a 8.000 kms. da Lua — (F. P. e R.).

*

LONDRES, 3. — Talvez seja oportuna a ocasião para se tomarem medidas destinadas a colocar a Lua sob a dependência das Nações Unidas — declarou, esta manhã Kenneth, Gatland, vice-presidente da Sociedade Interplanetária Britanica, comentando o lançamento do foguetão russo. — (F. P.).

Preso em Havana

o chefe da Junta Militar

HAVANA, 3. — Foi preso o coronel Eugénio Cantillo, chefe da Junta Militar á qual o ex-presidente Baptista transmitira o poder, antes de sair de Cuba. Continua a greve geral. Sabe-se que os chefes das colunas de rebeldes que ontem chegaram á capital ocuparam os quarteis-generais do Exército, assim como o Regimento de Artilharia, no Forte «Cubanas». — (F. P.).

Bebé raptado em Nova York

NOVA YORK, 3. — A Polícia comunicou, durante a noite, que um recem-nascido fora raptado do Hospital de São Pedro, em Brooklyn. Acrescentou que o bebé, que nasceu na noite passada fora visto pela ultima vez nos braços de uma mulher loira.

Os pais do bebé raptado são o sr. Frank Chionchio, advogado e sua esposa. — (R.)

Prisão de comunistas

no Egipto e na Síria

CAIRO, 3. — Centenas de comunistas foram presos, na Síria e no Egipto, nas ultimas 48 horas — segundo informaram de fonte segura. Entre os detidos inclui-se o chefe do Partido Comunista sirio, Khaled Bekdash.

Prevêem-se mais detenções de elementos comunistas na R. A. U. — (F. P.).

Uma rebelião na Mongólia?

TAPEH, 3. — «Cem mil homens, pelo menos, estão em revolta contra os comunistas da Republica Popular da Mongólia» — afirmou o presidente da comissão dos Negócios Mongóis e Tibetanos Acrescentou que um primeiro-ministro mongol e seus colaboradores dirigiram uma sublevação, que falhou, contra as autoridades comunistas. — (F. P.).

RIBATEJANO

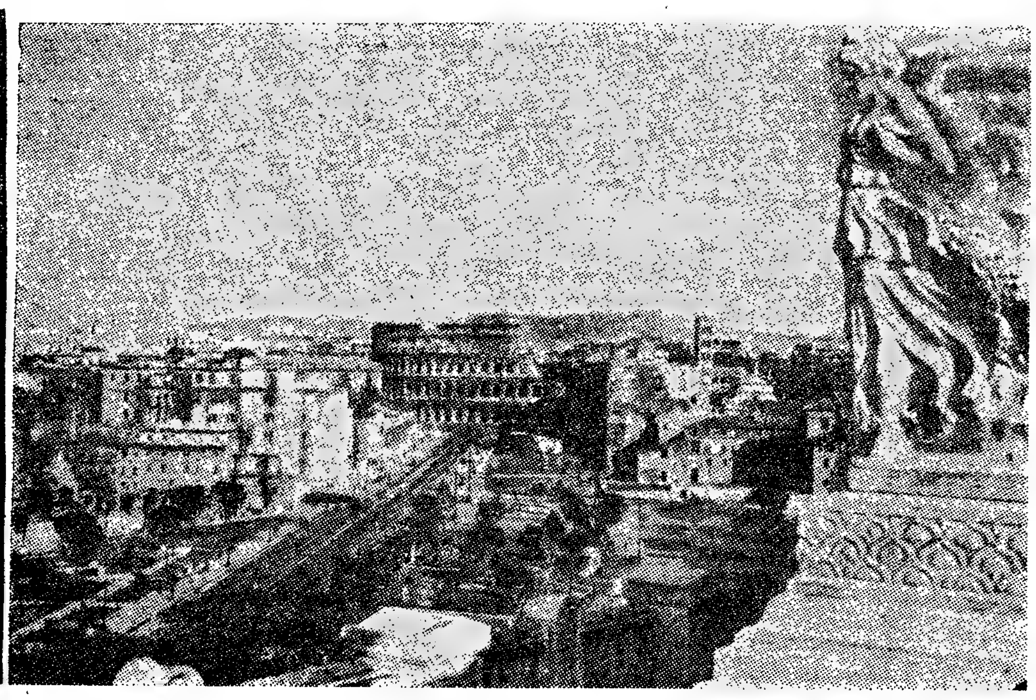
SALVATERRA DE MAGOS — TEL. 14

Amanhã, Domingo, Almoço Regional com 4 ranchos folclóricos
EMENTA:

Caldeirada á fragateiro — Fataça á ribatejano — Ensopado de enguias — Eirós á pescador — Cherne á moleira — Robalo cozido com todos — Dobrada á moda da casa — Cabrito assado á ribatejano — Bife á cortador — Costeletas de porco na grelha — Soufé de porco á portuguesa — Escalopes de vitela — Etc., etc.

Informações e reserva de mesas em Lisboa pelo tel. 770320.

magazine



R O M A

Num dia de intenso calor há grande afluência aos jardins da Villa Borghesa, honrados com o título de «Giardino di Roma». Na verdade trata-se duma longa extensão de relvados ornamentados com policromas flores, laguna tanques de repuxos, árvores frondosas e numerosas estátuas. E' um encanto para os olhos este verde tão vivo,

Por
DULCE REBELO

sempre fresco e repousante. As raparigas vestem cores claras, e as suas vozes têm tonalidades mais doces sob a sombra que as liberta dos ardores do sol. Junto duma fonte, um lago, um maciço de verdura, tomam-se poses para enviar uma foto romantica a alguém que está longe. Tudo parece flutuar numa vaga de sonho, de tal modo a serenidade da Natureza envolve os seres e as coisas. Pares de amorosos caminham lentamente, de mãos entrelaçadas, descansam na relva algumas jovens numa atitude que faz realçar os seus encantos, ouvem-se algures vozes murmuradas como se receassem despertar alguém. Um dos pontos de atracção dos vastos jardins é uma pequena ilha no meio de enorme lago, onde se ergue um templo de feição grega em homenagem a Esculápio. Alugam-se pequenos barcos que ou se dirigem á ilha, toda ela um tufo de plantas e relva com quedas de água, ou ficam a pairar sobre as aguas no grato prazer do momento. Há, porém, outros grupos dispersos pela cidade, fértil em oferecer lugares pitorescos ou encantadores. Aos pés da larga escadaria da «Trinitá dei Monti», a originalíssima fonte Barcaccia, tal como uma banheira de Vénus, recebe braços e pernas bem torneados que nas suas límpidas águas encontram o refrigério desejado. Depois e sempre, as formosas flores em todos os sitios, a tornar Roma um imenso canteiro onde o Inverno parece não chegar. Frequentam-se com assiduidade as «gelaterie» e os saborosos gelados fazem a delicia dos sedentos; o ar está impregnado de canções italianas, trauteadas pelas vozes bem timbradas dos que passam, ou emitidas pelas caixas de musica dos «cafés». Na Praça Navona, outrora circo de Domiciano, o «bar» «Tre Scalini» enche-se dos interessados em experimentar a especialidade

(Continua na 3.ª página)

APONTAMENTOS PARA OS TEMPOS FUTUROS

ESPARREGADO

a romana em Belafrós

Voltei a Balafrós a convite de Jacinto aquele heroico moço que não quis ser génio oficial. Deparou comigo na rua, fez-me uma ruidosa manifestação de braços abertos e ao fim de meia duzia de palavras rotineiras falou-me em Balafrós: «Você não suspeita o que lá se está passando! » — « quê? — investi eu — fabricaram finalmente o tal génio morto na miséria e na incompreensão e com a carraça da lápide comemorativa a parasitar na casa onde morreu?».

Pior do que isso! — escureceu o Jacinto. — Os génios andam por lá a desesperar-se aos rodilhões e era justamente o que eu desejava que você conhecesse».

Pelo caminho á moda de prefácio, foi-me dizendo que os intelectuais de Balafrós há muito que asfixiavam dia a dia, acondicionados cada um na sua forma de pudim — daquelas cheias de cananelulares e feitios velhos e relhos, mas que dão péssimos cómodos aos tecidos intelectuais. Os notáveis de Balafrós que velavam pela sua querida cidade tal como os simpáticos milhafres velam pela sua querida capoeira, lembraram-se de vender aos artistas e escritores talhões para a criação intelectual. Cada intelectual, cada artista tinha aí o seu privativo «espaço vital» e não poderia reclamar mais, o que se considerava, em primeiro lugar, má criação (difícil de tolerar entre a elite balafrosense hereditáriamente bem educada) e em segundo lugar, atrevimento subversivo (uma imperdoável nódoa de heresia a conspurcar a honra da ortodoxa cidade).

Desta maneira começaram os intelectuais balafroseuses a fazer tirocinio para cavalo de inglês, até ao dia em que uma eburnea poetisa que fazia versos, um pintor sem ser eburneo que pintava quadros e um romancista que não era uma coisa nem outra, mas que escrevia romances resolveram mandar fabricar num serralheiro um tripé de revolta. Rápidamente difundiram a senha de guerra — «Os artistas estão isola-

(Continua na página central)

SUMÁRIO

Roma
DULCE REBELO
Cesário Verde — Poeta da cidade
VIRIATO CAMILO
Crónica de Londres
LUÍS DE SOUSA REBELO
Histórias de mineiros
MANUEL DO NASCIMENTO
Fim de semana feliz
CICERONE
Ouvir bater o coração do Mundo
WILLIAM SIMPSON
A conquista do Céu
MANUEL SALGUEIRO
Apontamentos para os tempos futuros
DIÓGENES
A Náusea
JEAN-PAUL SARTRE
Diálogos impertinentes
ALFREDO BRAS
Postal ilustrado
MANUEL AGRA
Todo o homem enamorado tem uma espécie de sandice
AUGUSTO DA COSTA DIAS
Saiba comer
MARIA CAROLINA FREITAS
Ganhe cem escudos com um sorriso nos lábios

DIÁLOGOS IMPERTINENTES

por ALFREDO BRÁS

MÁRIO — Como é esta a ultima vez que nos encontramos este ano, acho que devo desejar-te «muito boas entradas», «um novo ano muito próspero» e mais coisas deste género...

ARMANDO — Por quem és, caro Mário, dispensa-me desses votos. Todos os anos, por esta altura, recebo dezenas de cartões dos meus alunos ou dos respectivos papás a desejarem-me montes de prosperidades e vejo-me na dura obrigação de responder no mesmo tom, embora saiba muito bem que eles só pretendem prosperidades para si e para os seus rebentos. Se uma fatalidadezinha que me sucedesse no decorrer do ano lectivo pudesse de qualquer maneira beneficiar um aluno cábula, evitando-lhe um chumbo esperado e merecido, tanto o papá como o menino se congratulariam muito com o acontecimento.

MÁRIO — Acho que deve realmente haver muito disso. Mas também haverá de certo gente de muito boa vontade e esta época do ano é propicia á expansão dos bons sentimentos...

ARMANDO — Bons sentimentos determinados pelo calendário e sómente durante uma semana em cada ano... Deves concordar que é muito pouco para uma civilização cristã. Ficam 51 semanas de egoísmo, de luta fratricida, de total desinteresse pela sorte de todos aqueles que não pertençam ao nosso limitado circulo familiar.

MÁRIO — E' a lei da vida...

ARMANDO — Não é tal. Será an-

(Continua na página central)

CESÁRIO VERDE

POETA DA CIDADE

Por VIRIATO CAMILO

QUANDO se lêem versos de Cesário, revelação que, por nos parecer tão simples, nos custa a acreditar ser tão extraordinária. O mundo íntimo do poeta e a vida que o rodeava — as pessoas e os objectos — têm tal relevo que quase os apalpamos. De uma riqueza de imagens tão grande, que um dia não resistimos e quisemos iniciar uma experiência: fixar com uma máquina de fotografar (ah! se tivéssemos uma de filmar!), algumas cenas ou perspectivas de Lisboa que supomos terem surpreendido o poeta e que fossem possuídas do mesmo encanto. Olhando para estas gravuras com «os olhos» de Cesário aprendemos a encontrar Poesia em todos os momentos da nossa vida quotidiana a amá-la mais e aos homens também. «Mestre» lhe chamou Fernando Pessoa com a sua voz autorizada. Mas a sua modéstia, tão grande, revela-se quando diz: «...Não poder pintar/Com versos magistrais, salubres e sinceros». Era assim Cesário, sempre desejoso de dar, com pureza e verdade, tudo o que via e sentia. Também aqui: «E eu que medito um livro que exacerbe/Quisera que o real e a análise mo dessem»; ele dá-nos o tom alto em que coloca o seu interesse pela verdade, a fim de não insuflar nos seus versos, apressadas interpretações ou falsos conceitos.

Mergulhámos a nossa atenção na sua poesia e aprontámos a máquina para captarmos ao vivo algumas imagens sugestivas, do inigualável poema de «O sentimento de um Ocidental».

E principiámos por aqui... ... ...
... ...

Embrenho-me, a cismar, por boqueirões, por becos,
ou erro pelo cais a que se atracam botes

Quantas vezes não temos nós passado pela Praça Luis de Camões, indiferentes a tudo. Mas o coração, os nervos e a alma de Cesário reagiram como órgãos de uma natureza sensivel, e que resultou assim:

... ...

Mas num recinto público e vulgar,
Com bancos de namoro e exíguas [pimenteiras,
Brônzeo, monumental, de propor- [ções guerreiras,
Um épico d'outrora ascende num [pilar.

disco da semana

Fernando Pessoa

pelos Jograis de S. Paulo
Ode Maritima — Vem noite antiquíssima — Do vale à montanha—Todas as cartas de amor Para ser grande — O mostrengo Se tudo que há é mentira — O menino de sua mãe — Saudade dada — O guardador de rebanhos — Ode triunfal
Disco Parlaphone LP 30cm
CPMC 16

João Gaspar Simões, num artigo intitulado «Quatro Jograis do Século XX», assim se referiu aos Jograis de S. Paulo: «Vemos aparecer, em plena idade da poesia escrita, um grupo de rapazes que têm como sua maior aspiração, no seculo XX, repetir o humilde mister de jogral.

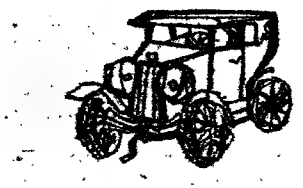
«Não trazem a tiracolo nem a viola, nem o adufe, nem o rabil, nem a cítara estes novos cantores ambulantes que atravessaram o Atlantico para nos recordar que foi aqui, neste recanto da terra peninsular, que nasceu a poesia que eles próprios nos vêm dizer. Estes jograis do século XX encontraram uma chave nova para abrir, ao ouvido do auditor, essa porta fechada que é para muitos a surda musicalidade da poesia dos nossos dias».

Se nos tinha impressionado francamente o seu primeiro disco (Poemas Brasileiros), o agora publicado confirmou e até superou de longe essa boa impressão. Raras vezes nos foi possivel ouvir Fernando Pessoa com a dignidade e o interesse destas versões. Recomendamos vivamente este disco que, estamos certos, muito concorrerá para uma maior divulgação da maravilhosa obra do grande poeta.

FIM DE SEMANA FELIZ

Após tantos e tantos dias de cabeça á toa pelas paredes, a chuva descansou. O Céu voltou ao azul da sua juventude e o astro-rei, poderoso, embora, caminha por aí de rojo á procura de mãos de velho que possa lamber e aquecer.

Não se esqueceu o destino de pôr no sapatinho dos pobres esse presente. Haver contra eles forças sociais e forças da natureza, consiederem que e demasiado. Andar mal agasalhado por dentro (alma incompreendida, coração desprezado...) e por fora, e mal duplamente difícil de suportar. A solidão aumenta com a chuva, não sei se repararam. A chuva levanta umas grades de aprisionar corpos e almas; e se um pingo lentamente escorre em nossa cara, quando sabemos nós se é gota de chuva, se é lágrima?



Pois veio o Sol e logo de manhã a canção acordou em minha boca. E sem saber porquê, a pobre dela não soube responder-me quando, austero, lhe perguntei se ignorava que a hora de acordar não viera ainda.

Claro, as canções sabem lá por que despertam! Zzztt!, uma faísca. E estão vivas e bailam e cumprem...

Olhem, tenho pena. Deus me perdoe! Tenho pena que não viesse uma chuvinha, ao menos para meu consumo, a fazer de cenário á recordação.

Que eu não quero aconselhar-te, leitor, meditação forçada sobre o que te veio e não te veio no ano morto aí. Isso usa escrever-se nos jornais: o ano de 1958 nas letras, na pintura, na produção do vinho do Porto, na política, nisto e naquilo. São raros aqueles de nós que se decidem a um acto valente de contrição. O arrependimento é tão banal no instante da morte, porque sabemos poder fazê-lo com segurança de já não precisarmos de recorrer ás armadilhas e ás falcatruas de que nos penitenciamos.

Sim, não venho prègar moral nem aconselhar-te uma meditação em forma neste princípio de ano apenas por estarmos no princípio do ano e por ser da praxe meditar um pouco a gente nessa altura. Estou a recordar-me aqui daquela viuva que era alegre trezentos e sessenta e quatro dias no ano — e triste, compungida e severa consigo própria no dia 2 de Novembro, dia que reservava para fazer as pazes com o seu defunto. A crítica, a vigilancia que sobre nós exercemos ou se faz continuada, sem horas para almoço, e então nos serve de arrimo principal, ou acorda de vez em vez e nessa altura acumulou-se tanto lixo que o melhor é desistir de o varrer. Até porque aí já nós somos um pouco desse lixo e teriamos de nos varrer a nós próprios...

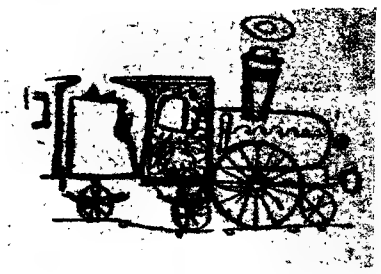
Embora o queiramos ou não queiramos, e eu to aconselhe ou não, inevitàvelmente a pergunta nasce, por muito que a tentemos afogar em champanhe e lhe tapemos a gorja com bolo-rei: **que fiz eu no ano de 1958!**

Não sei se já repararam que a consciência humana é terrivelmente parcial. Acusar é quanto sabe. A minha, pelo menos, perante aquilo a que se chama uma boa acção, nunca a ouvi dizer: és um bom rapaz... Mas, se ando pelo torto, arreganha a dentuça e cá estou eu para aturá-la!

Resolvam vocês, em família e á boa mente, os assuntos suspensos. Do mal que fizeste procura remediar tanto quanto possível ainda. Se o não fizeres, á pergunta sacramental: «Para onde vai amanhã?» a resposta só pode ser uma: **para o inferno.**

Na hora que atravessamos, talvez que a pergunta com cabimento melhor fosse esta: «Para onde vai este ano?».

Atendendo a que o tempo trabalha a favor das pessoas simples (tanto mais quanto as pessoas simples trabalham pelo tempo), atendendo a que a dicisão universal de preservar o Mundo de uma nova guerra se fortaleceu em 1958 e continuará, sem duvida, a fortalecer-se; atendendo a que a ciência abre aos povos de todo o Mundo perspectivas de fartura e bem-estar, atendendo a que um clima de amizade acabará por triunfar do clima de hostilidade — posso dizer-te, leitor, que o passeio este ano será dos mais belos de sempre, todos, de mãos dadas, com o farnel na mochila, nos encaminharemos para a Paz, para a Compreensão, para a Felicidade.



...E agora sei de onde veio a canção para os meus lábios, esta manhã. Sei que não veio do Sol...

Sei que veio desta certeza da Felicidade para amanhã.

CICERONE

A QUE SE DIZ ONDE NASCEU...

O TELESCÓPIO

Foi na Holanda. O filho do oculista Lippershey brincava á janela com duas lentes e de repente pareceu-lhe que o galo da torre da igreja se aproximava. Gritou para o pai a sua estranha descoberta e assim se ficou devendo a uma criança tão importante invento. Lippershey constrói o primeiro telescópio em 1608. Dois anos depois, Galileu construia outro com o objectivo de explorar o mistério dos céus, conseguindo avistar quatro satélites de Jupiter e as montanhas lunares.

O CÃO

O primeiro amigo que o homem conquistou no reino animal foi o cão. Esta amizade deve ser tão velha como 10 mil anos. Vale a pena lembrar um facto: foi em Portugal e na Finlandia que se encontraram os esqueletos mais antigos de cães.

O RELÓGIO DE BOLSO

Nasceu em Nuremberga, na Alemanha, portanto, e chamava-se Peter Henlein o seu genial inventor. Depois de muitos anos de canseiras e experiências conseguiu finalmente construir, em 1509, o primeiro relógio de bolso. Era de ferro, tinha corda para 40 horas e possuia apenas um ponteiro. Ba-

GANHE 100$00 com um sorriso nos lábios

UMA SEMANA QUE É UMA ROMAGEM DE SAUDADE. O VENCEDOR É MUITO VERSADO EM QUESTÕES DE COSTURA.

Esta semana realizou-se de facto uma romagem de saudade ao mais benemérito de todos os Portugueses: *O Senhor Inquilino*. Deram-se, como é de calcular, cenas comoventíssimas, houve discursos e no fim falou o homenageado.

Dos discursos dos homenageantes recortámos as peças que, seguidamente lereis.

O sr. (ou a senhora) C. H. B. (vivenda Azul — Carcavelos), que foi muito cumprimentado (ou cumprimentada) por ter sido vencedor da semana, disse o seguinte no meio de um silêncio impressionante:

«O Inquilino é um sujeito que tendo feito uma grande «combinação de renda» se vê obrigado, no final, a andar de «tanga».

Deve dizer-se que uma tão breve lição de corte de costura por 100 escudos e ainda com um sorriso nos lábios — é um honorário a que se não está habituado em Portugal.

O sr. Luís G. N. Bonvalot (Lisboa), técnico em questões de zoologia, conseguiu, ao fim de vários e científicos estudos, classificar o homenageado dentro de uma ordem zoológica:

Inquilino — é um animal doméstico criado para uso e abuso do senhorio».

Também o sr. E. Brandão (Lombos-Carcavelos) teve a mesma preocupação altamente zoológica. Em seu entender, inquilino é

«Aquele que teve o azar de não nascer caracol».

Quer-nos parecer que este nosso prezado leitor é profundamente cruel. Calcule o que seria do pobre inquilino se, além da casa, ainda trouxesse o senhorio ás costas... Era um autentico bazar chinês!

O sr. Mário Nunes Soares de Melo faz uma argutíssima observação que levantou aplausos na assistência: Disse ele que

«Inquilino é aquele que aperta o cinto para o senhorio alargar o seu».

Nesta altura, no sala, deu-se um curioso movimento colectivo: todos os assistentes levaram a mão á barriga.

«O Inquilino é uma vítima da civilização!»

— disse, de subito, o sr. Virgilio Ribeiro (Lisboa). Eu respondi: E também um produto, meus senhores!

— Como, um produto?

— Nos tempos em que não havia civilização não havia casas, não havia inquilinos. Mas há-de chegar a altura em que haja civilização, inquilinos e não haja senhorios.

O homenageado nesta altura felicitou-me imenso.

Depois falou o sr. José Joaquim (Porto) que pediu licença para glosar o mesmo tema do vencedor:

«O Inquilino — disse — é um indivíduo de cujas mãos saem grandes «rendas» sem nunca utilizar agulhas...».

Também foi muito cumprimentado.

Dada a seguir a palavra ao sr. E. Lass (Coimbra) ele afirmou com grande veemência que o Inquilino é

«Uma criatura que se esfalfa a trabalhar para que o senhorio possa viver».

Era uma grande afirmação sociológica que todos os presentes anotaram nas agendas.

Então levantaram-se dois congressistas que falaram sobre a figura religiosa do Inquilino.

«O Inquilino — disse o sr. Silvestre Gaudêncio, de Unhais da Serra — é o Anjo da Guarda do Senhorio».

Viram-se muitas lágrimas a brilhar como joias do mais alto preço. Só foi pena que se tivessem desfeito.

Então ergueu-se o sr. Fernando Camba e disse que as suas palavras iam ser quase iguais ás do seu ilustre antecessor:

«Penso com efeito — disse — que o Inquilino é o Anjo Protector dos Senhorios».

Ouviu-se dizer em coro: «Querido Anjo! Infeliz Anjo! Anjo depenado». E já todos se dispunham comovidíssimos a tomar o «elécrico» dos Anjos, quando o homenageado se ergueu:

«Sou tudo isso, infelizmente — soluçou — e até já me tornei na vitamina dos construtores civis e dos senhorios. Quem me diria que me havia de tornar em produto farmaceutico»!...

Dada a gravidade do caso, fechou-se a sessão.

E para o próximo dia 10 de Janeiro? — perguntam. Não me esqueci. Cá está a palavra, sugerida pelo sr. Joaquim Anacleto Leitão (Aveiro). É a palavrinha:

TIA

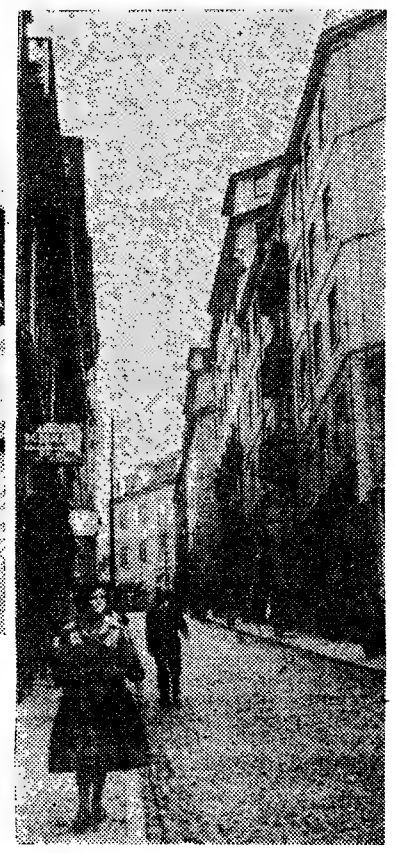
As respostas devem estar em «MAGAZINE», Rua Luz Soriano, 44 a 48, até ao próximo dia 10. E vivam os inquilinos!

Cesário Verde

Vejamos agora como Cesário transformou o descritivo em expressão poética:

... ...

Na parte que abateu no terramoto,
Muram-me as construções rectas, iguais, crescidas,



Quem as não conhece...

... ...

Vêm sacudindo as ancas opulentas
Uns troncos varonis recordam-me pilastras;
E algumas, á cabeça, embalam nas canastras
Os filhos que depois naufragam nas tormentas.
Afrontam-me, no resto, as ingremes subidas,
E os sinos dum tanger monástico e devoto.

■

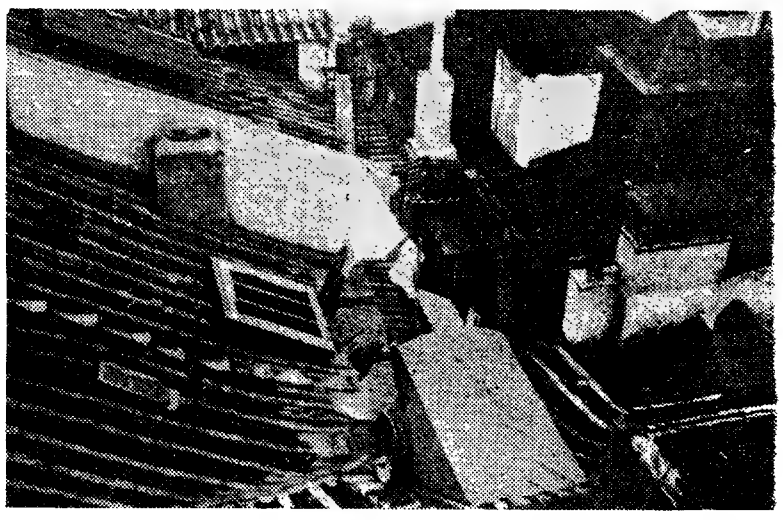
Existem angulos, perspectivas, panoramas a que nos habituámos tanto a ver de tal ordem que nem sequer suspeitámos serem possíveis impressionar alguém e que, ainda por cima, envolverá essa visão realita da linguagem comum que utilizamos transformando o que se nos afigura estático e decadente em movimento ritmado e dialéctico.

... ...

O tecto fundo de oxigénio, d'ar
Estende-se ao comprido, ao meio das trapeiras;
... ...
E, enorme, nessa massa irregular
De prédios sepulcrais, com dimensões de montes,
A dor humana busca os amplos horizontes,
E tem marés, de fel, como um sinistro mar.

Terminamos esta primeira olhadela através do visor da máquina, agradecidos ao poeta que nos tem ensinado a olhar o Mundo objectivamente, sem sofismas nem enganos, fazendo-nos encontrar ao longo de todo o poema com o palpitar de tudo o que compunha no seu tempo esta velha cidade e de que aqui apenas damos meia dúzia de apontamentos fotográficos, muito aquém do numero que merecia. Cesário Verde, que tão bem soube encontrar o tom para a descrever, finaliza o poema desta maneira:

... ...



ROMA

(Continuação da 1.ª página)

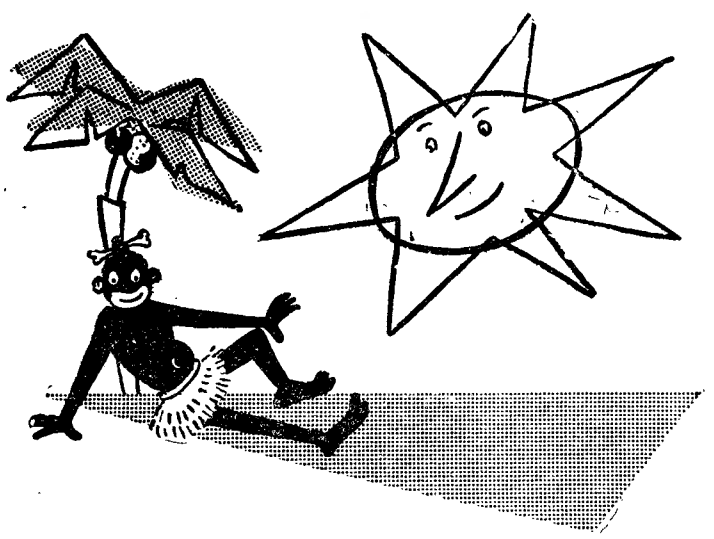
da casa — o «tartufo», gelado de laboriosa execução.

Surge o prazer de passear, de descobrir a beleza das praças, de sentir a harmonia que se eleva da cidade com a sua agitação, os seus silêncios, a sua claridade e as suas sombras. Sente-se a presença dum mundo vivido, imortal, e um permanente alvoroço na descoberta do belo. Num dos centros de Roma, a Praça Venezia é um assombro com o seu palácio de ameias, estilo renascentista, e o grande monumento a Vitor Emmanuel II, donde se descortina um magnífico panorama. A' volta da praça estão situados os restaurantes e bares mais elegantes, livrarias que apresentam grandes novidades e um gracioso mercado de flores que lembra uma rosácea de tons delicados. Daqui partem as rosas, os cravos e outros exemplares da estação que vão ornar os vasos de porcelana dos hotéis luxuosos.

Ao entardecer, Roma enfeita-se com novas galas: uma ligeira penumbra acinzenta os edifícios, as árvores, o mármore de janelas ogivais, e a irrealidade parece pairar entre o céu e a terra. Mas o despertar vem breve quando se ergue repentinamente diante dos olhos uma coluna, como a da Praça do Circo Massino, com a inscrição «A 417 commilitoni caduti in nome d'Italia — Settembre/1943». Muitas mais memórias existem dispersas, e assim se liga o passado ao presente numa continuidade que faz a história dum povo.

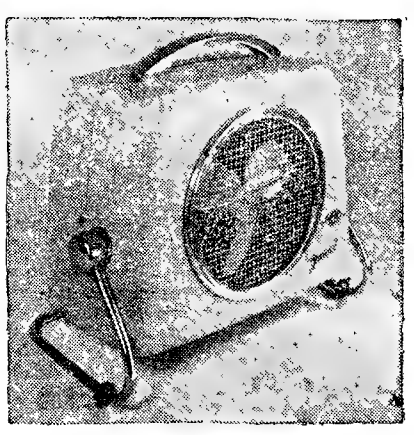
Por fim, cai a noite, e é então que o encantamento atinge o auge. Nas Termas de Caracala canta-se a «Aida» numa perfeita reconstituição de cenários; as paredes famosas pelos mosaicos de valor revelam a variada gama colorida devido a iluminação apropriada. Os foros, evidenciados por uma luz pálida, põem manchas de luar nas ruínas; á sombra dos arcos dos imperadores beijam-se namorados e a hora romantica tem o seu lugar, enquadrada por todas as maravilhas da cidade. Os restaurantes, ao ar livre, estão adornados de folhagem, e por entre os festões adivinham-se lanternas venezianas, balouçando á brisa nocturna. Cantores de guitarras a tiracolo vão de mesa em mesa dedicando serenatas ás «signorine» enamoradas. Os seus parceiros encomendam as canções preferidas pagando generosamente aos artistas. As floristas vendem agora pequenos ramos dentro dum açafate. Duas rosas desabrochadas tingem de vermelho o branco da toalha, dois cravos de pés prateados murcham nuns dedos afilados. A musica continua pela noite fora, e as palavras de amor têm um cunho mais verdadeiro quando o vinho Chianti começa a aquecer o coração e a nublar as ideias. No entanto, é suficientemente estonteante o próprio ar que se respira na cidade, e aqueles que têm de abandonar Roma dirigem-se á espectacular fontana di Trevi, com um movimento admirável de figuras, jactos e cascatas, e atiram á água esverdeada e luminosa as 5 liras da tradição para voltarem depressa.

DULCE REBELO



Radiadores de
CALOR NEGRO
GEP

Os radiadores GEP, com ventoinha para circulação forçada de ar, são muito compactos, muito económicos e bastante eficientes, pois realizam o aquecimento total do ambiente á custa de uma circulação de ar de cerca de 7m³ por minuto.
Não queimam as poeiras do ar e são absolutamente seguros, quer para crianças, quer para adultos, em virtude da sua blindagem não poder provocar queimaduras. São silenciosos, têm filtragens contra interferências na TV e no Rádio.



GEP GENERAL ELECTRIC PORTUGUESA GEP

OUVIR BATER O CORAÇÃO DO MUNDO para a Esperança»

Sou partidário decidido da criação de prémios que sirvam de estímulo, nos diversos sectores da actividade humana.

Esse processo encontra-se, aliás, muito espalhado, em todas as nações. Prémios de literatura, de teatro, de cinema, prémio ao melhor trabalho sobre isto, sobre aquilo...

De um momento para o outro, alguém passa do anonimato á fama, da obscuridade á glória. Se nem sempre com rumo á posteridade, pouco importa. Como válida, fica a intenção que esteve na base da criação do prémio: estimular as forças uteis ao serviço da arte, da ciência, do progresso, da perfeição do homem.

Acaba de ser atribuido em França um prémio muito original com um título sugestivo: «Passaporte para a Esperança», valor numerário: cerca de quarenta mil escudos. O prémio nasceu em Abril ultimo para recompensar em cada ano, o homem ou a mulher que viva do seu trabalho a partir dos 15 anos e que tenha tudo feito para mudar o curso de um destino difícil.

O prémio deste ano está em boas mãos. Nas de Ella Bogval, bailarina polaca, com um «palmarés» impressionante.

Nascida em 1938, em Lodz, na Polónia, assistiu aos horrores da ocupação nazi que marcaram a sua infancia de uma luz sangrenta.

Nesse tempo, que representa um dos periodos mais negros na história da humanidade, os Judeus eram perseguidos até á destruição. Os pais de Ella, judeus, foram conduzidos a um gueto em 1943 e queimados no forno crematório no mesmo ano. O irmão mais novinho morreu de fome. Ella salvou-se por milagre...

Quando a guerra chegou ao seu termo, um tio encontrou-a. Estava gravemente enferma, moral e físicamente. Pobre meina de sete anos que descera aos infernos...

Internada num sanatório, lá passou dezoito meses, findos os quais a família a entregou aos cuidados de um orfanato, em Paris.

Acabara a guerra, mas não o tormento. A luta na guerra sucedera a luta na vida. O mundo oferecia a Ella Bogval um vasto campo semeado de dificuldades...

Sem ninguém que lhe desse um pouco de ternura, foi isso que levou Ella a apaixonar-se tão intensamente pela arte que acima de todas amava: a dança.

De facto, tendo, certa ocasião, assistido a uma exibição de «Ballet» ficou de tal maneira impressionada que pediu á directora do orfanato a deixasse frequentar um curso especial. Obtida a autorização, começa para a jovem uma jornada de sacrifícios e encantamento...

Aproximavam-se tempos ainda mais duros. Chegada aos quinze anos de idade, teve de abandonar o orfanato. Agora não podia contar senão consigo própria — para vencer ou para morrer.

A ideia de abandonar os seus estudos de «ballet» torna-se intolerável. Lutará para evitar esse desastre. Ella tem coragem. Sabe que a persistência é a chave do segredo que transforma o sonho em realidade.

Aprende costura, trabalha no «atelier» muitas horas por dia. Priva-se de tudo — inclusivamente de comer — a fim de pagar o curso de dança de Nina Tikanova.

Mas a persistência, a inquebrantável decisão começam a dar os seus frutos. Ella Bogval salienta-se no meio de todas as suas companheiras do curso. Em 1953 dão-lhe a primeira oportunidade: uma exibição no Casino de Enghien. Exito estrondoso!

Hoje, Ella Bogval faz parte da companhia Babilée, já bem conhecida dos portugueses. Depois de uma brilhante «tournée» em Israel, dirige-se presentemente á Europa Central para uma série importante de exibições.

Ella Bogval ganhou amplamente direito ao «Passaporte para a Esperança». Tem 20 anos. O triunfo espera-a...

WILLIAM SIMPSON

Gorduras

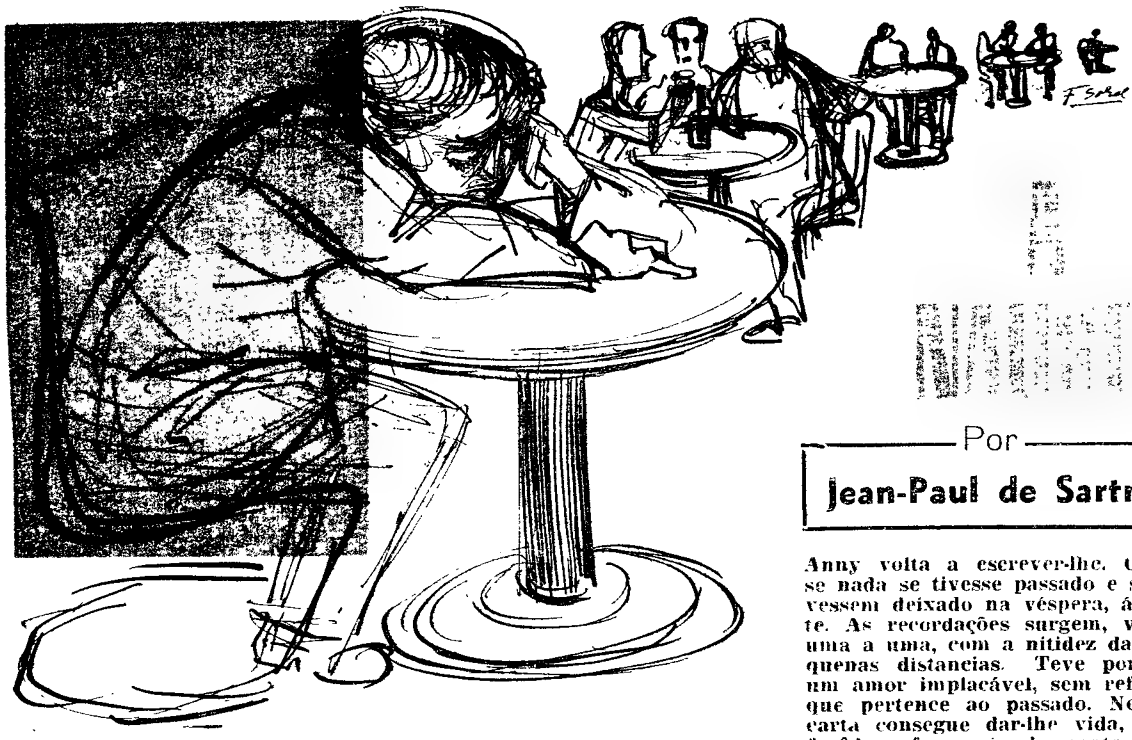
Podemos dividir as gorduras em duas categorias muito distintas:

1.° — A banha de vaca, a manteiga, os ovos, os óleos vegetais, aumentam nitidamente a taxa de colesterol.

2.° — Os óleos, de azeitona (azeite), de gira-sol, de amendoim — ou certos óleos de peixe — não modificam a taxa de colesterol.

Certas experiências demonstraram até que a mistura de duas destas gorduras — uma nociva e outra benéfica — o colesterol tendia a descer. Por isso, um regime de ovos acompanhados com óleo de gira-sol, por exemplo, não apresenta nenhum efeito pernicioso. perturbador elemento natural se deve ao **excesso de civilização moderna.**

Podemos chamar-lhes, em vez de gorduras benéficas, **gorduras protectoras!**



Por

Jean-Paul de Sartre

O homem era um isolado. Insatisfeito. Quando parte de França, todos acham que foi uma leviandade; quando regressa, no fim de seis longos anos de fastio, todos na mesma pensam que é leviandade. Seis anos de ausência, seis anos sem finalidade alguma, seis anos de leviandade.

Busca refugio na biblioteca publica, entre os livros de História. Eles mostram-lhe a insatisfação de outras homens, a leviandade de outros homens, a inutilidade de outras vidas vazias, intrigas estereis. Um homem como ele não sabe encontrar senão outros homens á sua semelhança. Mas ao contrário do que sente em relação a si próprio, a História parece oferecer-lhe capítulos vividos, presentes, que depressa o fatigam.

A caminho da biblioteca, tem o café. Gosta de entrar aí; o dono dá-lhe sempre vontade de rir. Até sair o ultimo freguês, o gorducho luta com um sono imenso que lhe congestiona o rosto e avermelha os olhos — mas resiste. As luzes apagam-se sobre o ultimo freguês. Nem é preciso olhar para o gorducho — dorme já profundamente, o sono de todas as tardes. Pontualmente, como um despertador bem afinado.

Depois do café, tem Françoise, a prestável dona da pensão. Mal se falam, mas ela cura-lhe a melancolia; curado, o homem parte, sem destino pelas ruas cheias.

Foi num dia assim, quando ia ter com ela, carregando a pesada melancolia, que a Náusea veio. Inesperadamente, sem saber como nem porquê. A criada anunciara-lhe a ausência da patroa. Qualquer coisa dentro de si se amarfanhara; percorreu-o um arrepio; sentou-se no bar e, viva e bruscamente, veio a Náusea. Remoinhos surgiram no tecto, flutuaram, encadearam-se com brumas luminosas que surgiam de todos os lados. A cabeça parecia apenas apoiada no pescoço; se fizesse um movimento, ela rolaria pelo chão. Sente-se mole, elástico. Terrível coisa, a Náusea. Mas, subitamente, como veio, desapareceu. Olhou em volta, um cenário novo que não vira até aí: jogava-se. O cair das cartas sebentas no pano verde desbotado pareceu-lhe de bom agouro. Escutou. Sorrisos, risos, cortados do silêncio atento de quem joga. Pragas. Mas a Náusea tinha-se dissipado, a bruma esvaia-se e deixava a sala límpida. E o homem leve, nítido, feliz. Sorrisos, risos e pragas têm um sabor agradável. Sai.

O ar frio faz-lhe bem. A' sua volta, a vida desliza Lucie agarra, pela manga, um homem loiro que tenta fugir. Palavras coléricas, olhos de tragédia «Charles, estou farta, Charles não faças a minha desgraça», lembram-lhe que talvez ela precise de auxílio. Mas terá de lho pedir. Não, afastam-se agora e, na distancia, as vozes já nem são coléricas. No jardim, um homem envolvido numa grande capa que lhe chega ás barrigas das pernas. Não é um homem; são, sim, dois vultos, mas ao ruido que faz com a cancela, a rapariguinha foge, espavorida. Não terá mais de dez anos... O homem, afasta-se,

curvado ao peso da desilusão. Já não tem o rosto sádico, nem o sorriso patife.

No passeio fronteiro, um sujeito leva a mulher pelo braço e diz-lhe ao ouvido palavras que soltam frouxos de riso Passa uma sombra que os olha — mas os risos gémeos mantêm-se nos rostos deles, como se nada mais existissem, para ambos, que o universo deles. Uma mulher gravida ampara-se a um jovem alto. A noite desce. O farol acende a primeira luz daquela noite.

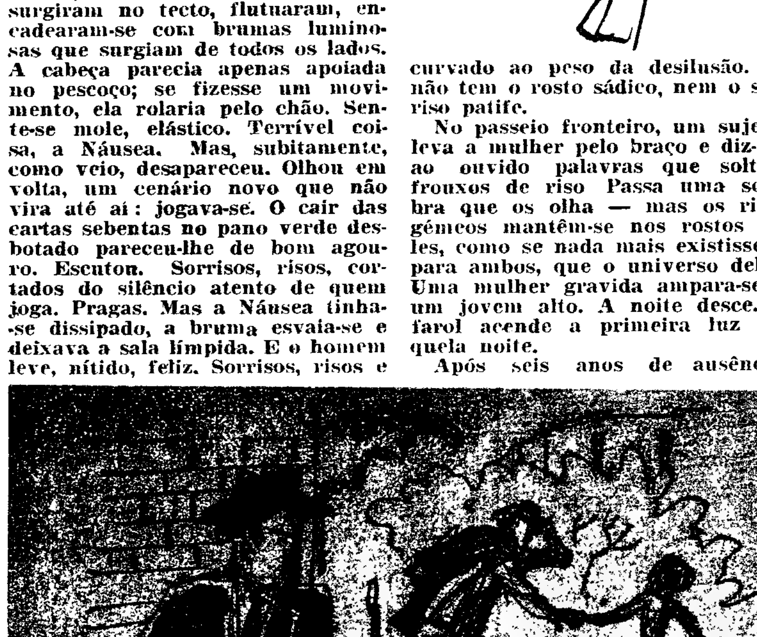
Após seis anos de ausência, Anny volta a escrever-lhe. Como se nada se tivesse passado e se tivessem deixado na véspera, á noite. As recordações surgem, vivas, uma a uma, com a nitidez das pequenas distancias. Teve por ela um amor implacável, sem refugio, que pertence ao passado. Nem a carta consegue dar-lhe vida, nem fazê-lo sofrer; simplesmente, deixa-o vazio, nauseado. Dobra o passado em duas pregas, mete-o no sobrescrito e este na algibeira. Pensa que ter passado é um luxo de proprietário

A chuva parou. No céu desenrolam-se belas nuvens negras. Uma cara de mulher e duas mãos pálidas acariciam a blusa. No cais, o nevoeiro adensa-se. Dentro do café, o ar está quente e poeirento, porque o criado acaba de varrer a sala, sem se lembrar de humedecer o pó. Lá fora, as horas foram passando; as janelas escurecem.

...O dia, ao nascer, empurrou para bem longe a bruma densa. O sol apareceu radioso. O homem voltou a pensar em Anny. Afinal, talvez o passado regresse. Talvez a traga para junto de si. E então, talvez o medo desapareça e a Náusea deixe de o atormentar. Talvez, talvez... Mas a duvida dá lugar ao sonho, ao sonho mau. Um pesadelo que o toma como uma vertigem. Vertigem e Náusea de sangue. Vertigem do suicidio. O sangue manchou o papel, ao correr do pulso, mas coagulou pela espera. Náusea do suicídio.

As horas soaram e o homem saiu. Compra o jornal da tarde. A notícia fá-lo estremecer. O corpo da pequena foi encontrado e o ignóbil indivíduo anda a monte.

Amarrota o papel que ainda cheira a tinta. E o pesadelo volta. Agora é ele que anda a monte. Foi ele que estrangulou a pequena. O coração bate; perde o fôlego na corrida. De quem foge? — talvez dele próprio, dos mortos que voltaram para o perseguir, da voz roufenha da mulher que canta, da carne da mulher que possuiu, do sol que traça uma nódoa de luz, da mosca entorpecida que volteia nessa nódoa. Esborracha a mosca, mas não o Sol. Sente-se velho e fraco e só. Anny vai voltar, mas Anny detesta o que é velho e fraco — detesta os destroços...



Condensação de alguns aspectos do famoso romance «A NÁUSEA», de Jean Paul Sartre. por amável autorização de Publicações Europa-América que acaba de o editar em Portugal, dentro da sua colecção «SÉCULO XX».

VIDA QUOTIDIANA EM PORTUGAL NA IDA

Todo o homem enamorado fe

...TODOS LOS SABEDORES CONCORDAVAM QUE TO-... NAMORADO TEM UMA ESPECIE DE ... JULGA A FEIA POR FORMO- ... D. FERNANDO»)

ENQUANTO nas cilas ou cidades onde os homens dos ofícios, os mesteirais, tinham mais consciência política, se bradava contra a ligação de El-Rei com Leonor Teles — estes andavam pelo reino, folgando. O monarca ainda não a tinha recebido como mulher, o que semeava mais escandalo no coração dos povos. Houve quem dissesse que El-Rei não casaria, que tinha Leonor Teles apenas como manceba e que, depois de farto, a remeteria para casa com boas mercês. Escutando isto, a gente simples suspirou de alívio. Seria; pois seria. Já outros reis o tinham feito e bom era que El-Rei folgasse, pois era novo, e sendo assim pois que folgasse com mulher escorreita, qual convinha a tão belo homem.

A «tournée» amorosa foi-se espreguiçando com vagares sibaritas pelas terras do Norte do País. E aconteceu um dia que apartaram a Leça, «antre Doiro e Minho». Olhando o belo mosteiro dos frades da Ordem do Hospital, Fernando pensou que estava ali o sítio ideal para receber Leonor publicamente. Logo convocou a nobreza, e no dia aprazado, reunindo-se a todos no mosteiro, espargiu-os com um longo e conceituoso discurso — forma, como se vê, já muito velha de um homem querer mostrar que tem razão. Fernando, dentro das boas regras do estilo, passou pelas estações líricas, pelas provas teológicas — no que se espraiou acerca das origens divinas do casamento — sacrificou uns bons minutos ás provas eruditas que bem demonstravam a limpeza e a nobreza do sangue de Leonor (descendente de reis, segundo em longos estudos apurara) e acabou chãmente com o estardaçal das terras que havia por bem oferecer a sua mulher, para que ela pudesse manter o honroso estado de rainha, como lhe pertencia.

Todas aquelas razões iam escorrendo pelas orelhas do selecto publico que, inteiramente rendido e maravilhado com os dotes oratórios do monarca, veio beijar com servil submissão a mão de Leonor Teles.

Só um homem se mantinha grudado ao chão. Tinha os braços cruzados, em feição de desafio, e para que não houvesse qualquer duvida, de cabeça bem erecta, seus olhos varavam friamente o régio casal. Era Dinis, filho de D. Pedro, o rei doido, e de Inês de Castro. Fernando fitou por espaços, em silêncio, o irmão. Apenas o tempo para que a cólera se reunisse toda na válvula da garganta para estourar com mais força.

— Aquele! — foi só o que pôde articular, apontando o irmão.

Las V

vencava ce lu

Em pleno deser — Las Vegas — col atordoadas...

PARA dar uma ideia do que representa a cidade de Las Vegas na vida dessa grande nação que se chama Estados Unidos da América, talvez nada haja melhor do que transcrever uma anedota. A acção passa-se no auge da guerra fria (numa altura em que se chamava *frio* algo que ardia nas mãos das pessoas...). Dois novaiorquinos conversam:

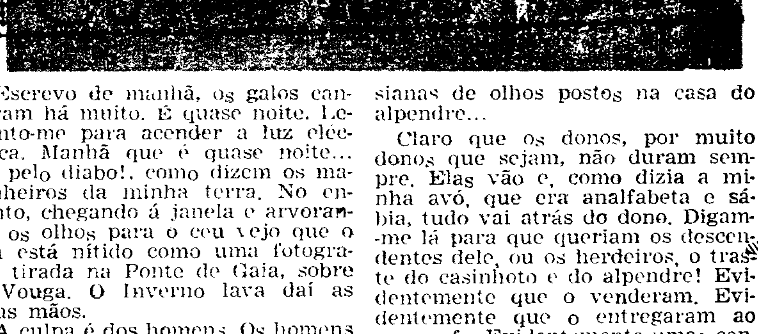
— Se houver guerra atómica, que fazes?

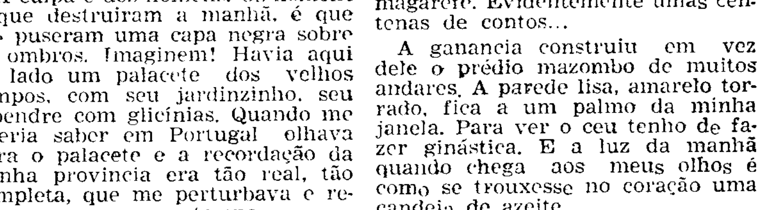
— Procuro informar-me uma semana antes.

— Para?...

— Para passar os dias que restam em Las Vegas...

Las Vegas, a cidade do luxo e da roleta, é bem o simbolo da agitação, da vida inquieta e sem repouso que aperta, como um laço terrivel, o pescoço de milhões de pessoas. E' também a demonstração de quanto pode a iniciativa, a força de von-





Escrevo de manhã, os galos cantaram há muito. É quase noite. Levanto-me para acender a luz eléctrica. Manhã que é quase noite... Só pelo diabo!, como dizem os marinheiros da minha terra. No entanto, chegando á janela e arvorando os olhos para o ceu vejo que o dia está nítido como uma fotografia tirada na Ponte de Gaia, sobre o Vouga. O Inverno lava daí as suas mãos.

A culpa é dos homens. Os homens é que destruiram a manhã, é que lhe puseram uma capa negra sobre os ombros. Imaginem! Havia aqui ao lado um palacete dos velhos tempos, com seu jardinzinho, seu alpendre com glicínias. Quando me queria saber em Portugal olhava para o palacete e a recordação da minha provincia era tão real, tão completa, que me perturbava e repousava, ao mesmo tempo.

Não lidei nunca com o antigo dono dele. Lembro-me de o ver passar aqui diáriamente, montado numa égua preta, a caminho da Tapada da Ajuda. Tirava-me o chapeu de abas exageradamente largas, num cumprimento cuja razão não enxerguei jamais. Nunca nos falámos, nem ao menos os «bons dias» tranquilizadores do campo. Só talvez porque éramos vizinhos e ele me distinguia atrás das persianas de olhos postos na casa do alpendre...

Claro que os donos, por muito donos que sejam, não duram sempre. Elas vão e, como dizia a minha avó, que era analfabeta e sábia, tudo vai atrás do dono. Digam-me lá para que queriam os descendentes dele, ou os herdeiros, o traste do casinhoto e do alpendre! Evidentemente que o venderam. Evidentemente que o entregaram ao magarefe. Evidentemente umas centenas de contos...

A ganancia construiu em vez dele o prédio mazombo de muitos andares. A parede lisa, amarelo torrado, fica a um palmo da minha janela. Para ver o ceu tenho de fazer ginástica. E a luz da manhã quando chega aos meus olhos é como se trouxesse no coração uma candeia de azeite.

Tolo eu, se protestasse. Para falar aos peixes bastou Santo António e com os mesmos resultados. Não há ninguém que tenha razão abaixo dos dez por cento ao ano. Ao que me dizem, o prédio que me atira para o subterraneo recebe muito mais do que isso.

Lisboa cresce...

...Lisboa cresce. É preciso alimentar o dragão, alimentá-lo á custa dos homens e da luz matinal.

IDADE MÉDIA

...em uma espécie de sandice (3)

Por AUGUSTO DA COSTA DIAS

E o irmão, sempre de braços cruzados, abanava a cabeça a dizer que não:

— Ela ma beijará antes primeiro — exclamou com vagares de desafio — que eu descendo de Rei e ela não.

D. Fernando rompeu de adaga erguida e tê-lo-ia trespassado se mãos fortes não a houvessem desviado.

Esta cena, acompanhada da notícia do casamento do monarca, rolou pelo País como rola na neve um grão de milho, sempre maior, sempre maior, até encorpar na medonha estatura de um alude. Muita gente aceitara a ideia de que Fernando se enfadaria por fim de Leonor; que eram verduras de mancebo: e agora se maravilhavam tanto quanto podiam ao verem que El-Rei estava desfazendo na grandeza de seu cargo, contentando-se com tal casamento.

da experiência. Na verdade, na ver-

Veio então ao de cima o amargor dade já os antigos diziam «por doutrina que o Rei na molher que ouvesse de tomar, principalmente devia de esguardar nobreza de geraçom, mais que outra alguma cousa, que aquele que o contrairo disto fazia, nom lhe vinha do bom siso, mas de sandice». *Sempre a mesma franqueza popular, que, entre duas palavras, escolhe a que mais fundo desce á realidade de qualquer facto. El-Rei era sandeu. Sim, sandeu, repetiam outros homens simples, variando os argumentos:* «todollos sabedores concordavom que todo o homem namorado tem uma espécia de sandice; ca elle julga a fea por fremosa e aquella que lhe traz dano ser a elle proveitosa».

O filho de El-Rei doido era sandeu! O filho de El-Rei doido era sandeu! Isto soava de terra em terra e abria sulcos de desgosto no sentimento do povo. Como se mudam os tempos!... Que diria El-Rei D. Pedro, o Cru, o Cruel, o Justiceiro, se voltasse a este Mundo!... Decerto que não pouparia o açoute desgrenhado nas costas do filho.

Mas a justiça passara das mãos duras de Pedro para as mãos sinuosas da nora. Leonor pedia instantemente justiça pelos enxovalhos com que o povo manchara a sua puríssima dignidade. Já basofiava que virgem voara para o regaço de Fernando, como uma pombinha mansa. E Fernando, perfeitamente sandeu, esquecido que todo o Mundo sabia da existência de um filho no primeiro casamento de Leonor, punha a chancela real no estranho argumento da mulher. E começava a descarregar no povo todo o poder da sua raiva, por saber que nele encontraria sempre uma crítica franca e inamordaçável.

Nos largos de muitas vilas e cidades, na bela cidade de Lisboa, pérola do reino, adejam ao vento os corpos dos enforcados. São os cabecilhas dos protestos populares. Vede ali aquele? Conhecei-o? E' o bom do Fernão Vasques, alfaiate. Mas deixai que atrás de tempos tempos vêm. Os filhos de Fernão Vasques serão necessários em Lisboa para barrar a entrada a um rei estrangeiro e expulsar dos seus muros a rainha viuva Leonor Teles. A sua franqueza faz falta á pátria. Por mor dela subirá ao trono, e só por mor dele, El-rei Dom João I.

...Vegas,

...luxo e de prazer

...serto de Nevada uma aranha temivel colhe na sua teia milhões de pessoas

...tade, a tenacidade, a alta capacidade de organização de «business man» americano, quando se trata de levantar uma máquina de produzir dolares — nem que seja os reduzidos «caça-niqueis» que se vêem por todo o lado. E porque na América tudo é grande, majestoso, esmagador, Las Vegas não podia fugir á regra. «Em Las Vegas — diz-se, com uma ponta de orgulho — arruinam-se, em cada dia, milhares de fortunas... Em nenhuma outra cidade do Mundo se concentrou tanto em tão pouco... A mais pequena das maiores cidades do Mundo... Las Vegas: a América em cinemascópio...».

Na verdade, existe em Las Vegas quanto de mais moderno se inventou no planeta para conforto dos seus habitantes. Embora situada no meio do deserto, a água é tanta que as piscinas brotam do chão como cogumelos. Hoteis superluxuosos, casinos de roleta e bacará, «shows» espectaculares com os melhores artistas de Hollywood e da Broadway — tudo isto práticamente á beira da estrada, porque a cidade não passa de uma rua muito comprida com estas «ocorrências» fabulosas de um lado e do outro do asfalto. Meio milhão de turistas, desejosos de se atordoar, entram e saem de Las Vegas todas as semanas, durante os dias de sexta, sábado e domingo. Ficam, permanentemente, 100.000 pessoas que enchem os casinos nos chamados dias uteis. Nos Estados Unidos o jogo é proibido, excepto neste rincão do deserto de Nevada. Dele provém todo o dinheiro que faz rolar a «grande máquina de prazer e de esquecer que se chama Las Vegas. Embora o Governo Federal arrecade uma grande parte dele, ainda fica muito. O bastante para que numa vitrine do Casino «Hosseshoe» se exibam 100 notas de dez mil dólares cada uma. Trinta mil contos imobilizados, improdutivos. A fazer crescer água na boca...

Mas, a jogatina não campeia sómente nos casinos. O delírio do jogo estende-se aos hoteis. Mulheres elegantissimas («o que há de melhor... no pior) ao lado de jovens desportivas, trajando roupas de «cow-girls» ou de Indias de Bufalo Bill. E homens. Homens graves, homens curiosos, homens nervosos, homens bem dispostos, homens endinheirados, homens sem vintém. Artistas de cinema, de teatro, de circo, toda uma vária e agitada humanidade sem esperança, rodeando o pano verde que é ainda uma esperança — uma ilusão... Milionários do Texas, louras não se sabe de onde, (e não se sabe como). Figuras exóticas, barbados, barbichas, barbinhas. Autentica passagem de modelos surrealistas.

Altofalantes, por todo o lado, despejam impudicamente, as ultimas novidades do «rock», do «cha-cha», da «calipso», num chinfrim diabólico, numa vertigem que tudo arrasta, que não deixa livre um segundo ao menos para meditar, assentar ideais. Turbilhão de Maelström. Folhas secas levadas no furacão, homens e mulheres dirigem-se para os casinos, para os «bars». Para perder, para esquecer...

APONTAMENTOS PARA OS TEMPOS FUTUROS

(Continuação da 1.ª pagina)

dos!», rápidamente colheram comoventes adesões: rápidamente resolveram acabar com a solidão de cada um e construir, com o «tricot» da sua forte solidariedade, uma mu-

Foi uma alegria geral. Nome estupendo, prometedor, decisivo que valia á vontade por meia vitória. Iam assim começar o movimento já com meia vitória. E começaram-no: reuniam-se todas as noites, sobraçan-

posições de arte, no que, todos concordaram, se economizou o «ex».

Entretanto havia discusões abstractas sobre os problemas concretos dos artistas. Uns ...am pelo escandalo; outros, eram pelo escandalo; os primeiros

[illegible] em Belafrós

ralha contra as prepotências dos notáveis rotineiros de Balafrós

[illegible] criar um local onde [illegible] pudessem tricotar a tal frente comum. Que coisa melhor que um café? Não têm sido os cafés

a maternidade ideal de todos os grandes movimentos artísticos e libertadores? Pois que se criasse um café! Mas nada de nomes burgueses, de nomes balafronenses! Era preciso um nome que picasse, que obrigasse os bonzos a espirrar. Ouvindo isto, um poeta daqueles que fazem versos gritou: Pois que seja «Mostarda»!

do Rimbaud, Kafka, Verlaine, Baudelaire, Cocteau, La Nausée. O [illegible] estilavam versos, gotejavam fados, sorviam evasões alcoolicas — sempre pensando que desta maneira venceriam a asfixia de Balafrós.

[illegible] tido a ideia de fazer exposições de arte, mas, na falta de quadros, as belas intelectuais de Balafrós (terra de mulheres bonitas, com fortes influxos de sangue visigóticos, suevo e uralo-altaico) resolveram o problema transformando as exposições de arte em

faziam-no a titulo provisório, até que os execráveis balafrosenses estorrassem de indignação; os segundos faziam-no a titulo definitivo, certos de que o unico processo revolucionário era levar o «*Vazio*» até as suas ultimas consequências. Como o provisório e o definitivo coincidissem momentaneamente, havia uma comovente comunidade de pontos de vista.

E assim se iludiam os pobres intelectuais de Balafrós tal como as criancinhas com fome se iludem na sua fome com a chupeta. E como havia na verdade muita fome, juntaram-se aos intelectuais muitos jovens esfomeados de ideal que não eram intelectuais, jovens que queriam preencher o desesperado vazio do seu espírito com qualquer coisa, nem que fosse com o tal vazio definitivo — desgosto, desprezo de viver.

Já eram tantos que resolveram fazer convivência massiva, aspiração que, desde os Romanos, tomava a forma prática de baile. E foi a esse primeiro baile que o Jacinto me levou. Eu, que me interesso um nadita por questões de história, fiquei liquefeito. Estava no presente, no século XX, ou recuara até aos desesperados tempos de Caracala? Ou em ambos, simultaneamente: no presente, pelos trajos; no passado, pelo desespero e pelos costumes? (Devo dizer maus costumes).

Pedi a Jacinto para evacuarmos a sala. E, rua fora, eu ia meditando em voz alta: «*Seria aquela a unica forma de construir um mundo melhor?*» Ouvi ao lado a voz desencantada de Jacinto: «*Esta é mas é a forma de um paisano se aninhar mais fundo na dejecção do mundo em que vivemos. Marca-se uma viagem e vai-se adiando indefinidamente a partida, até que já nem existe transporte*».

Eu parei. Olhei o Jacinto. O Jacinto olhou para mim. E eu disse para o Jacinto: «*Mas isso é perpetuar,* ad aeternum, *Balafrós!*» Ficámos ambos esmagados com a verdade profunda que assim descia sobre nós, ali mesmo no sossego daquela rua deserta.

DIOGENES

DIÁLOGOS IMPERTINENTES

por ALFREDO BRÁS

(Continuação da 1.ª página)

tes a lei da selva. Recordas-te daquela interessante fotografia que vinha na primeira página do ultimo numero do «Magazine»? Um pequeno leão encostando ternamente o seu focinho ao da mamã leoa. Também a dura lei da selva comporta esse amor restringido á prole e que nem sequer é, portanto, um sentimento típicamente humano.

MÁRIO — E que outra coisa podemos nós fazer senão zelar pela felicidade daqueles por quem estamos directamente responsabilizados?

ARMANDO — E tu julgas possível construir a felicidade de alguém no meio duma infelicidade quase geral? A felicidade, caro Mário, é indivisível. Além de que um cristão não pode de forma alguma considerar-se unicamente responsabilizado pelo seu agregado familiar. Uma das características do cristianismo, como em geral de qualquer humanismo, é o alargamento dos interesses e das responsabilidades de cada homem até ao conjunto da Humanidade. Um verdadeiro cristão, ou um autêntico humanista, sentir-se-á inteiramente responsável pelos famintos da India, os desabrigados de Paris ou os estropiados de Hiroshima. Consegues tu conceber, por exemplo, as almas verdadeiramente cristãs do padre Pierre e de Albert Schweitzer votadas á tarefa exclusiva de conseguirem o máximo possível de bem-estar material para as suas respectivas famílias?

MÁRIO — Mas não é a família, como usa dizer-se, a verdadeira célula do corpo social? Como poderemos então interessar-nos pelo corpo na sua totalidade desinteressando-nos da sorte de cada um dos seus elementos fundamentais? Diz-se que o «humanista» Rousseau punha os filhos na «roda» para que os cuidados por eles requeridos o não impedissem de dedicar-se a toda a Humanidade...

ARMANDO — E' evidente que ninguém fala em nos desinteressarmos da família, nem ainda ouvi qualquer pessoa louvar a atitude de Rousseau em relação aos filhos. Simplesmente, a maneira como no nosso mundo descristianizado e desumanizado os homens procuram conquistar a felicidade para si próprios e para as suas famílias é que nos parece inadequada. Rodearem-se do maior numero possível de comodidades, possuirem um bom automóvel e bastante dinheiro na algibeira. Tal parece ser a condição de uma vida feliz na nossa época utilitária. E tudo isto conquistado por qualquer preço, mesmo á custa da infelicidade alheia. Mas esse não pode ser o caminho da salvação para um crente, nem da tranquilidade de consciência para um livre pensador e tão pouco duma verdadeira felicidade seja para quem for. Porque os detentores de todos esses bons materiais também não são felizes...

MÁRIO — Julgas então que o homem, para encontrar a felicidade, deva renunciar ás vantagens do prodigioso desenvolvimento técnico da nossa civilização? Talvez que o preço a pagar pelo nosso enorme progresso seja a instabilidade de que falas. Já Rousseau — desculpa a minha insistência neste «humanista»—procurara opor a vida tranquila do «bom» selvagem á intranquilidade do homem civilizado, vendo naquele o símbolo duma felicidade perdida. Quanto a mim, confesso-te penalizado, opto pela civilização...

ARMANDO — Enganas-te muito se supões que os verdadeiros humanistas estejam contra o progresso técnico. Sucede, porém, que eles se recusam a admitir que esse progresso seja o índice duma civilização. Os humanistas sabem que as «humanidades», isto é, as ciências humanas, condicionam o progresso moral, tal como as ciências da natureza determinam o progresso material. Mas sabem, também, que se estabeleceu hoje um nítido desequilíbrio no desenvolvimento desses dois ramos da ciência. As ciências do homem, particularmente a psicologia, a sociologia e a história, são ainda balbuciantes, enquanto que as ciências da natureza alcançaram já uma fase de domínio e de conquista. Ora quanto maior for esse poderoso e unilateral avanço das ciências da natureza, quanto mais prodigiosos forem os meios postos á disposição de homens de pouca lucidez e de fraca estrutura moral, tanto maior será o perigo que correremos. Se a civilização é, conforme a definiu Guglielmo Ferrero, uma progressiva vitória sobre o medo, seremos forçados a reconhecer que todos os prodigiosos progressos técnicos que hoje desfrutamos não nos tornaram mais civilizados, porque cada vez tememos mais pelo futuro.

MÁRIO — Não sei se ainda te recordas que principiamos pelas Boas-Festas e olha onde já vamos...

ARMANDO — Não nos afastamos assim tanto como supões. O que pretendi verberar foi a insinceridade e o egoísmo do nosso tempo e isso levou-nos a falar de progresso técnico e de civilização. Mas o grande problema é o de sabermos se ainda realmente somos cristãos e humanistas e se os votos de felicidade que tão pródigamente endereçamos uns aos outros nesta quadra festiva têm para nós outro significado que não seja o de um mero jogo protocolar. Por mim, caro Mário, estou disposto a fazer sinceros votos, durante as 52 semanas de 1959, para que o ano agora entrado seja de paz e felicidade para a minha família, para a tua e para todos os homens de boa vontade.

Sim ou não?

O banho tem a sua técnica

1.º — QUAL DEVE SER A TEMPERATURA DO BANHO?

Deve oscilar entre os 34-37 graus. Entretanto, um banho mais morno (30 graus) é calmante e favorável aos que sofrem de insónias; ou mais quente (38 graus) para uma limpeza profunda da pele, sobretudo nas pessoas de pele gorda. Os cardíacos e artério-escleróticos devem ter cuidado com os banhos muito quentes.

2.º — DEVE ENTRAR-SE PROGRESSIVAMENTE NO BANHO?

Sim, é preferível, a fim de evitar as modificações muito bruscas da circulação.

3.º — EM QUE MOMENTO SE DEVE TOMAR UM BANHO OU DUCHE?

Tudo depende do efeito procurado. Um duche, de manhã, tem efeito estimulante para aqueles a quem custa levantar cedo; também será benéfico um duche depois de um dia fatigante. Antes de adormecer, um banho morno ajudará a dormir bem.

4.º — O BANHO DEVE SER DEMORADO?

Dez minutos a quinze, parece ser suficiente. Nunca se deve prolongar um banho além deste tempo, se se sentem arrepios, dificuldades respiratórias, etc....

5.º — HÁ PERIGO EM TOMAR BANHO FREQUENTEMENTE?

Nenhum perigo há em tomar banho diàriamente, desde que não sejam muito quentes; isto tem o risco de amolecer os tecidos, enfraquecer e fatigar.

6.º — OS EFEITOS DO DUCHE SÃO MAIS BENÉFICOS?

Os efeitos são diferentes. A' noite é preferível o banho: acalma a fadiga, tem virtudes soníferas, liberta as secreções gordas da pele e permite respirar durante o sono. De manhã é preferível o duche: estimula o organismo e dá energia

7.º — OS DUCHES ESCOCESES SÃO RECOMENDAVEIS?

Os duches alternadamente quentes e frios são excelentes porque fortificam os tecidos e fazem circular o sangue nas artérias. Entretanto, há quem os suporte mal. Neste caso, nunca insistir.

8.º — E' INDISPENSAVEL FAZER CULTURA FÍSICA ANTES DO BANHO OU DUCHE?

Se deve fazer cultura física, escolha a manhã, defronte de uma janela aberta. Tome em seguida o banho ou, melhor, o duche. Após a cultura física o efeito do duche é melhor.

9.º — TORNA-SE NECESSÁRIO REPOUSAR DEPOIS DO BANHO?

Não; mas se tomar um banho de tarde para se preparar para uma «soirée», onde quer estar «em forma», o relaxe dos músculos só lhe fará bem. De qualquer maneira, ao sair do banho ou do duche, esfregue-se vigorosamente, com toalhas bem secas.

10.º — TOMAR BANHO APÓS UMA REFEIÇÃO É PERIGOSO PARA A DIGESTÃO?

Em água fria, sim. O risco fica reduzido se o tomar em água quente, sobretudo se a refeição for ligeira. Contudo, se comeu muito, evite fazê-lo antes de decorrido o tempo da digestão e sobretudo, evite banhar-se em água excessivamente quente.

Por aqui poderá ver que o banho tem a sua técnica, se quer torná-lo uma fonte de saúde e... de beleza. Ou não pensa nisso?

SAIBA COMER

Tenho colesterol, *que devo comer?*

Em verdade, cara Amiga, depois dos quarenta anos, há que vigiar o «seu colesterol». Ele aparece no decorrer de muitas doenças: diabetes, arterites, enfartos do miocárdio, etc. Antes de tudo, ele representa uma perturbação dos lípidos, ou melhor dizendo, um problema das matérias gordas. Daqui se vê a importancia do regime alimentar. Até há pouco tempo, bania-se completamente todos os alimentos gordos. Porém, os modernos estudos, acabaram por concluir que, se na verdade certas gorduras elevam a taxa de colesterol outras, pelo contrário, abaixam-no. Curioso paradoxo!

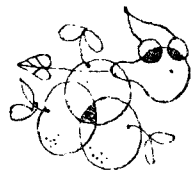
Longe de ser um veneno para o organismo, o colesterol encontra-se, sos orgãos — fígado, glandulas supra-renais, encéfalo, testículos, etc. Participa na elaboração de certas harmonas, *assegurando uma função antitóxica no sangue. O próprio organismo elabora uma notável quantidade deste elemento, para as suas necessidades; a alimentação fornece-lhe um apreciável complemento, associado ás matérias gordas animais. Esta dupla fonte faz compreender um regime que não seja muito pobre em lipidos, de forma a facilitar a produção do colesterol. Há no sangue, um produto anticolesterol, que destroi o supérfluo inutil. Um abaixamento deste poder natural, provoca o aparecimento de uma sobrecarga perigosa. A superabundancia de colesterol tende a acumular-se nos tecidos, a cristalizar nas paredes internas das artérias, formando placas de esclerose, ou a acumular resíduos na vesícula, que podem transformar-se em perigosos cálculos.*

Os quarenta anos devem levar a uma política de prevenção, muito util; evitar acidentes graves. Esta política é simples e resume-se a um regime de restrição muito relativa e a um modo de vida em que o exercício físico tem um lugar de relevo. Quais os alimentos que contém mais colesterol? São o fígado, a mioleira, os rins, numa palavra as carnes de talho. Mas não são os alimentos gordos os maiores responsáveis pela produção perniciosa do colesterol. O próprio açucar é rapidamente transformado em gorduras. Nas pessoas obesas, não se começa por retirar os alimentos açucarados e os farináceos? É a razão por que os diabéticos e os grandes comilões que queimam mal as substancias açucaradas, apresentam, depressa, uma sobrecarga de colesterol.

O problema aparece, pois, complexo. Gorduras e açucares desempenham um importante papel, mais ainda que as substancias que contém colesterol puro, como por exemplo o leite e o pão com manteiga. Santa aliança pró-colesterol! — o leite oferecendo o colesterol puro, a manteiga evitando a destruição secundária do perigoso elemento e, ainda por cima, auxiliados pelo açucar e o café, dois factores que favorecem as precipitações ao nível das paredes internas dos vasos sanguíneos.

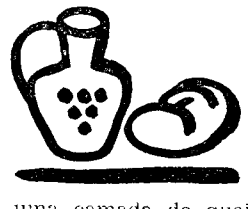
Guerra, primeiro, ás gorduras animais — manteiga, margarina, charcuterias, bolos secos ou não, carnes de porco, etc. — e depois a caça, as bebidas alcoólicas, o vinagre, o chá e, em certa medida, a cerveja.

Os restos vão auxiliar-nos, uma vez que as refeições do Natal e Ano Bom desequilibraram «um pouco» o orçamento, não acham? E ficaram tantos... carne, galinha, peru; sei lá, que guardou no frigorífico. Mas não quer apresentar esses restos como tal e tem razão. Nada há pior de que uma mulher desleixada com o aspecto das refeições. Falta-lhe o tempo? — Desculpas. Não tem habilidade? — Desculpas! O seu marido não liga á comida! — Desculpas. Carissima Amiga, tudo o que possa dizer, não passa de imperdoáveis desculpas. Pois não me tem para a auxiliar, com toda a boa vontade? Vamos a ver, o que faremos dos restos:



RESTOS DE CARNE

Não leva mais que dez minutos a preparar e vinte a cozer. Picar os restos e passar pela máquina com duas cebolas e um dente de alho. Misture um pouco de manteiga. Cozer macarrão e escorrer bem. Num prato de ir ao forno,

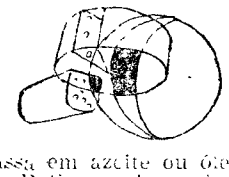


ponha uma camada de queijo ralado, uma de massa, uma de carne, etc. Deve acabar por uma de macarrão sobre que coloca bocadinhos de manteiga e um ovo inteiro bem batido. Polvilhe com pão e queijo relado e meta no forno para alourar. Bastam dez minutos em fogo vivo

Acompanhe com uma bonita salada verde em que misturou rabanetes e bocadinhos de beterraba bem vermelha e cozida.

PASTEIZINHOS DE PEIXE

Faça um polme espesso (farinha, leite, sal e um pouco de salsa bem picada) e deite dentro os restos de peixe passados pela máquina. Com uma colher, vá deitando

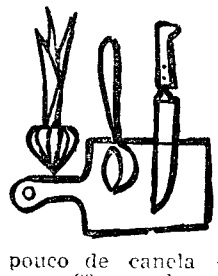


esta massa em azeite ou óleo bem quente. Retire-os bem louros e deixe escorrer.

Acompanhe com couve-flor temperada com azeite e vinagre e um pouco de queijo ralado.

PUDIM DE LEITE E CANELA

Desfaz-se numa caçarola 250 grs. de açucar, 2 decilitros de leite, um pouco de canela em pó, seis gemas e 60 grs. de manteiga. Depois de bem mexido deitar numa forma untada de manteiga e cozer em banho Maria.



DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS
MUNDITER
INTERCAMBIO MUNDIAL
DE COMÉRCIO, S. A. R. L.
LISBOA ✶ PORTO

MAGAZINE
AGRADECE
SUGESTÕES
E CRITICAS

A conquista do céu

Das estações interplanetárias

pode modificar-se o clima terrestre

Vimos, em artigos anteriores, algumas das vantagens resultantes da criação das estações interplanetárias.

Além de tudo quanto ficou dito e que é, só por si, bastante para alimentar a imaginação mais ousada, resta dizer que uma estação interplanetária poderia contribuir em não pequena escala para um melhor conhecimento do misterioso planeta onde vivemos.

Dessa torre gigante de observação, situada a uma grande distancia do nosso planeta, poder-se-ão observar enormes extensões terrestres, o que abre possibilidades completamente insuspeitadas até aqui nos domínios da geofisica, da cartografia, da meteorologia. Será, então, facílimo observar os movimentos das tempestades ou das nuvens simultaneamente numa área de muitos milhões de quilómetros quadrados! Será possível, também, verificar a deslocação das grandes massas geladas nas regiões polares e muitos outros fenómenos.

Muitas dessas observações foram já efectuadas com a ajuda dos foguetões estratosféricos. Mas não se pode comparar o valor das observações que duram um instante com o das observações constantes, prolongadas que se poderiam fazer a partir de um satélite.

Com a ajuda dos satélites, surgirá ainda a possibilidade de colocar a energia do Sol ao serviço do homem, para a iluminação nocturna das grandes cidades, por exemplo. Espelhos poderosos instalados neles enviar-nos-iam, de noite, os raios solares. Dois ou três desses satélites, com órbitas especialmente escolhidas, dariam á nossa cidade de Lisboa, em plena meia-noite, tanta claridade como á hora do meio-dia. E isso sem qualquer gasto de energia eléctrica. Iluminação eterna e gratuita...

Dirigidos a partir dos satélites, os raios solares podem não sómente iluminar, mas também aquecer a Terra. Servir-nos-emos, para isso, de espelhos metálicos muito finos de grande superfície (vários quilómetros quadrados). Concentrariam, como se fossem lupas, os raios do sol não enfraquecidos pela atmosfera, num espaço restrito da superfície terrestre onde a temperatura se elevaria, assim o quiséssemos, ao ponto de ebulição da água. Com um grande numero destes espelhos, estaríamos aptos a intervir activamente na «cozinha» do tempo sobre a Terra e até, quem sabe, a modificar gradualmente as condições climáticas de certas regiões do globo terrestre.

Como já tivemos ocasião de dizer num dos primeiros capítulos do nosso relato, as estações interplanetárias são indispensáveis nas viagens cósmicas.

Porquê?

Certas notícias irresponsáveis partidas de além-Atlantico afirmam que estão criadas todas as condições para a viagem á Lua e regresso.

Isto não corresponde, no mínimo, á verdade.

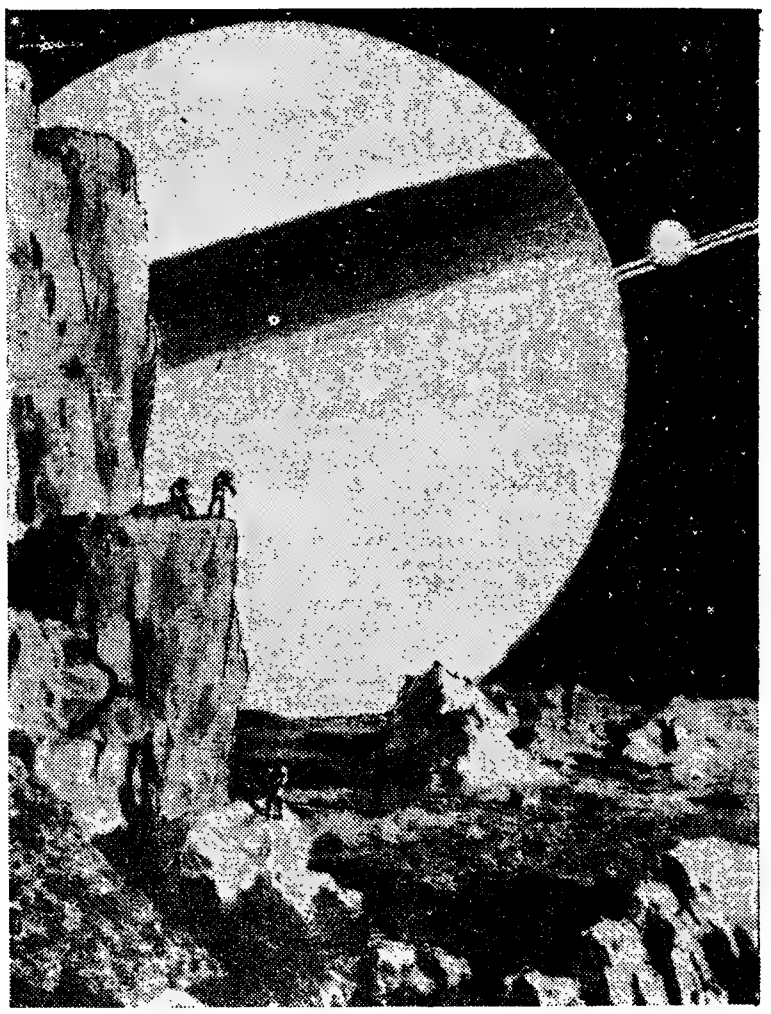
Nas condições actuais o mais simples voo, com aterragem no nosso satélite e volta á Terra, é práticamente impossivel por insuficiência na técnica de propulsão por reacção.

Se utilizarmos, porém, as estações interplanetárias a que nos estamos referindo, viagens ainda mais complicadas se tornarão um facto. Elas funcionarão como «postos de essência» no espaço cósmico para reabastecimento das astronaves.

Os futuros passageiros interplanetários encontram nestas estações o máximo conforto e segurança. Podem comunicar com a Terra utilizando o rádio-vidéo-telefone. O horário dos comboios interplanetários será, aliás, estudado de maneira a evitar-lhes uma estadia prolongada nagare de ligação Quando muito, para evitar atrasos sempre aborrecidos, o tempo á justa para reabastecer a astronave e tomar uma refeição...

Isto porque morar permanentemente na estação interplanetária não será o que pode chamar-se um mar de rosas. A ausência (a expressão é incorrecta, mas empregamo-la para vincar bem a diferença entre a gravidade na estação e no nosso planeta) de gravidade, a falta de oxigénio, etc., etc., obrigam a tomar certas precauções, como veremos em próximo artigo.

MANUEL SALGUEIRO



«O OBELISCO PRETO»
extraordinário romance de
ERICH MARIA REMARQUE

Edições de
LIVROS DO BRASIL
leia
(não pode deixar de ler)

«A VIDA QUOTIDIANA EM ROMA NO APOGEU DO IMPÉRIO»
por JEROME CARCOPINO

— Fumas?

—Fumo.

Arfava-lhe o peito lentamente como se respirasse a custo. Estendi-lhe a cigarreira. Numa voz muito fraca cujo eco se perdia mal as palavras lhe saiam da boca, murmurou:

—Tire o senhor engenheiro, não tenho as mãos capazes.

Pareceu-me que o cigarro o animou um pouco.

Continuamos a caminhar. Notara-lhe um cansaço que não era capaz de compreender. Os seus passos tornaram-se cada vez mais lentos. Pareciam os dum animal ferido que teimava em andar sem a noção de que a morte estava próxima.

A neve «camuflava» tudo com a sua brancura e pouco tempo depois tivemos de parar novamente. Inspeccionei o terreno. Nem sequer o início de uma vereda. Ele fez o mesmo, procurou orientar-se.

—Perdemo-nos — afirmei com um certo azedume.

— Não. — Apontou um maciço de árvores e informou de um modo vago: — E' além atrás.

Deixei-o passar para a frente. A cabeça pendia-lhe sobre o peito e os braços, sem flexão, caiam-lhe mortos ao longo do corpo. Arrastava-se.

Levámos cerca de meia-hora a rodear obstáculos, para transpor a distancia que nos separava da pequena floresta. Aqui, o rapaz parou novamente. Tinha o rosto descomposto. Caia-lhe uma madeixa negra de cabelo sobre a testa e duas rugas que diziam sofrimento desenharam-lhe uma boca amarga; os olhos, vitreos, estavam fitos num ponto que eu não conseguia distinguir.

—Sentes-te mal?

Não respondeu.

—Sentes-te mal?

Não respondeu ainda.

Segurei-o pelos ombros, sacudi-o com força. O rosto estava branco, dum branco cera.

—Não me ouves? — Gritei-lhe.

Os olhos continuavam parados. Tomei-lhe o pulso. O corpo tremia-lhe. Um, dois, três... Se não fosse o tremor que lhe movia os lábios, dir-se-ia morto. Quatro, cinco, seis, sete... Pancada rápida. Oito, nove, dez. Ora fixava aquele rosto parado, ora o ponteiro dos segundos do meu relógio de pulso. Onze, doze, treze, catorze. Taquicardia. Tirei-lhe o impermeável, vesti-lhe o meu casaco de couro.

—Senta-te nesta pedra.

Nada se movía naquele corpo. Nada não. Os lábios continuavam a tremer. Tirei da algibeira do casaco o frasco de Whisky e levei-lho á boca. Tinha os dentes cerrados. Perdida a calma, levantei a mão e dei-lhe uma bofetada.

Então os seus olhos voltaram-se para mim apavorados.

—Senta-te nesta pedra!

—Não posso!

Reanimei-me um pouco.

—Onde é a galeria?

—Atrás dos pinheiros.

—Vai á minha frente.

—Não posso.

O tremor acentuara-se mais.

II

OS esquemas dos cortes dos filões estavam incompletos. As cotas estavam certas, os perfis exactos mas não havia uma só referência quanto ao teor dos minérios.

Achava «snob» o uso do cachimbo e depressa o adoptei.

É a unica forma de manter quente a mão que não trabalha. Os dedos frios e enregelados não davam a mobilidade necessária ao lápis e as anotações saíam-me hirtas e descontinuas.

Abri novo mapa. «Galeria N.º 6 — Em estudo». A linha vermelha do filão interrompida a trinta metros da primeira chaminé. Porquê? — perguntei a mim próprio. Toquei a campainha. Um rapaz de doze anos, de rosto amarelado e uns olhos baços, sem expressão, abriu timidamente a porta.

—Chama o chefe da sala de desenho.

A porta, pelo impulso das molas, fechou-se sem ruido. Levantei os olhos das cartas e olhei para fora. Neve, neve, sempre neve. Animal engaiolado, não passo de um animal engaiolado. Lembrei-me do Pedro, da atmosfera do «Portugal» e daquela mesa de canto onde matávamos o tempo discutindo política internacional e fazendo projectos. E o Pedro lá

CRÓNICA DE LONDRES

OS INGLESES E O CHIPRE

A Inglaterra está em estado de guerra há cerca de duas semanas. Não, não se vêem nas ruas longos desfiles militares de bandeiras ao vento e estridências de charanga não, não há apelos patrióticos, chamando todos os homens ás fileiras, nem se divisam carros de assalto ao longo da avenida chique de «Pall Mall», nem se enxergam aviões a fechar o horizonte, nem se ouvem sirenes, nem existe «black-out», nem se usa máscara de gás nem há bombardeamentos nocturnos, nem racionamento, nem sequer se perdeu o apetite.

As suas cidades continuarão vulnerávelmente iluminadas, os teatros e cinemas manterão perigosamente o seu horário normal, e as repartições, os escritórios as escolas e o comércio seguirão na sua rotina quotidiana sem alarme e sem precauções especiais Os Ingleses continuarão a sair, a comer, a beber e a amar ás mesmas horas, como se aparentemente nada tenha acontecido No cavaco ameno do «café» ou da repartição, no bate-papo dos «pubs», na conversa ocasional do autocarro falar-se-á do tempo, deste nevoeiro irritante, da ultima pilhéria de Montgomery, das apostas de cavalos, dos dentinhos da princesinha Ana — lindos como duas pérolas humidas a sorrir —, falar-se-á de tudo menos deste estado de guerra.

Descansem! Não estamos sequer em risco de perigo atómico, nem á beira da pulverização total, porque o inimigo não possui tais meios de ataque! A Defesa Civil do território nem foi convocada, nem o será, nem há balões no ar a ensombrar este delicioso clarão avermelhado, que á noite tinge o céu de Londres; nem se montaram baterias antiaéreas nos verdes parques, que continuarão a ser o pacato refugio dos namorados e das crianças

Quanto a uma invasão — hum. — é mais do que improvável, é impossivel, pois a esquadra vigilante e atenta policia os mares e o Canal, sa esquadra que já gorou os planos de Napoleão e Hitler, e protege recontrola os portos e os estreitos, esligiosamente o sono dos subditos britanicos, sejam eles leais ou desleais

Os membros do Governo e os deputados apresentam-se sem atraso, nem excessiva inquietação, nas bancadas do Parlamento, e tratam dos negócios de Estado e das suas divergências de opinião em tom civilizado e polido, retirando prudentemente, quando admoestados pelo «Speaker», qualquer palavra menos digna dos lábios de um «gentleman» E até essa vontade de irritação furtiva não parece denunciar qualquer destrambelho nervoso, nem panico, nem atrapalhação, nem fastio, mas ser apenas uma elegante figura de torneio parlamentar tão vivamente admirada pelos jornalistas e as senhoras na galeria.

E no entanto o estado de guerra existe sem mobilização, sem oratória patriótica sem uma sessão extraordinária do Parlamento, sem flores, sem as lágrimas e o aplauso das turbas Existe, sim, mas nas consciências! A Inglaterra abriu as hostilidades com o Chipre e quer acabar este conflito o mais depressa possivel.

Poucos dias antes do estado de beligerancia, os jornais publicaram fotografias e noticias circunstanciadas de um atentado terrorista contra mrs Catherine Cutliffe, mulher de um sargento britanico O funeral foi uma triste manifestação de luto a que se associou todo o Exército e causou uma indignação apaixonada em Inglaterra E. O. K. A., a organização dos Cipriotas rebeldes, negou qualquer responsabilidade no acto, vendo nele uma provocação, ao passo que lembrava que fora um agente de policia turco que no passado, alvejara o vice-cônsul americano em Nicósia Aconselhava calma, pretendia informar o publico britanico da situação politica dentro da ilha, e salientava que também a dor e a mágoa vinham visitando desde há muito os lares dos Gregos-Cipriotas

Por
LUIS DE SOUSA REBELO
LEITOR DA UNIVERSIDADE DE ONDRES

Mas, em seguida á recusa de negociações por parte do Governo britanico, a actividade terrorista aumentou de uma maneira sem precedentes O governador, por instruções recebidas de Londres, despediu 4.000 operários cipriotas e mandou armar toda a população civil britanica residente na ilha, a qual passou a adestrar-se no manejo do revólver em carreiras de tiro do Exército Ao mesmo tempo apelava para Londres pedindo um contingente civil que pudesse substituir os 4.000 desempregados A guerra estava declarada, e assim o entendeu uma grande parte da Imprensa inglesa, ao comentar as medidas tomadas.

Aqui na metrópole, após os comunicados dos jornais, despertou a velha fibra vitoriana, que jaz adormecida na alma de todo o bom inglês, essa fibra heroica de desbravadores de império, de generais sedentos de areal desértico, de coronéis saudosos de ululantes cargas de cavalaria acutilando negros pela aringa africana, ou farejando o rasto do beduino matreiro, essa fibra que fez de Gordon um heroi, um santo e um mártir em Cartum, e que deu colonizadores, soldados e loiras missionárias que revelaram o Evangelho no interior da selva aos pretinhos da Basutolandia, essa fibra que vibra ainda hoje nas duquesas de Belgrave Square através das suas obras de caridade e dos cueirinhos para os pequenos abexins.

O orgulho nacional acordou de estremeção e pasmou que se abatessem assim, a tiro como quem caça bardais, honestos subditos britanicos, cujo unico crime era serem odiados pela população de uma insignificante parcela do Império E então pôs-se a todos os espíritos uma pergunta estranha — que fazia o Exército? Não, não havia duvida, o exército inglês já não era o que foi, perdera a sua eficiência, perdera até o moral, já nem sequer era capaz de sufocar um misero levantamento colonial. Correram coisas absurdas, chegou-se a murmurar que os soldados agora até erravam a pontaria, pois, de outro modo, como se poderia compreender que ainda houvesse terroristas, Gregos, Cipriotas ou Turcos a fomentar uma tal campanha de violência?

E então reclamaram-se providências imediatas, vigorosas, drásticas, providências eficazes que acabassem com aquela nódoa sangrenta. Sugeriu-se que os agentes de segurança passassem a andar montados, pensou-se mesmo em chamar a Policia montada do Canadá esse corpo de «élite», e, já que um governador civil era impotente para dominar um movimento de desafeição local, que se recorresse aos marechais do Império, a grandes cabos de guerra que tinham dado provas incontestáveis do seu valor, a um Montgomery, por exemplo Outros mais subtis como Lorde Harding, propuseram, para quebrar a espinha áquela resistência estupida, que se expropriassem todos os bens da Igreja Ortodoxa

E a nação empolgou-se, vibrou, acordou, ao ouvir o apelo de sir Michael Foot pedindo 4.000 voluntários de trabalho. Em 24 horas abriu uma agência em Kensington, um bairro grã-fino de Londres, e as apreensões do Governo desfizeram-se num minuto. Não eram apenas as mulheres dos soldados em serviço no Chipre que se ofereciam, como já se esperava; era uma avalanche de mocidade patriótica, de lindas raparigas em flor, algumas com bons empregos, outras, ricas e mimadas, enfastiadas com a ociosidade e a vida mundana de Londres, que se submetiam á entrevista, que assinavam o contrato com um sorriso, que posavam com um sorriso para o fotógrafo e se despediam sorridentes no avião, que as ia depor numa ilha azul entre morenos soldados em festa.

Foi um abalo, uma surpresa, um delírio! A Inglaterra podia contar mais uma vez com a sua mocidade, uma das mais belas e das mais empreendedoras do Globo, digna dos seus avós e dos seus gloriosos antepassados. A Imprensa, a Rádio a Televisão, o Cinema, o Governo prestaram-lhe uma viva homenagem, e muitos, que a tinham visto misturada em manifestações publicas de Trafalgar Square, apressaram-se a retirar afirmações menos lisonjeiras, sentiram que a tinham caluniado, e juntaram o seu aplauso ruidoso aos louvores da nação.

Está visto — diz-se agora — que, contrariamente ao que nos queriam fazer crer não é o tédio, nem o amor juvenil do risco, nem um sentido de energia malbaratada, que arrebatou esta juventude coranosa através dos mares! Nem é tão-pouco o vulgar anseio romanesco de uma aventura sentimental vivida em longes terras entre soldadesca e granadas — tal como nas fitas —, que arrancou a empregadinha da City á sua secretária de dactilógrafa e aos bailes do seu clube local! Não! E' a vontade de agir, de actuar, de servir uma causa!

Mas os cépticos e os descrentes especulam maliciosamente sobre esta nobre atitude Para eles a resposta pronta da juventude foi também um choque, uma surpresa, mas lamentam, a seu modo, que a mocidade já não tenha melhores causas a defender.

Novembro, 58.

LUIS DE SOUSA REBELO

estava, pequeno e vivo, com a sua panaceira sobre a educação e os seus planos de uma vida melhor Não me esquece do Venda, que uma vez, para descarregar o seu azedume com a Manuela, o ouviu com um sorriso irónico e fê-lo terminar a arenga dizendo dum modo insolente:

— Porque não trabalhas?

Como aquela vida me sabe hoje a derrota. Só o Pedro ficou. Partimos todos. O Venda está num sanatório a fazer clínica.

—Dá-me licença senhor engenheiro?

A voz do desenhador acordou-me.

—Entre!

Voltei-me de novo para as cartas.

—Traga-me todos os elementos que tiver sobre a galeria 6.

Tornei-me de uma secura atroz. Era delicado para toda a gente, irritava-me com as vozes de comando do director e aqui estou a gritar como ele.

Senhores de gestos medidos da cidade, solteironas atrofiadas e impantes de anseios, meninas casadoiras das casas de chá, deixem a «garrett» e venham assistir á saída dos mineiros do turno da meia noite!

—Estão aqui...

—Sente-se. Porque interromperam o trabalho nesta altura? Não há indicações sobre os solos?

O desenhador folheou um «dossier» vermelho. Depois voltou á primeira página. Isto enervou-me.

—Aconteceu tanta coisa nesta maldita mina para os senhores esquecerem tão depressa um pormenor de tanta importancia?

—Deixe cá ver isso!

—Precisa mais alguma coisa senhor engenheiro?

—Não.

Não sei porquê mas deu-me vontade de descarregar sobre o pobre a tensão de alguns dias de trabalho inutil. Tudo incompleto. Levantei-me e andei de um lado para o outro para desentorpecer as pernas. Depois vol-

tei a tocar a campainha Precisava de alguém que me levasse á galeria entaipada

Mandaram-me um rapaz dos seus quinze anos que desviou os olhos logo que o fitei.

—Vai buscar a capa de oleado.

—Não tenho, senhor engenheiro.

—Vai á minha casa, que te dêem a minha.

O rapaz depressa voltou. Trazia-a, como se transportasse a coisa mais preciosa do Mundo, posta no braço.

—Veste-a.

O rapaz hesitou.

— E o senhor engenheiro?

—Tenho aqui o casaco de coiro.

Não sei o que tinham os olhos do rapaz. Fugiam-me, mal os encontrava

—Como te chamas?

—João Rua.

—Sabes onde é a galeria N.º 6?

O rapaz baixou a cabeça como a dizer que sim. Saímos. A neve caía lenta mas insistentemente. Fiz-lhe mais duas perguntas e ele respondeu-me com monossílabos secos, inteiriçados. Insisti.

—Gostas de trabalhar na mina?

Um «não» gutural, dorido, como se arrancado ao fundo das entranhas me arripiou. Tinha desabado toda a minha secura. Eu, que poucas vezes sou capaz de mostrar qualquer sentimento, senti-me emocionado. Pus-lhe a mão no ombro e aproximei-o de mim, mas logo percebi que este gesto o afastava ainda mais Foi a primeira vez que aguentou o meu olhar. E os seus olhos, de baços, brilharam, tornaram-se ferozes. Paramos.

—Tens frio?

Abanou a cabeça.

—Doi-te alguma coisa?

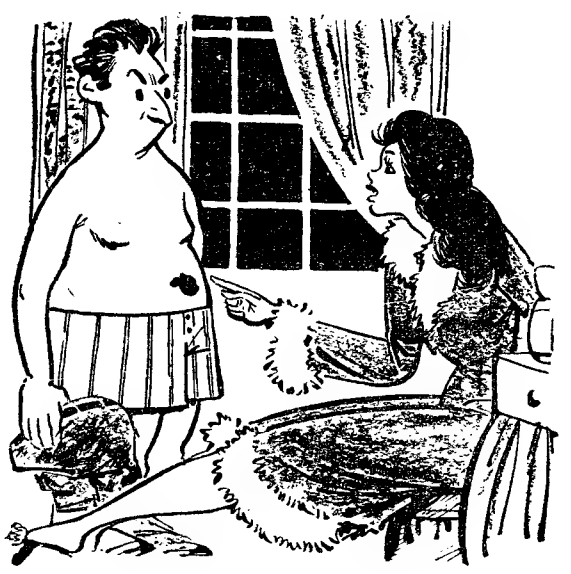
Abanou novamente a cabeça.

CADA COR SEU PAIADAR

— Então, continuas empregado nos Serviços Meteorológicos ?!...

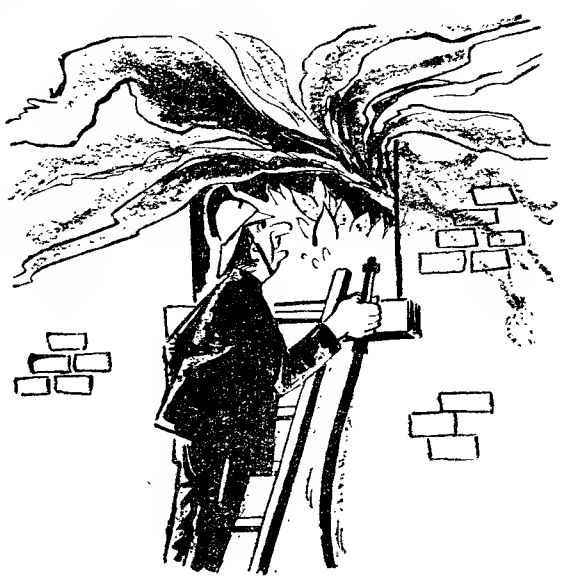
—...Em caso de avaria, arreia-se o escaler dos turcos e segue-se viagem!...

— O senhor desculpe, mas... eu sou o porteiro !... As esculturas estão ali !...



— Tem piada, João !... Agora é que eu me lembro !... O meu chefe lá do escritório tem um sinal igualzinho a esse !

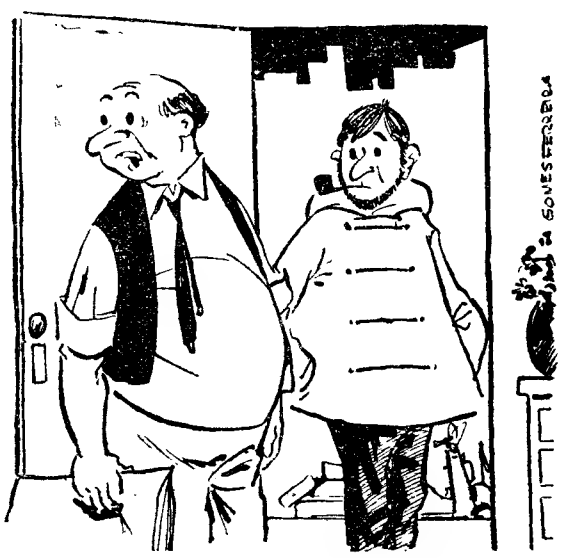
SEM. PALAVRAS



— Dá licença que entre ?

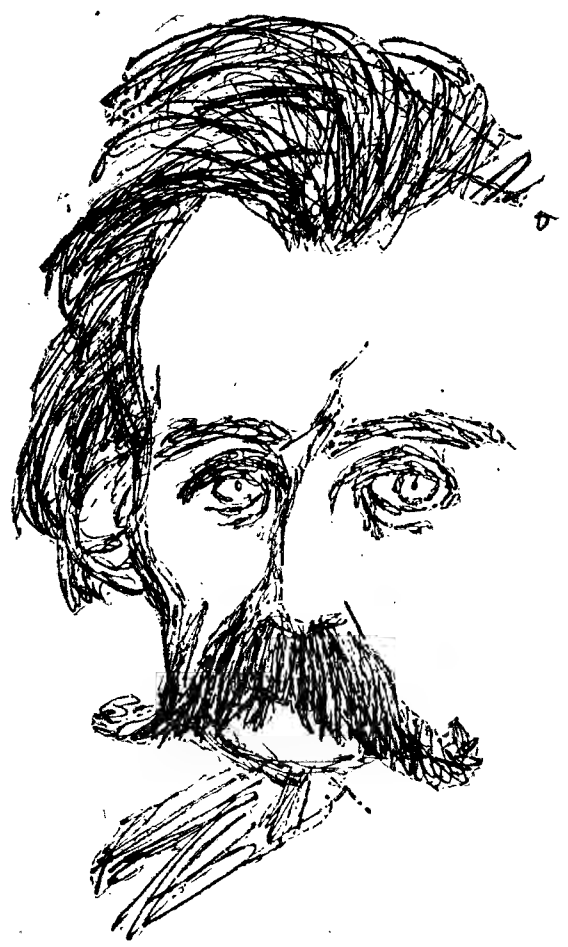
— E você teve coragem de matar a criatura por dez escudos ? !

— O sr. doutor juiz compreende: dez escudos aqui, dez escudos acolá, no fim do mês sempre é alguma coisa !...



— Maria do Ceu, esta coisa que está aqui à porta diz que é teu namorado !?... É verdade ?!!...

CAMILO



POR onde pegar Camilo? E' brasa, é ferro malhado, e chia quando metido nas águas mornas da crítica. O seu maior encanto está naturalmente em ser assim mesmo: cru, desorbitado, resmungão, andando sempre e cada vez mais vivo e contraditório. Impossível imaginar este desvairado mártir das letras preso ao pé da mesa em São Miguel de Seide, escrevendo, escrevendo — sem um profundo sentimento de pena, um abalo tal de piedade, que não conseguimos esquecer a presença humana do autor pela grata ilusão literária do entrecho, nas suas novelas.

Novelas? Romance? Ficção? Títulos e mais títulos, sugerindo embrulhados casos de folhetim. Mas o romance verdadeiro será sempre Camilo: e ele é o primeiro a saber disso muito bem, a tirar do engano o melhor proveito, pois larga a toda a hora o leitor no meio da página, a personagem no meio da meio da história, para entregar-se a divagações quase ofegantes de tão sôfregas, **morceaux de bravoure** da sua angustia crónica, onde o tom passa de melodioso a rouco, de elegíaca a violento, de sentimentalão a cáustico; sentimos, sob a frase mais repolhuda, não sei que vertigens da desesperança... Se não amargam muito na boca do leitor, é que o diabo do homem nasceu com toda a língua portuguesa no bico da pena e mesmo arrancando os cabelos não perde o seu garbo de príncipe dos farfalhantes...

Eu por mim confesso que farejo aqui um dos grandes mistérios da literatura: o desajuste entre a realidade psicológica e a superestrutura literária, fradesca e vernácula gorda e voluptuosa, muitas vezes em flagrante contraste com o fundo azedo e corrosivo de que se alimenta. Sim; e para explicar melhor o caso, devemos dizer que acima de tudo ele nasceu escritor, bicho estranho que põe o seu gozo mais intenso e o seu maior consolo na criação verbal. Ora, se em todo escritor existe um hedonista do verbo, no escritor farfalhante o hedonismo cresce de tal modo que se transforma em luxuria, num verdadeiro pecado mortal da fantasia; é a caça ao vocábulo raro, o gosto barroco de arquitectar complicadas fraseologias, a mania de cavoucar em sermonários e crónicas antigas, para combinações novas de velhas frases, a preocupação, diz Antero de Figueiredo «de passar para os seus romances todo esse erário de palavras e sinonímias». Camilo era um femeeiro das «frases gordas e chorudas» a que se refere em carta a um amigo; foram elas as verdadeiras rivais de Patrícia Emília. Maria Felicidade, a freira Isabel Candida, Eufrásia Carlota, Fanny Owen, Ana Plácido. Mas, de outro lado, obedecendo a uma ambivalência fundamental, Camilo nem sempre consegue fugir de si mesmo, penso eu, quando tenta viver as aventuras imaginárias da sua ficção; o peso íntimo arrasta-o a um desequilíbrio, e então a sua extraordinária agilidade de criador entra em conflito com o pesadume, a queixa, o remordimento.

Porque novelas propriamente há muito poucas em Camilo; na maioria, são pedaços, destroços, ou momentos virtuais de novelas. Tudo nele é sincopado, imprevisto, descomedido, recortado na própria carne das magras costelas. Impossível, por isso mesmo, na operação da leitura, usar para com ele da mesma técnica que nos impõe o comum das obras do mesmo género: aquele virar sonambulo de páginas num determinado ritmo, quando o leitor embarcou na canoa e se deixa levar pela suave ilusão de uma correnteza dirigida. Não, em Camilo não há disso, e ele faz questão de fincas os cotovelos no vazio do leitor, arrancando-lhe das mãos o livro, para falar no vento que uiva nos pinhais, agora mesmo, na roda dos expostos, em casos de aldeia ou vida boémia, no abade tal, que era um pândego, ou de Fulano, que era um bestalhão...

Por ser assim; convulsivo e fragmentário, tanto mais se avigoram os bons trechos, quando destacados do contexto; a pequena mas aguda selecção de Paulo d Castro (Agir, Col. Nossos Clássicos, 1957) veio comprová-lo. Como ganha Camilo antológico! Um Camilo em que haja muitas cenas de violência, muito paroxismo, muita cor carregada — muito Camilo! Também ganha em ser lido, não como honesto e objectivo novelista, mas como uma espécie de profeta amargo e bem falante, a clamar no deserto da sua vida...

Em Camilo, o descomedimento é tão espontaneo, de tal modo se confunde com uma superabundancia dadivosa, que chega a parecer uma virtude, o que não impede os lados negativos dessa qualidade, em cuja liga entram os defeitos. Peca por não sentir que também o silêncio é eloquente e a grande arte ás vezes consiste em travar a pena ou calar a boca no momento oportuno. Como todo perdulário do verbo, é muito mais nervoso do que profundo. Ele mesmo chegou a sentir que não andava bem avisado nos rumos da sua novelística ao ler, em 1875, na **Revista Ocidental**, o **Crime do Padre Amaro**, tanto que escrevia ao visconde de Ouguela: «Este rapaz vem tomar a vanguarda a todos os romancistas. E' um admirável observador e, conquanto faça pouco caso das imunidades da língua, tem arte de fazer admiráveis defeitos».

Os «admiráveis defeitos», valha a verdade, assentam mais no velho mestre que no aprendiz de romancista, e a expressão poderia servir de título a um estudo sobre Camilo. Admiráveis defeitos encontramos nós no próprio espírito que informa as suas obras romanescas: interessa-lhe muito menos a sugestão psicológica dos personagens que os acidentes biográficos e as situações empolgantes. No estudo crítico mais completo que se publicou até hoje sobre o grande escritor: **Introdução ao Estudo da Novela Camiliana** (Coimbra, 1946), Jacinto do Prado Coelho mostra a sua preocupação constante pelo sucesso ocorrido, pelo caso verídico, chegando a dar a palavra a testemunhas presenciais. Pescador de eventos extraordinários e sensações fortes, seria uma espécie de repórter, como quando escreveu o **Maria, não me mates, que sou tua mãe,** sem duvida um dos títulos mais impressionantes, desde que se escrevem novelas. Observa o crítico: «A novela camiliana é, pois, uma novela de aventuras, para recrear a imaginação, e de conflitos dramáticos, para fazer vibrar a sensibilidade. Tudo está nela referido á série de eventos invulgares que tornaram a história digna de ser contada. Dois perigos a ameaçam constantemente: o folhetim e o melodrama». Quando tentava altear-se a romancista de análise, prejudicava a observação psicológica com debates sentimentais. Mostrou, com o **Amor de Perdição,** que sabia manter numa linha contínua a narrativa, mas por via de regra mistura a biografia, a crónica, o ensaio, a novela, a nota erudita, o não sei quê... Na admirável **Maria Moisés,** por exemplo, que abre com uma verdadeira maravilha de diálogo e movimento, dá jeito de enxertar prelecções sobre o parto, citações da Bíblia e de Gil Vicente, divagações sobre Bernardo del Carpio, notas eruditas referentes a linhagens, demonologia, á Monarquia Lusitana... E no fim, ainda acha modo de mandar um recado familiar ao seu amigo Tomás Ribeiro...

Admirável será sempre nele o ardor, o nervo, o brio, mas depois de algumas leituras comparativas logo os defeitos do novelista impaciente botam a orelha de fora: Não saber limitar-se, para trabalhar em intensidade é o maior deles; falta-lhe aquela intuição que ensina a dizer muito, quando não se diz tudo; de guardar para uso autocrítico e interno as glosas ou ruminações parasitárias; de respeitar um pouco mais a inteligência do leitor; e não aprende a trocar o brilho formal pela tesura do pensamento, a abundancia irreflectida pela contensão profunda, a quantidade pela qualidade.

Feitas assim com o rigor devido estas restrições críticas, ainda resta mostrar que tudo está perfeitamente na ordem das coisas. Quem pode imaginar um Camilo disciplinado, tosquiado e já a dois passos do equilíbrio?

Por isso mesmo aproveitava eu a expressão camiliana: «admiráveis defeitos». Depois das restrições inevitáveis da crítica, venha o louvor. E o melhor será retroceder ao mesmo ponto de partida: por onde pegar Camilo?

(Do «Correio da Manhã» do Rio de Janeiro)

LIVROS NOVOS

«O Exército Imortal»

■ *Adolfo Simões Muller, poeta e escritor, vê constantemente os seus livros reeditados. Recebemos há pouco a terceira edição de «O Grande Almirante das Estrelas do Sul» (Gago Coutinho), com desenhos de Fernando Bento, e «Históriazinha de Portugal», também em terceira edição, ilustrada por Emérico Nunes. Entre os dois, uma obra nova de Adolfo Simões Muller, destinada á juventude: «O Exército Imortal» (pequena história de Gutemberg e do livro) que, na sua feição instrutiva, tem o relevo de um empolgante romance. Ilustrações de José Rui.*

«Mozart»

■ «Mozart» por Pert Peternell constitui uma das mais completas e sugestivas biografias que se tem feito sobre o extraordinário compositor. A precocidade genial, a luta contra o meio, as tentativas de conquistar Paris, o acolhimento nas cortes de Viena e de Londres, as viagens á Itália, a vida sentimental, os triunfos e as derrotas — tudo isso tem um sabor de novela romantica, de que o destino fosse o mais caprichoso dos autores. O pai por muito o amar talvez o escravizasse. O prodígio, que aos quatro anos já se sentava a um cravo soube, quando adulto, fazer vergar de admiração as testas coroadas, mas nunca conseguiu económicamente emancipar-se. A sua musica, porém, fina, graciosa, amável, como que ostentando as sedas azuis e as rendas doiradas das figuras de Watteau, revela não, apenas, a elegancia do seu espírito, mas a sumptuosidade de toda uma época. Pert Peternell construiu, com maestria, uma notável biografia que nada fica a dever aos trabalhos do género de Zweig, com o qual, de certa maneira, se aproxima pela subtileza do estilo.

Tradução de Didia Marques. («Editorial Asher»).

Policlínica do Intendente

AV. ALM. REIS, 27, 2.° — I. 45587

Dr. Abel Alves—Ouv. nariz e garganta 14 h.
Dr. Anastácio Gonçalves—Doenç. olhos, 18 h.
Dr. Armando Valle—Anál. clin. e vacinas, 11 h.
Dr. Armando Luzes—Rins e vias urinárias. 14 h.
Dr. Benard Guedes—Raios X, 16 h.
Dr. Camara Leme—Boca e dentes, 10 ás 13 e 17 ás 19 h.
Dr. E. de Miranda Rodrigues—Doenças nerv. mentais (2.ª, 4.ª e 6.ª), 16 h.
Dr. Fernando Castro Amaro—Med. geral, 14 h.
Dr. Formigal Luzes—Ag. Físicos, 15 h.
Dr. João Marques Pinto—D. das crianças, 18 h.
Dr. Juvenal Esteves—Doenças da pele e sifilis (2.ª, 4.ª e 6.ª), 14 h.
Dr. Mário Rosa—Cl. méd. est. e intest. 15 h.
Dr. Souto Soares—Cirurgia geral, ortopedia, operações, 14 h.
Dr. Pedro da Cunha—Partos e doenças das senhoras (3.ª, 5.ª e sáb.), 15 h.
Dr. Vasco de Lacerda—Cl. méd., coração e pulmões, 18 horas.

CILINDROS

COMPRESSORES DE ESTRADAS

Marca SKODA, tipo NV 7 e NV 10, pesos 7.200 e 10.700 kgs. motores de 20 e 30 CV. de arranque eléctricos, vendem-se em boas condições — C. I. M. Cacém Industrial Metalúrgico, Limitada — Telefone 094116 — Cacém.

por

Gustavo Carção

(Escritor brasileiro)

CURIOSA sensação essa de reler com quarenta anos de intervalo o autor máximo da nossa juventude! Devo esclarecer que minha juventude foi ingénua, burguesa e muito pouco literária. Sem comércio com as tertúlias onde ferviam as ideias do momento, sem amigos que já tivessem chegado, como os moços de hoje, aos pináculos da cultura, eu ia conhecendo os autores ao sabor das recomendações fortuitas. Aos vinte anos meu Olympo contava uma duzia de deuses, e entre eles, o mais amável e gracioso era, sem duvida, o autor de **A Reliquia.** Lera mais de uma vez todos os seus livros, sabia páginas de cor, e estava firmemente convencido de que jamais, em lingua alguma, se escrevera obra que superasse uma daquelas. Bom Eça! Excelente Eça! Sinto quase remorso, agora que acabei de reler o **Primo Basilio,** pelo que estou pensando e pelo que vou dizer.

Não. Não passei quarenta anos sem reler Eça de Queirós. Muitas vezes o fiz. Mas lia páginas apenas, para apreciar ou para mostrar aos moços os primores de estilo, o colorido de suas descrições, a graça dos perfis que traçava. Mas, livro seu inteiro, romance, de ponta a ponta, nunca mais tinha lido. Li agora **Os Maias** e o **Primo Basilio.** A primeira impressão, relativa á perfeição da linguagem, que me velo ao reler esses romances, em nada desmentiu a impressão antiga que guardava na saudade. Tenho um fraco pela boa construção portuguesa, pela variada regência e pela feliz escolha de uma conjunção. Gosto da lingua como uma espécie de patriotismo e aflijo-me quando não me sinto capaz de usar todas as suas grandes virtualidades, e quando a vejo também maltratada pelos outros. Noto também uma coisa que parece desaparecida: o paciente engenho de pintar um cenário, ou a arte de evocar, de tornar visiveis as personagens e as cenas. Qual dos nossos poderia, saberia hoje escrever páginas como aquelas que começam diante da fachada do **Ramalhete** e pouco a pouco se povoam e se animam? O romance moderno é obscuro. Não falo dos romances regionalistas onde entra uma preocupação marcada de pintar o ambiente, mas do romance que transcorre em meios destituidos de pitoresco. E' obscuro. Faltam nele objectos, mesas, paredes, relógios, gatos, tudo isso que cerca o homem e que acompanha seus dramas. Mais de um já li que poderia ser lido, sem diminuição, por um cego de nascença. Tudo são palavras pronunciadas no escuro, ditas ao ouvido sem nenhum recato especial para os olhos. Nos romances do grande período que começa com Stendhal e Balzac, e culmina com Tolstoi e Proust, abrangendo a era vitoriana, a claridade do século das luzes está em todas as páginas e em todas as cenas. Ouve-se, vê-se, sente-se o espaço físico em que se movem os personagens. Quem seria hoje capaz de trazer ao vivo o quadro de um baile ou do trabalho dos segadores, como se vê em **Ana Karenine** ou em **Guerra e Paz?** Quem se aventuraria a tentar uma espécie de síntese dos sentidos, ou a perseguir em quatro páginas os adjectivos que reproduzissem o cheiro do quarto de uma velha tia da provincia, como se vê em Proust? Tem-se a impressão de uma receita perdida, como perdida esteve a transluminosa técnica dos vitrais. Dir-se-ia que o nosso século, preocupado com pesquisas mais profundas e angustiosas, perdeu o gosto das coisas, o sabor das realidades sensiveis.

Nos romances de Eça de Queirós tudo é claro, tudo é visivel e colorido. Como, porém, lhe falta o génio de um Tolstoi ou de um Proust, essa claridade é mais um verniz do que uma radiação própria que venha de dentro das coisas. Sua luminosidade, em suma, é uma superficialidade. No que concerne ao jogo psicológico das situações dramáticas, essa visibilidade chega frequentemente até o mau gosto. O autor não deixa nada implicito, não supõe uma vida interior, e nem de longe imagina os abismos inconscientes da alma humana. Tudo se diz, tudo se explica e tudo se compreende. Lembra-me aqui o episódio em que Carlos da Maia começa a sentir-se saturado de Maria Eduarda. «Era, surgindo do fundo do seu ser, ainda ténue mas já perceptivel, uma saciedade, uma repugnancia por ela, desde que a sabia de seu sangue!... Uma repugnancia material, carnal, ! flor da pele, que passava como um arrepio. Fora primeiramente aquele aroma que a envolvia, flutuava entre os cortinados, lhe ficava a ele na pele e no fato, o excitava como outrora, o impacientava tanto agora—que ainda na véspera se encharcara em água de Colónia, para o dissipar. Fora depois aquele corpo dela, adorado sempre como um mármore ideal, que de repente lhe aparecera, como era na sua realidade, forte demais, musculoso, de grossos membros de Amazona bárbara, com todas as belezas copiosas do animal de prazer... Os seus movimentos na cama ainda nessa noite, o tinham assustado como se fossem os de uma fera, lenta e ciosa, que se estirava para o devorar...». E por ai fora, em página e meia, o autor, levado pelo gosto da frase e pelos imperativos da escola realista, descreve nesses termos aquele primeiro sentimento «ténue» que vinha do fundo do ser de seu personagem. Note bem o leitor que não é do realismo cru que me queixo e sim da eloquência, dos recursos quase didácticos que o autor desenvolve para exprimir um começo de arrepio.

Diante desse resultado já não podemos ter saudades da claridade que, afinal, mais esconde do que mostra a realidade. Ao contrário, o que senti, ao reler o meu querido Eça, foi uma certa pena, ou uma condescendência de irmão mais velho, não porque me sinta capaz de fazer obra melhor, mas, porque sei, pelo mérito dos outros, pelo sofrimento da contemporanea cultura, pelo aprofundamento conquistado através dos erros e das dores, que aquela obra, apesar de toda a perfeição da linguagem e do variado colorido, está muito àquem da espaçosa realidade da alma humana. E' pueril. E' comoventemente ingénua com todo o seu escabroso realismo. E não pense o leitor que eu esteja querendo provar que minha cultura progrediu ao ponto de descobrir as fraquezas do autor que na mocidade mais admirei. Em alguma coisa mudei, evidentemente, dos vinte aos sessenta anos, mas a principal diferença de perspectiva vem das mudanças do Mundo e não das minhas. Um moço de regular cultura e média inteligência terá, creio eu, o mesmo sentimento de indefinível superioridade lendo aqueles romances que tantas admirações e indignações provocaram no seu tempo. Mas cumpre notar que os severos criticos da época, os que não gostavam das cenas cruas, levaram a sério o realismo de Eça, e não viram a superficialidade do romancista. O próprio Machado de Assis, que numa admirável critica reclama a espessura humana que falta aos personagens de **O Primo Basilio,** ainda se mostra escandalizado com a falta de decoro das cenas. Creio que hoje o mesmo Machado iria mais longe, e concordaria connosco que aquele sedutor é um boneco, um vilão de teatro de amadores, ou uma espécie de Lobo Mau. Isto nos leva a falar dos personagens dos romances de Eça de Queirós. Se o leitor tiver paciência, trataremos desse assunto na próxima semana, porque o artigo desta está chegando ao seu limite. Só quero acrescentar uma coisa. Não foi por falta de assunto que fiz hoje com o Eça o que ele um dia fez com o Bey de Tunis.

FANGIO!

Os autores os campeões

deviam saber retirar-se a tempo

O famoso «ás» do volante Manuel Fangio, que se encontra em Buenos Aires, abandonou em definitivo os autodromos, onde tantas vezes foi, mundialmente, o primeiro. Não deixam de ser interessantes pelo valor humano as suas considerações, recolhidas pela revista americana «Life»:

«Jamais tomarei parte numa corrida. Os campeões, os actores deviam sempre retirar-se quando atingem o apogeu. Mas raros são aqueles que se dão conta que quando atinge o ponto mais alto, o caminho pode deixar de descer.

«Há um ano que tomei a decisão de me retirar. Nada disse, então, para não ferir certos interesses financeiros que contavam com o meu nome. Certos factores precipitaram a minha decisão: a alegria dos primeiros anos, converteu-se numa grande lassidão. Não é apenas o meu corpo que ressente a fadiga, mas também o espirito.

«Entretanto, a «minha familia» desapareceu. Em dez anos vinte dos meus camaradas morreram, em corridas. As nossas reuniões assemelham-se ás dos antigos combatentes de guerra, que tentam esquecer os que jamais voltarão».

de Marco Aurélio

Não tenhas acerca das coisas a opinião do indivíduo que te afronta, ou aquela que ele pretende que tu tenhas: encara-as, sim, como elas são na realidade.

■

Ridículo que te não esquives aos teus defeitos, o que é bem possível, e que busques esquivar-te aos defeitos de outrem, o que é impossível.

■

A melhor maneira de nos vingarmos é não nos tornarmos parecidos com eles.

■

Os homens são feitos uns para os outros; instrui-os, pois, ou suporta-os.

■

A primeira característica da condição humana é a sociabilidade.

Problemas da automação

Esteve recentemente reunido em Namur, na Bélgica, o 2.º Congresso Internacional de Cibernética, com vasto e complexo programa de estudos sobre as consequências da automação nos destinos da Humanidade. Sociólogos, economistas, homens de Estado de mais larga formação humanista, andam hesitantes e perplexos perante as perspectivas que as mais arrojadas criações da técnica estão a desvendar. O trabalho automatizado vai libertar progressivamente o homem da obrigação do trabalho durante longas horas? Que fazer da mão-de-obra desocupada da máquina? Que fazer da abundancia sem esforço? Como coordenar, sem excessiva pressão autoritária, as estruturas económicas ultra-mecanizadas? Como ocupar benèficamente os ócios? Quais os reflexos da automação em marcha nas relações internacionais?

Enquanto as perguntas se acumulam, a ciência e a técnica acumulam invenções de que não se conhece ainda o possível alcance.

Mercados de obras de arte

Os meios artísticos e os meios económicos franceses encontram-se associados, actualmente, nas mesmas preocupações perante a evasão para o estrangeiro dos grandes negócios de obras de arte em que Paris manteve, por muitos anos, a primazia incontestada. As vendas fabulosas da colecção Kireby em Nova York, da colecção Golschmidt em Londres, da colecção Regnault em Amsterdão, absorveram as atenções do Mundo e desviaram da Cidade Luz o interesse dominante do comércio internacional de obras de arte. Acusações veementes têm sido lançadas contra a política fiscal do Estado francês, que faz pesar encargos esmagadores sobre essas transacções, provocando a sua fuga para outros países. A «Chambre des Commissaires Priseurs» está em negociações com o Ministério das Finanças para obter pronta redução no fisco que sobrecarrega em 35 % as vendas de produções artísticas.

A «guerra do bacalhau»

Apesar da acalmia registada nos ultimos meses, o conflito entre a Inglaterra e a Islandia sobre os limites de águas territoriais para o exercício da pesca, mantém-se latente. A Islandia reivindica o direito de elevar de 4 para 12 milhas a distancia em relação á costa da linha que veda o acesso dos barcos de pesca estrangeiros ás águas que a cercam. Os Ingleses não aceitaram a alteração e fizeram escoltar os seus navios pesqueiros por «vedetas» armadas para impedir apreensões pelas autoridades islandesas. Mas estas contam com o Inverno para forçar o abandono da protecção naval aos barcos ingleses que ultrapassarem as 12 milhas da costa e convencê-los da sua decisão de manter essa linha, custe o que custar. Encara-se a hipótese de levar em breve a questão ao Tribunal Internacional da Haia — mas os Islandeses já começaram a explorar a competição económica entre o bloco soviético e o Ocidente, jogando nela como instrumento de pressão a favor das suas pretensões.

Recursos alimentares

A Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura publicou recentemente o seu relatório, em que se regista o declínio de 120 para 119 (tomando por base-100 o período de 1948-49) nos índices da produção agrícola mundial dos ultimos dois anos. Como a população mundial continuou a aumentar, os índices da produção por habitante baixaram ainda mais sensivelmente, declinando de 109 para 107. Nota-se, igualmente, redução considerável no ritmo de crescimento das trocas internacionais de produtos alimentares, visto que a expansão foi apenas de 3 % na campanha de 1957-58, em vez dos 8 % registados nos dois anos anteriores.

Nove meses de cooperação atómica

A Comissão Executiva do «Euratom» enviou á Assembleia parlamentar europeia, integrada na organização do Mercado Comum dos Seis, o relatório das actividades realizadas nos primeiros nove meses da sua existência. O Mercado Comum Nuclear, previsto no tratado do «Euratom», terá início em 1 de Janeiro próximo. Entretanto, a Comissão promoveu já a coordenação dos programas de pesquisas nos seis países aderentes, desenvolveu e fomentou a cooperação com os Estados Unidos e outros países da O. E. C. E., estabeleceu as linhas essenciais do centro comum de pesquisas, a instalar em breve, da distribuição dos reactores experimentais e de potência, dos estudos da fusão nuclear e aplicações de rádio-isótopos, da criação de um «Forum Industrial Atómico na Europa, etc.

Os Correios em França

A actividade dos diversos sectores dos C. T. T., em França, está a desenvolver-se em cadência acelerada. O volume do tráfego postal aumenta á razão de 9 % em cada ano, o movimento telefónico cresce á cadência de 5 % e o serviço de cheques regista diàriamente mil inscrições novas. Para ocorrer ao acréscimo de tráfego sem agravamento de encargos, a Administração está a mecanizar intensivamente os serviços. Uma nova máquina que entrou recentemente em serviço permite fazer a tiragem de 24.000 cartas por hora para 309 direcções diferentes de distribuição, substituindo o trabalho de doze funcionários.

Escavadora

SKODA, nova, 500 litros, vende-se em boas condições. CIM—Cacém Industrial Metalúrgico, Lda. — Tel. 084116 — Cacém.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELÉCTRICOS

BATAS HOSPITALARES **CAMISAS** PIJAMAS E CUECAS

POR MODELO OU POR MEDIDA

TECIDOS A ESCOLHA OU DO CLIENTE

13 modelos em exposição

Consertos e transformações por pessoal especializado

ROVIL

Rua Arco Marquês do Alegrete, 50, 1.º — Telef. 862402

Envio á cobrança pelo correio

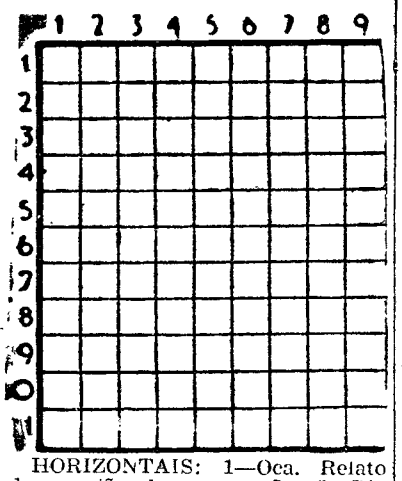
POLICLÍNICA DA RUA DO OURO ENTRADA RUA DO CARMO, 98-2.º

Dr. Amaro d'Almeida — Medicina, coração e pulmões — As 18 horas.
Dr. Coelho de Castro — Cirurgia, ossos e articulações — As 18 horas.
Dr. Miguel de Magalhães — Rins e vias urinárias — As 13 horas.
Dr. Romão Loft — Doenças nervosas, electroterapia — As 14 horas.
Dr. António Ferrão — Doenças nos olhos — As 14 horas.
Dr. Fernando Vasconcelos Dias — Estomago, fígado, intestinos e doenças ano-rectais — As 18 horas.
Dr. Mário Jacquet — Fisioterapia — As 16 horas.
Dr. Casimiro Affonso — Doenças das senhoras e operações — As 15 horas.
Dr. Gonçalves Coelho — Doenças das crianças — As 18 horas.
Dr. Pinto Bastos — Boca e dentes, prótese — As 10 horas.
Dr. Luis Malheiro — Pele e sifilis — As 3.as, 5.as e sábados, das 14 ás 16 e 30 h.
Prof. Dr. Aleu Saldanha — Raios X — As 16 horas.
Dr. A. de Barros Simão — Garganta, nariz e ouvidos — As 16 horas.

Palavras cruzadas

(NOVA MODALIDADE)

Problema n.º 3541



HORIZONTAIS: 1—Oca. Relato de reunião de corporação. 2—Rio da Russia que nasce nos montes Urales. Cidade de Portugal. 3—Separara. 4—Abreviatura de pag. Gracejar. 5—Lago salgado do Turquestão. Estará. 6—Batráquio Frequentava. 7—Cidade de França, nos Altos Alpes. Fecho as asas para descer mais depressa. 8—Figura. Cidade de França no departamento de Vancluse. Post scriptum. 9—Filtrar. Fronteira. 10—Cidade da Suécia. 11—Domínios. Saudáveis.

VERTICAIS: 1—Alternativa. Cidade de França. Bolor. 2—Gerar. Doze duzias. 3—Rompera Amarro. 4—Gavinha. Coelhos pequenos. 5—Nota musical. 6—Azáfama. Espécie de marimbas com laminas metálicas (pl.). 7—Acarretai. Flanco de um exército. 8—Atraiçoar. Copioso. 9—Preposição e artigo. Chefe abissínio. Ilesos.

Solução do problema n.º 3540

HORIZONTAIS: 1—Copérnico. 2—Uva. Foi. 3—Já. Ema. Ar. 4—Aparo. 5—Cri. Ora. 6—Doar. Mula. 7—Em. Oiã VI. 8—Itu. Por. 9—Tema. Varo. 10—Armai. 11—Ró. Aio. Só.

VERTICAIS: 1—Cujo. Deitar. 2—Coa. Comte. 3—Pã. Ara. Uma. 4—Epiro. Ara. 5—Roma. Im. Mi. 6—Aroma. Vão. 7—If. Aru. Pai. 8—Coa. Alvor. 9—Oiro. Airoso

MEIAS FINAS
BONS PREÇOS
SÉCIA
BOUTIQUE
31, Rua da Conceição
Tel. 30546 – LISBOA

Tractor BRED

tipo D6, novo, 90 CV., vende-se em boas condições. CIM—Cacém Industrial Metalúrgico, Lda. — Tel 094116 — Cacém.

LEITURA DE SABADO LEITURA DE SABADO LEITURA DE SABADO

ANTOLOGIA DO CONTO POLICIAL

LEITURA DE SABADO LEITURA DE SABADO LEITURA DE SABADO

Texto integral do conto de JOHN NESBITT

EM certa manhã do ano de 1888, a pequena estancia balnear francesa de St. Adresse foi sobressaltada por um misterioso crime.

Durante a noite, um comerciante, chamado André Monet, que fora para aquela praia acompanhado pela esposa, em gozo de férias, deixou o hotel onde se hospedava a fim de tomar um banho de mar antes de se recolher. Na manhã seguinte, ainda muito cedo, um rapazito que distribuia pão encontrou, ao passar pela praia, o corpo de Monet, deitado, um pouco acima da linha de rebentação, com o orifício de uma bala em plena testa. Estava despido, com a roupa ao lado, cuidadosamente dobrada. Não foi descoberta qualquer arma.

Quando a *Sûreté* (a famosa Polícia de Paris) foi informada da trágica ocorrência, telegrafou imediatamente ao seu melhor *detective*: Robert Le Dru, para que fosse a St. Adresse investigar do crime. Na ocasião, Le Dru, o herói invejado de todos os garotos da França, encontrava-se no porto de Havre, que fica a cinco quilómetros daquela praia.

Um dos mais jovens agentes da *Sûreté*, Le Dru recebera, entretanto, as mais altas distinções pelos grandes serviços prestados. Dizia-se que ele examinando as pegadas de uma pessoa era capaz de descrever o seu tipo, e, cheirando a cinza de um charuto, podia indentificar a marca do mesmo.

Le Dru sabia contudo, que havia certo exagero nesses comentários, pois, na verdade, não era nenhum *assombro*. Apenas meticuloso, ordenado, paciente; e, quando encarregado de um caso, costumava examinar pormenorizadamente, polegada por polegada, o soalho de cada compartimento de um edifício inteiro, recolhendo qualquer alfinete ou simples fiozinho que encontrasse. Para ele não havia trabalho inutil e nada o cansava. Era homem para gastar horas inteiras á procura do dono de um botão recolhido no local de um crime. Graças á sua extraordinária paciência, conseguira a solução de muitos dos mais intrincados crimes dos anais da Polícia de Paris.

No entanto, o jovem *detective* pensava que, se os seus chefes tivessem conhecimento de tanta meticulosidade e tão acérrima persistência, isso poderia prejudicar a sua reputação. Assim, enviava sempre relatórios exagerados sobre as investigações a que procedia. Em vez de admitir que levara, por exemplo, cinco horas a seguir um suspeito, costumava dizer que, logo de início, deduzira do paradeiro do criminoso. Isso, posto assim no papel, parecia admirável, quando, na realidade, o pobre Le Dru, para manter os seus créditos, trabalhava a noite inteira para esclarecer qualquer caso á sua responsabilidade. Muitas vezes, durante largos períodos de tempo, dormia apenas duas ou três horas por noite, e até, em certa ocasião, durante toda uma semana, só teve seis horas de repouso...

Em resultado desse excesso de trabalho, foi abalado por grande esgotamento nervoso e começou a perder a suade. Frequentemente acordava em sobressalto no meio da noite, atormentado por horríveis pesadelos, nos quais se via como autor de crimes... O médico recomendou-lhe repouso por algum tempo, para restaurar os nervos combalidos, mas ele não seguiu o conselho, que o inibia de dedicar-se a trabalhos exaustivos.

Quando chegou a St. Adresse, Le Dru viu-se envolvido num denso mistério. Ninguém tocara nos bois os do assassinado onde se encontraram algumas centenas de francos. Uma rápida investigação revelou que o homem não tinha inimigos, não era rico, nem deixara herdeiros, além da esposa. Madame Monet esperara pelo marido no hotel até ás duas e meia da manhã e como o médico-legista declarara que o crime fora cometido meia hora antes, ela ficava ilibada de qualquer suspeita.

Não podendo desvendar o enigma desse crime, assim á primeira vista, o «detective» resolveu pôr em prática o seu método de laboriosa e paciente investigação. Incansável e minuciosamente, como era seu hábito, examinou a praia num círculo de quinze metros, em busca de quaisquer vestígios que, por acaso, tivesse ficado na areia. Já escurecera havia muito tempo e ele lá continuava, de lanterna em punho, a farejar o areal, quando, subitamente, se lhe deparou aquilo que procurava. Parou, então como que estupefacto.

Naquele dia, vagueou até muito tarde pelas ruas de St. Adresse e, na manhã seguinte, apresentou-se na «Sureté».

— Senhores — disse Le Dru, numa voz muito calma—: Acabo de desvendar o misterioso crime! Aqui está um decalque da pégada que o assassino deixou ao atacar a sua vitima pelas costas. Calçava meias para não fazer ruído. Agora, por favor, reparem em certa singularidade desta impressão. Observem, e poderão ver claramente, a que falta nesta aqui, na primeira pinta do dedo grande! Não há duvida de que esta é a pégada do criminoso.

E, curvando-se e descalçando o sapato do pé esquerdo, o *detective* exclamou tristemente:

— Senhores! sou eu o assassino!

Le Dru perdera, em garoto, a primeira junta do dedo grande. A impressão marcada na areia correspondia exactamente á do seu pé. O pesadelo em que se via cometendo crimes, tornara-se, desta vez, em cruel realidade! Ele era o criminoso!

Preso, foi levado á barra do tribunal. O seu advogado que fez uma das mais emocionantes defesas dos anais da criminologia francesa, provou, com o auxílio de um médico, que Le Dru era perigoso apenas á noite subjugado por pesadelos, sendo absolutamente normal durante o dia.

— E, uma vez que Le Dru é perigoso apenas quando dorme — rematou o defensor —, por que razão havia de ser condenado á morte um sonambulo?

Assim, aplicaram ao famoso *detective* a pena de prisão perpétua, mas, entretanto, e por mais estranho que pareça, ficava suspensa, todos os dias, até o cair da noite, ficando ele livre, para fazer o que lhe aprouvesse, de manhã ao pôr-do-Sol. Todas as noites, porém, tinha de se apresentar, invariávelmente na prisão e ali dormia até o dia seguinte.

Durante cinquenta e um anos, Robert Le Dru cumpriu essa singular condenação, até que dela se libertou — para sempre —, quando, em 1939, pouco antes da queda da França, apareceu morto na sua cela...

Expressionismo

A velha máscara grega que serviu, nas peças de Eschyle e Sofocles, adquire, no Mundo de hoje, um aspecto simbólico. Surge-nos na estética teatral moderna como uma substancia humana definida, tipo emocional concreto, caracterologia própria contra a mobilidade da fisionomia portanto, a sua mentira, o seu poder de simulação, o seu antagonismo entre o *ser* e o *aparentar*. No teatro asiático, a máscara ainda parece estar em uso, sobretudo, nas representações da dramaturgia tradicional japonesa.

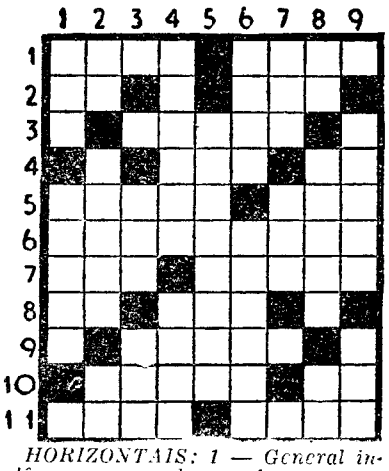
O expressionismo dessas máscaras — e não influiriam elas na escola plástica do mesmo nome, que teve a sua genese na Alemanha?— podem parecer-nos hipertrofiadamente caricaturais, mas na sua síntese arquitectural, as cambiantes eliminam-se sem deixar quaisquer resíduos ficando sòmente o humano, integral. Dessas máscaras, algumas terrivelmente tragediantes, outras de pungente sarcasmo, derivaram os *fantoches*, a «commedia della corte» e o admiráve! teatro de autómatos alemão, do qual reproduzimos duas «fisionomias» veristas, não isentas de poesia abstracta — lunar, diria Supervielle.

DINHEIRO
COLOCA SOBRE AUTOMÓVEIS OU PRÉDIOS EM 1.º HIPOTECAS
RAPIDEZ E SIGILO
A FINANCIADORA
EM LISBOA - AV. DA LIBERDADE, 3
NO PORTO - P. DA LIBERDADE, 12

Palavras cruzadas

(COM PROVÉRBIO)

Problema n.º 1467



HORIZONTAIS: 1 — General inglês que comandou as forças expedicionárias britanicas na segunda Grande Guerra. Orgão da fala. 2 — Artigo definido. Fruto da parreira. 3 — A mais interna das membranas que envolvem o feto. 4 — Botequim. Abreviatura de franco. 5 — Perdes. Distrito do Estado da India. 6 — Defenderias com arames. 7 — Pronome relativo. Voltes num banho de tinta um tecido ou meada. 8 — Certo. Profere. 9 — Casacos curtos. 10 — Suspender. Nota musical. 11 — Fêmea do leão. Lá.

—VERTICAIS: 1 — Fluido aeriforme. Letra de cambio que se sacou. 2 — Artigo definido. Praça publica na antiga Roma. Pretexto. 3 — Origem. Recusa. 4 — Mesmo. Contará. 5 — O mesmo que nasala. 6 — Gastar friccionando. Enrizara. 7 — Origem. Recita. 8 — Cabelo branco. Freguesia do concelho da Feira. A mim. 9 — Apelido de origem estrangeira. Consentimento.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora em segundo passatempo o Provérbio nele inscrito.

Solução do problema n.º 1466

HORIZONTAIS: 1 — AMAR. Usam. 2 — Ror. Anuiu. 3 — Mar. Sal. 4 — E. Atem. Pá. 5 — Asas. Cor. 6 — Tito. Nada. 7 — Ora. Maré. 8 — Lá. Pior. 9 — Ara. Asa. 10 — SABER. Dor. 11 — Alas. Para.

VERTICAIS: 1 — Arme. Tolosa. 2 — Mac. Aira. Al. 3 — Arrasta. Aba. 4 — Tão. Prés. 5 — Ascs. Miar. 6 — Unam. NÃO. 7 — Sul. Carrada. 8 — Aí. PODE SER. 9 — Murara. Sara.

Provérbio: AMAR E SABER NÃO PODE SER.

Graham Greene

Suspeito de espionagem na libertação da França

O ultimo livro de Graham Greene, denomina-se: «Manual do Perfeito Pequeno Espião». O autor do «Nó do problema», declarou:

— Creio não ter conhecido durante a minha vida mais de uma duzia de espiões. Suponho mesmo que, pelo menos, dois, talvez o não fossem. Havia, todavia, um que, decerto, o era. Não tinha titulos especiais para tal classificação, porque até era letrado. Só sabia contar até dez e o unico ponto cardeal que conhecia era o de Leste. E isto porque era maometano. Esta recordação veio-me ao espirito, há tempo, quando li a noticia de um processo de divórcio, no qual o juiz criticava com extrema severidade, um detective privado. Esse detective era também um eletrado. Ia para o seu trabalho de bicicleta, á vista de todos, e ditava os relatórios á hospedeira surda como um peixe».

O pior é que quando da libertação da França o general De Lattre suspeitou que o escritor inglês fosse um espião.

O novo livro de Graham Greene contém setenta e três palpitantes narrativas de espionagem.

Representantes para Lisboa e Sul do País:
ADELINO & LOPES, LDA.
8, Largo da Trindade, 9 — LISBOA — Telefones 21260-22828

CARPETES AXMINSTER
Os mais belos desenhos nas melhores qualidades inglesas
Representantes e depositários de «Carpet Trades, Ltd.»
RUA DA PRATA, 214, 1.º
GUILHERME SILVA, FERREIRA, LDA.

Diario de Lisbôa
Juvenil
3-1-959 88

Textos
Augusto da Costa Dias, Mário Castrim e Manuel Salgueiros
Ilustrações
Tóssan e Figueiredo Sobral

Toda a correspondência deve ser dirigida para a Rua Luz Soriano, 44 a 48 — LISBOA

bolo de trigo

AINDA o Sol se encontrava escondido pelos outeiros que rodeiam a pequena aldeia beirã onde se passou o que vou relatar, mas já o ti'Jaquim com sua junta de vacas, transportando sôbre o jugo o arado, palmilhava com pé firme, o agreste caminho, tão absorvido pelos pensamentos mais variados que ao cérebro lhe ocorriam, nem sequer dando pelas maravilhas que a Natureza, como boa amiga que é, lhe oferecia para que ele se deleitasse, podendo esquecer assim todas as agruras proporcionadas pelo rumo que a sua vida ia tomando presentemente.

Levantara-se um pouco mais cedo do que a hora costumada, para que, quando o Sol com seus raios ilumi-nasse o variegado vale, já ele estivesse de regresso. Tudo isto, porque sua mulher, a senhora Antónia, se encontrava muito adoentada. Há meses que não deixava a esquálida enxerga a qual venha talvez só a abandonar quando for chamada para a terra da Verdade.

Assim vivia este triste casal desde que a Antónia adoecera. Não tinham filho nem filha que os amparasse e compartilhasse nas suas tristezas. Enquanto novos os filhos não os apoquentaram e agora, ele com sessenta anos e ela às portas da morte, com certeza que não vêm a satisfazer o desejo do Criador: «Crescei e multiplicai-vos».

Chegou a casa. Tirou as vacas do jugo e meteu-as nas respectivas lojas ao mesmo tempo que lhes deitava algo que comer. Após isto, subiu a meia duzia de degraus e penetrou na semi-obscuridade que ocupava o interior da sua torpe choupana. Entrou no quarto onde sua mulher se encontrava. Ela piorara um pouco depois da sua saída. Quase não falava, predominando a mímica quando queria pedir ou dizer alguma coisa.

Comeu depois de ter tratado de sua mulher.

Partiu novamente para a lida campesina ficando a pobre entregue aos seus derradeiros sofrimentos. Cerca do meio-dia ela entregava a alma ao Criador, deixando só no Mundo o seu companheiro de tantos anos.

Por toda a aldeia, agora, ouvia-se o toque compassado dos sinos do campanário dando sinal a todos os aldeãos, que mais uma alma tinha vivido, porque, para o verdadeiro cristão morrer é principiar a viver. No dia seguinte realizou-se o funeral, acompanhando quase toda a aldeia a tia Antónia á sua ultima morada.

*

O ti'Jaquim agora vivia sózinho, sofrendo ainda mais do que até então. Cada vez pensava mais na sua vida tão atribulada, idealizando simultaneamente um futuro aprazivel, para poder viver feliz os seus ultimos dias.

Ao fim de alguns meses ele tinha escolhido entre as mulheres idosas da sua aldeia uma com quem padecer os seus sofrimentos.

A escolhida foi a Josefa, solteirona, mulher de cinquenta e poucos anos que vivia com sua mãe numa humilde choupana situada no fundo da aldeia. Foi á Josefa que ti'Jaquim foi falar propondo-lhe casamento caso ela estivesse disposta a aceitar a sua mão. Ela ficou admiradíssima ao ouvir estas palavras. Porém, esta admiração foi pouco duradoira, pois reflectiu no facto e logo se lembrou que sua mãe não aceitaria como já tinha sucedido algumas vezes. As unicas palavras que balbuciou deram a entender que sem falar com sua mãe não aceitaria tal proposta.

Quando chegou a casa a primeira coisa em que falou foi na sua conversa de há pouco com o ti'Jaquim. A mãe mais uma vez não concordou. Josefa muito triste retirou-se para o seu quarto pensando na sua vida. Preocupava-a ter de desobedecer, mas não podia recusar este casamento, pois talvez fosse a ultima oportunidade de realizar o acto sagrado.

Assim, procurou o ti'Jaquim, a quem relatou tudo resolvendo unanimemente tratar do necessário em segredo e, só depois de casados dariam a notícia a sua mãe.

No dia seguinte, o ti'Jaquim falou com o pároco da aldeia e começou a tratar dos papéis. Passado pouco mais de um mês era a véspera do grande dia. Os dois combinaram com o padre para a cerimónia se realizar o mais cedo possível.

O ti'Jaquim dormiu numas escadas e a Joseja numa quintã por onde o padre passaria no dia seguinte. Ainda mais se enchergava já ele celebrava o acto que os ligaria até á eternidade.

Depois de casados pensaram como dariam a notícia á mãe de Josefa. O ti'Jaquim pensou e por fim sugeriu que se comprasse um bolo de trigo e vinho e talvez ela concordasse com a nova vida de sua filha. Assim fizeram.

Os dois, com o bolo de trigo e o vinho, entraram pela casa dentro, tinha a mãe de Josefa acabado de levantar-se. Quando os encarou logo se lembrou do sucedido. Ia para dizer qualquer coisa — talvez desagradável — mas o bolo de trigo e o vinho que lhe eram oferecidos taparam-lhe a boca eternamente...

AMIGO N.º 1340

OS PROBLEMAS DOS JOVENS VISTOS PELOS JOVENS

Algumas objecções
à carta aberta

AO fazer estas objecções á sua «carta aberta» não tive como fim criticar todas as suas afirmações mas sómente tocar nuns pontos, que relacionados entre si, julgo serem bem um problema da juventude, portanto com cabimento nesta secção do «Diário de Lisboa Juvenil».

Diz você que não concorda com o termo «Ah esta mocidade decadente» e acrescenta: «considero a mocidade de hoje em progresso».

Pois bem, eu também não concordo absolutamente com essa frase, julgo porém que ela tem qualquer coisa de verdadeiro.

Não será uma decadência da mocidade, mas uma crise que adivinha decadência.

Crise que se torna tanto mais acentuada quanto mais a técnica se sobrepuser aos problemas do espírito e que deveria ser acompanhada por estes.

Claro que não pretendo pôr em duvida a importancia da técnica, e muito menos a da ciência, no mundo moderno; antes pelo contrário — louvo-a e admiro-a. Não deixarei, no entanto, de insinuar que tem sido ela a causa de um afastamento das coisas do espírito, que se encontra na juventude e que traduz nos seus aspectos mais trágicos uma insegurança de viver e por vezes uma verdadeira angustia em todo o mundo civilizado.

Felizmente que estes sintomas não se encontram em Portugal em grande intensidade e isso talvez porque a nossa maneira de viver não se coaduna muito com a do estrangeiro, onde os sintomas são mais alarmantes.

Não se pode negar os efeitos maléficos do «Rock'n roll» que você diz não ser a musica de hoje e que eu objecto que não será musica nem musica para sempre mas que é, infelizmente, a musica que domina hoje.

Quanto á pintura, pergunta se não é a arte um processo de se exprimirem materialmente as próprias sensações de modo que outros, perante as composições feitas, tenham sensações idênticas. Pois sim, creio que é isso mas no que não creio é que a «forma» possa ser prejudicial á compreensão de um quadro.

Este, se é bem feito, se o autor sabe aquilo que quer transmitir ao seu semelhante, pode, com a «forma» transmiti-lo se tem génio ou se pelo menos for bom pintor (e só os bons fazem arte).

Pelo que acabo de expor pode ver que não acho que a «forma» possa ser prejudicial á compreensão de um quadro; penso antes que é a pintura não figurativa que se presta a confusões, pois se para o autor o quadro significa isto ou aquilo, se traduz este ou aquele sentimento, para o que observa o quadro ele pode significar qualquer outra coisa (ou mesmo nada) devido á dificuldade (ou mesmo impossibilidade) de compreender esse simbolismo.

Pergunta também como representar ideias abstractas ou factos psicológicos em pintura que não seja a moderna.

Os factos psicológicos parecem-me terem com as ideias abstractas uma boa capacidade de representação na pintura clássica e mesmo na pintura moderna que não despreza a «forma».

Ocorre-me agora um quadro de Felice Carena, «Momento da minha vida: minha mulher e eu», exposto no S. N. I. na exposição «Dez anos de pintura italiana», onde a expressão psicológica aparece, julgo eu, bem em evidência.

E além destes muitos outros quadros de modernos como Pablo Picasso. Na poesia estou de acordo consigo mas deixe que lhe lembre quanto de má poesia se tem feito nestes tempos em Portugal só porque dizendo-se moderna julga poder fazer tudo e no entanto pode ser muita coisa menos poesia.

Não sejamos optimistas nem tão-pouco pessimistas.

Há que ver aquilo que está mal ou que não satisfaz inteiramente e procurar fazer melhor.

Nós, a mocidade não vivemos com a mesma segurança nem temos tanto tempo para reflectir como a mocidade de há anos atrás e no entanto segurança e reflexão são indispensáveis seja em que época for da civilização.

Naturalmente que não pretendo o retrocesso a esses tempos. Longe disso. Somos gente moderna, da época dos foguetões e não nos podemos entregar demasiado a olhar o Passado. Temos de construir o nosso Presente e assegurar o Futuro.

Se o Passado não é facto suficiente para que lhe façamos demasiado culto a ponto de nos fazer esquecer o Presente, também não é algo que se despreze.

Há coisas que são de todas as épocas e os valores espirituais são algumas dessas coisas.

Saibamos construir o Presente sem precipitações e com reflexão e não nos entreguemos ao trabalho febril de tornar tudo diferente sem tempo de ver o que é bom e o que é mau.

O jovem moderno é o que aceita o modernismo depois de o avaliar bem e só então o adopta ou repele.

AMIGO N.º 1443

NOTA: Estas objecções não devem ser consideradas como solidárias com as opiniões do amigo 587, que nem sequer li.

M. M. J.

CONCURSO
GIGANTES DA HUMANIDADE

Este grande revolucionário da musica moderna nasceu em Oraniembaum, perto de São Petersburgo, em 1882. Tendo feito várias digressões artísticas pelo Mundo, acabou por não voltar á sua terra Natal, instalando-se em França a partir de 1914. Mudou de pátria várias vezes: de russo passou a francês e depois a americano. Hoje é cidadão americano.

O seu caso artístico é extraordinário: tendo recebido apenas algumas lições de instrumentação de Rimsky-Korsakof, a sua cultura musical foi feita inteiramente á sua custa. Assim se pode considerar como o mais acabado exemplo de autodidatismo, o mais acabado exemplo de quanto pode a vontade.

A primeira irradiação da sua obra ficou a dever-se ao êxito dos bailados russos da Companhia de Diaguilev, para a qual compôs oito bailados e três óperas. A primeira audição, em 1913, do «Sacre du Printemps» provocou um verdadeiro escandalo nos arsenais conservadores da musica.

Raro é o compositor moderno que não sofreu a sua influência, como o provam Ravel, os «Seis», Prokokief, Bartok, Falla, Hindemith, etc. Juntamente com Debussy Shoenberg é um dos musicos que mais contribuiram para o renovamento da estética e da técnica musicais.

Obras principais: «Sacre du Printemps», «Pássaro de Fogo», «Petruchka», «Sinfonia dos Salmos», etc., etc.

As respostas devem estar em Juvenil até ao dia 10 de Janeiro, acompanhadas dos seguintes elementos: nome completo, data do nascimento (os que ainda o não fizeram), morada e numero de ficheiro, no caso de já o terem. Juntamente indiquem os três artigos do «Juvenil» que mais lhes agradaram esta semana.

Além dos prémios habituais, reservaremos um, especial, para o melhor trabalho sobre o grande compositor desta semana.

O mistério da bengala de bambu (V)

Pararraios caiu no samba

Na primeira cidade onde chegaram, a Companhia de Circo Batum tomou o avião para o Rio de Janeiro, onde fazia algumas semanas de exibição. Pararraios, que desde as primeiras horas ganhara a simpatia de todos os artistas e principalmente de Batum, o chefe, foi convidado a seguir com eles no mesmo avião. Aceitou. A oposição de Basílio foi cerrada — tinha bem fresca ainda a recordação daquele desastre em que os suspensórios o haviam salvo de morte certa...

Por fim sempre se resignou. Mas a primeira coisa que fez ao sentar-se no banco móvel, foi despir o casaco e bater repetidas vezes o elástico dos suspensórios a perguntar se estavam em forma...

Enquanto o detective se abismava na meditação daquele estranho caso da bengala de bambu, o chefe da Grande Companhia de Circo aproximou-se de Basílio.

— Seu amo é um homem excepcional — disse ele.

— Isso é. Mal imagina. Só eu é que sei... — e suspirou — Um autentico génio. Repare-lhe no funil como faisca. Aquilo quer dizer que meu amo está arranjando sarilho...

— Sim, sim... Um génio... Isso mesmo é que me convinha cá na Companhia. O «Homem Génio»... Hein, está a ver o cartaz?... Acha que o seu amo aceitaria?...

— Pergunte-lho.

Basílio esperava ouvir a retórica do amo quando o outro lhe fosse com a proposta. Com grande espanto seu, porém, Pararraios teve só uma palavra:

— Aceito.

— O quê? — queria sober o Basílio — Andar pelas feiras a acender e a apagar o funil?...

— E depois? — respondeu Pararraios com um sorriso — Não achas que é uma grande atracção?

E depois a sério:

— Escuta! Trata-se de não perder de vista o macaco que tem a bengala de bambu...

Basílio abriu os olhos de espanto:

— Vejamos, meu amo. Roubaram a um sábio ianque. de origem orienta, a *máquina que faz parar o tempo*. Porque não vai antes o meu amo á procura da máquina? Porque lhe interessa tanto a pobre bengala de bambu?

— Modera a tua impaciência. Terás em breve a explicação. Até lá, segue os meus passos, que estarás sempre no caminho do dever.

Quando chegaram ao Rio de Janeiro. algo chamou a atenção do detective. sempre atento.

— Estamos a ser seguidos. — disse para o ajudante.

— Sinto uns olhos postos em mim. Repara bem, uns olhos de amendoa... Fiquemos aqui, deixemos que ele passe e segui-lo-emos nós...

Assim foi. Realizava-se na capital carioca a grande festa do samba, as ruas eram constantemente cruzadas por grupos alegres que dançavam e faziam o cordão.

— Vou cair no samba! — exclamou Pararraios com um sorriso, vendo o perseguidor-perseguido entrar num grupo folgazão.

Passados alguns minutos, o detective, o ajudante e o outro, requebravam-se no baile. Ao princípio, Eusébio Pararraios manteve-se vigilante e lucido. Mas logo a alegria, o movimento, a vertigem empolgaram-no e esqueceu tudo. Quando menos esperava, viu-se de braço dado com o perseguidor de há pouco que entoava a melodia do estribilho do samba em voga — sem perder, contudo, aquele brilho enigmático dos olhos de amendoa japonesa... Um pormenor quase insignificante chamou a atenção do detective: na lapela do oriental brilhava uma pequena bengalinha de oiro...

Quando a noite chegou, estavam arrazados.

— Mas, feliz, Basílio, isso estou. Hoje é o grande dia...

— Grande aonde?

— É hoje que vou buscar a bengala de bambu... Não te esqueças que a minha qualidade de artista de circo me dá livre transito a...

Embrenharam-se nos corredores que levavam á pista onde se encontravam as jaulas.

— Pela primeira vez na minha vida estou nervoso. — dizia Pararraios — Vou desvendar um dos maiores segredos da Humanidade...

—Veremos o que me toca a mim! — suspirou Basílio, céptico.

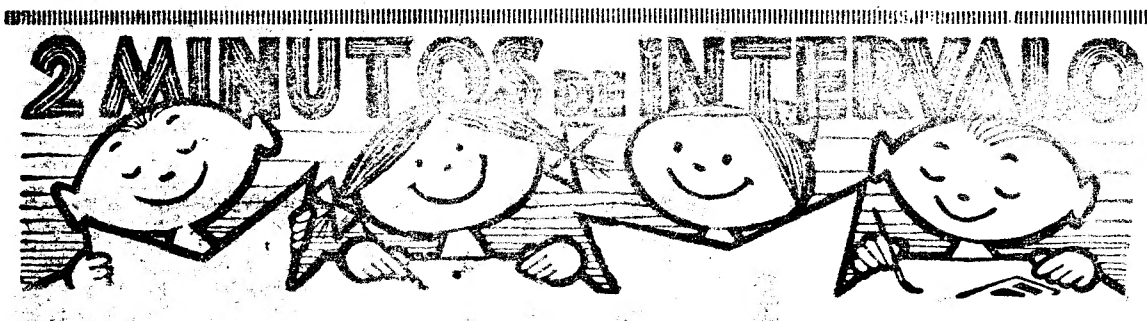
O detective tirou o frasco de clorofórmio, deitou algumas gotas no algodão. Chamaria a si o gorila, anestesiava-o — e o resto seria fácil...

Aproximou-se da jaula.

— Maldição! — exclamou.

O macaco estava caído. Um fio de sangue, saindo da fronte, ligava-o para sempre á terra.

...E a bengala desaparecera...



Uma historia de cow-boys

A cena decorre no Texas.

Um cow-boy festeja os cem anos de existência e vai ser entrevistado.

—Diga-me — pergunta o jornalista — a que atribui o senhor ter chegado a essa idade?

—Ah, bem! Suponho que ao facto de a Polícia não haver descoberto nunca o assassino de Bill Peterson!

As pedras preciosas

Substituindo os traços por letras encontrar-se-ão os nomes de algumas pedras preciosas.

Ora fica sabendo que...

Os aparelhos emissores de rádio, contidos nos satélites russos e americanos. funcionam mediante pilhas solares que captam a energia dos raios do Sol.

*

As algas podem vir a constituir uma enorme reserva de alimentação humana. Assim o afirma o dr. Hirashi Taniya, do Japão, que dá como exemplo o facto de as algas fornecerem 200 vezes mais proteínas do que a soja

*

O maior forno solar do Mundo é o que se encontra situado nos Pirenéus, em Mont-Louis. Podem-se obter nele, empregando espelhos parabólicos gigantes, temperaturas de 3.000 graus!

*

E' possível já obter gelo empregando a energia solar... Assim o diz o sábio russo Valentin Baum, membro da Academia de Ciências da União Soviética. Um refrigerador solar pode produzir 350 quilogramas de gelo.

*

A maior escadaria do Mundo fica na China. Conduz ao santuário de Tai-San e tem 6.500 metros. Para a subir gasta um bom alpinista 14 horas.

Teste de inteligência para os teus irmãos mais velhos

Dia de Natal.

Na rua, agitada como sempre, um menino (não terá mais de 12 anos) passa, carregado com o cesto da drogaria. Outro abeira-se de mim e pede um tostãozinho não sei para quê. Outro ainda, descalço, segue pela Avenida, só. Indiferente á chuva que sobre ele cai...

No entanto diz-se que é a «festa da criança». Concordas com esta expressão?

* * *

Explica o sentido do pensamento seguinte:

«Não é perfeito quem o não deseje ser mais».

* * *

Reparaste, certamente, que muitas lojas de artigos para crianças apresentavam brinquedos de inspiração bélica: canhões, tanques, aviões de combate, espingardas... Enfim, um autêntico arsenal ao alcance dos teus irmãos mais novos.

Verifiquei que alguns adultos se afastavam deles com uma grande repugnancia — enquanto outros os compravam com evidente satisfação.

A atitude dos primeiros é fácil de explicar. Ao adulto «normal» não lhe parece bem habituar as crianças á ideia da guerra (especialmente no Natal, que é a festa da paz por excelência, por ser a festa de família). Mas o comportamento dos outros! Dos que tendo tudo a perder com a guerra, brincam com a simbologia dela? Como a explicas tu? (Aprofunda esta questão o mais possível).

A bocadinhos [illegible]

As crianças, reunidas naquela tarde de Inverno, resolvem ir brincar ao Jardim Zoológico.

Uma delas dirige-se á tia e pede-lhe que vá brincar com eles, aos macaquinhos.

—Brincar aos macaquinhos, eu? Mas porquê?

—Bem, os macaquinhos eramos nós. Tu eras a senhora que lhes atirava bocadinhos de bolo e amendoins...

Seis colheres

Periquito foi ao médico, com um forte ataque de bronquite.

—Avie esta receita — diz o médico para a mãe Periquitona — e dê ao seu pequeno seis colheres do xarope por dia. Seis colheres das de sopa.

—Impossível, senhor doutor—responde ela.

—Ora essa! Porquê?

—Porque lá em casa só tenho cinco colheres...

Antologia

Um moço encontrou
dormente
serpente
que o gelo enervou.
A casa a levou
e logo
do fogo
mui perto a chegou.
A vil se animou
que em breve
da neve
o efeito acabou.
A cauda anelou;
erguendo
e torcendo
o colo, silvou.
A quem a salvou
do corte
da morte
matar intentou.
O moço tomou
pesado
machado
e ao meio a cortou.
A ingrata acabou
partida.
com a vida
seu crime expiou.
O ter caridade
é da humanidade
um sacro dever;
porém não a ter
com feras ingratas
é de almas sensatas.

(Fábula de La Fontaine, traduzida por Curvo Semedo).

Não podia ser

O Periquito foi convidado para uma festa. A certa altura, a dona da casa, vendo-o desinteressado do banquete, pergunta-lhe:

— Então não queres tomar nada?

— Não, muito obrigada — responde. — Já estou cheio.

— Então — volve a senhora — mete uns bolos na algibeira para comeres pelo caminho.

— Não pode ser.

— Porquê?

— Porque também já estão cheias.

Concurso da semana

Gente nossa

Corridinho canto eu
corridinho a saltitar
corridinho mar e céu
corridinho terra e mar...

Luzinha dos dias novos
eis a moça que eu conheço.
Lá vai com a cestinha de ovos
que há-de vender por bom preço.

Quem de tão pouco juizo
seria que não comprasse
esses ovos que embrulhasse
a pratinha de um sorriso!

Na cidade encontra par
e a linda moira encantada
desceu a serra calada
sobe-a agora a conversar.

E depois
ele e ela
(sempre os dois
de uma história sempre bela)
deixarão
pelo caminho
que lhes dance o coração
corridinho, corridinho...

Que a linda moira, vestida
de terra e luar, aprenda
que, mesmo dura, é a vida
muito mais bela que a lenda.

Teste de inteligência para os teus irmãos mais novos

A Emília recebeu no dia dos seus anos duas bonecas. Uma de trapos, os olhos dela são dois pontinhos de retrós. A outra, de borracha, ou plástico, não sei, alemã, loura, boneca preciosa. Tão preciosa que a família não deixa a Emília trazê-la ao colo e se deixa é um cuidado, uma preocupação...

— Vê lá, não partas, não agarres assim, não segures desse lado, vê lá!

Com a outra, nada disso. De modo que a Emilinha não a larga nunca, essa é a «sua filha».

Na tua opinião qual é a boneca mais feliz — a de trapos, com olhos de retrós, ou a loura germanica aristocrata?

Para ter direito aos prémios do nosso concurso da semana, basta responder, em carta, ou postal, á seguinte pergunta:

Qual a província portuguesa a que pertence a gravura que hoje publicamos?

As respostas devem estar na Redacção até ao próximo dia 12 de Janeiro de 1959.

O Manuel num dia de Verão, passava pela beira do jardim, quando ouviu chamá-lo.

— Psst, psst, meu amigo...

Uma voz fraquinha. Olhou, era uma planta, quase morta, sem forças. Sequinha...

— Que me queres? — perguntou o Manuel.

— Vem cá, aproxima-te, mal posso já falar... ...

O Manuel aproximou-se, pôs o joelho em terra, colou o ouvido á plantazinha seca...

Que pedido estará a pobre fazendo ao Manuel?

*

Explica o seguinte ditado:

«Quem o feio ama, lindo lhe parece».

O Diário de Lisboa Juvenil publica-se para ti, aos sábados

O «Diário de Lisboa Juvenil» publica-se para ti, aos sábados

CONCURSO DA SEMANA

Soluções dos Concursos do Suplemento n.º 86: I — Concurso «GENTE NOSSA»: Açores. II — Concurso «GIGANTES DA HUMANIDADE»: Moisés.

Vencedores

1. — Amigo n.º 197 — Alexandre Guerreiro (Faro).
2. — Amigo n.º 14 — António José Coelho Pessa (Leiria).
3. — Amigo n.º 6 — Maria José Valente Perfeito (Lisboa).
4. — Amigo n.º 59 — Dúnia Rosale Entrudo Viegas (Faro).
5. — Amigo n.º 1.277 — António H. Tavares e Castro (Coimbra).
6. — Amigo n.º 1.362 — Helder Rui Martins Leitão (Porto).
7. — Amigo n.º 1.273 — António V. T. Ramires (Olhão).
8. — Amigo n.º 1.299 — Carlos Manuel da Silva Duarte.
9. — Amigo n.º 1.367 — Paulo F. de Almeida (Lisboa).
10. — Amigo n.º 1.334 — António de Matos Mina (Lisboa).
11. — Amigo n.º 957 — Maria Joaquina Gabriel (Barreiro).
12. — Amigo n.º 976 — Ester da Conceição Vilão (Lisboa).
13. — Amigo n.º 1.237 — João Fernando Calado Torres (Estoril).
14. — Amigo n.º 205 — Manuel Bravo Pestana Gil.

Prémios

1 e 2: «VUZZ...», por P. A. Hourey — ultimo volume da Colecção «ARGONAUTA», de Livros do Brasil, Ld.ª.

3: «HOMENS E BICHOS», de Axel Munth — Livros do Brasil, Ld.ª.

4: «O LIVRO DAS LENDAS», por Selma Lagerlof — Livros do Brasil, Ld.ª.

5 a 9: «O CRIME DOS JUSTOS», por André Chamson — vol. n.º 86 da Colecção «MINIATURA», de Livros do Brasil, Ld.ª.

10: «A ÁSIA A CAMINHO DA EUROPA», por Frank Altheim — Colecção «ENCICLOPÉDIA» — Livros do Brasil, Ld.ª.

11 a 13: «ADEUS, MR. CHIPS», por James Milton — Colecção «MINIATURA» — Livros do Brasil, Ld.ª.

14.—«O LIVRO DAS LENDAS», por Selma Lagerlof.

PRÉMIO ESPECIAL PARA O MELHOR TRABALHO SOBRE MOISÉS

15. — Amigo n.º 265 — Maria Fernanda Brito e Silva (Sintra).

15: «A CONDIÇÃO HUMANA», por A. Malraux, e «A QUEDA», por A. Camus — Livros do Brasil, Ld.ª.

FLOR de pétalas pintadas

(A UMA AMIGA)

Porque te pintas?
Oh! tu flor,
Porque te fazes atraente?
É para chamar o amor!

Porque pintas tuas pétalas
Tão lindas elas são,
Teu ar provinciano
Que toca no coração

Queres imitar
Tuas companheiras da cidade
Que só se estão a pintar...

Tira essa pintura que tapa,
Essas tuas lindas pétalas, flor,
E deixa o vento levar o amor.

por **FILIPE ORTA** (13 anos)

Amigo N.º 1338

MARAVILHAS DO UNIVERSO

O enigma dos canais de Marte

Por MARIA HELENA DA COSTA DIAS

EM 1927, celebrou-se em Berlim, um jubileu silencioso, sem festa nem cantos. A vida não se modificou um mínimo que fosse e pouca gente sabia que, nesse dia, se celebrava o cinquentenário de uma descoberta sensacional. Meio século atrás, essa famosa descoberta fez erguer aos céus todos os olhos da Humanidade, com um entusiasmo digno de nota: Schiaparelli, nesse dia famoso, descobrira os «canais de Marte».

O astrónomo viu, destacando-se do disco rosado do astro, uma série de finas linhas escuras, irregulares, traçadas por mão omnipotente, com o auxílio de régua e compasso gigantescos. E o que viu Schiaparelli?

Uma série de finas linhas, letras de um alfabeto celeste que se entrelaçava, se combinava para traçar misteriosas imagens. Muitos meses o astrónomo ficou, de olho colado á luneta do telescópio, no observatório de Milão, com o íntimo receio, talvez, de se haver enganado. Nunca, na Terra ou noutro astro qualquer, a Natureza traçara imagens assim geométricas, tão regulares, uma rosácea de canais estabelecidos e construidos com tanto método na superfície de Marte, de polo a polo...

A ciência e a poesia deram-se as mãos para formular hipótese sobre o mistério de Marte. Talvez esses traços fossem riscados por seres sobre-humanos, pensantes, pacientes e engenhosos.

Já observadores antigos tinham descoberto esses canais e deles nasceram mapas, desenhos, globos e cartas, onde se alinhavam o planeta, tal como se apresentava aos olhos maravilhados e curiosos dos homens. Não eram os traçados geométricos de Schiaparelli, mas linhas inábeis e irregulares que o tempo amareleceu; no entanto, mostravam a maneira como os antigos viram esses canais; um círculo representava o planeta; no meio desse círculo, uma faixa negra — a primeira singularidade que olhos humanos descobriram sobre o tão falado planeta Marte. As lentes foram-se aperfeiçoando nos aparelhos e essas linhas modificaram-se; mas a faixa negra permanece, agora mais alargada com a forma de uma enorme baía. A ela convergem os diversos canais que enchem a superfície do planeta. Cada um deles recebeu um nome de baptismo, sonoro e poético: Mar das Sereias, Mar do Sol; ilhas variadas, com nomes que lembram as viagens de Ulisses...

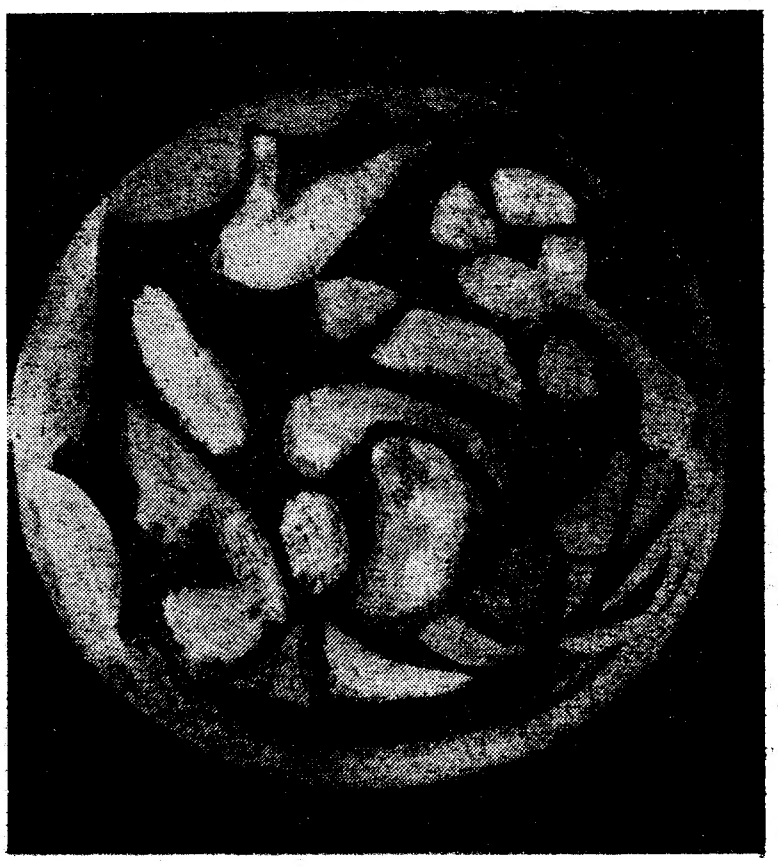
O astrónomo Hall descobriu as duas luas de Marte que baptizou de «Espanto» e de «Terror», mas, apesar de tão terríveis designações, elas têm permanecido inofensivas e insignificantes. «Espanto» é um satélite anão que, visto de Marte, deve apresentar grande beleza. Como a nossa lua, muda de fase, periódicamente. Numa só hora, os Marcianos vêem uma das luas correr duas vezes o seu firmamento. Mas «Terror» é ainda mais pequeno, situado duas vezes e meia mais longe do planeta-mãe. Não é mais brilhante para Marte do que Vénus é para nós.

Serão, os canais de Marte, uma ilusão de óptica? Mas porque vários astrónomos, em pontos diversos do Globo e em épocas diferentes, tiveram a mesma ilusão óptica?

Elucidar este problema tem um interesse enorme; poderá fazer admitir a presença de habitantes sobre Marte, que pudessem ter construido tais canais. E a negar-se esta possibilidade, então ficaria por terra a suposição de o planeta ser habitado por seres semelhantes a nós, mais ou menos, claro está.

Mas é curioso, de qualquer modo, conhecer um pouco mais deste estranho planeta. Assim como a Terra gira em volta do seu eixo, alferas. O ar é muito rarefeito, mais ainda do que no alto das nossas montanhas. Embora Marte seja muito semelhante á Terra, porque está mais afastado do Sol, é mais frio. E' mais pequeno oito vezes que a Terra, o seu diametro apenas mede metade do nosso; ali um homem terreno que pese 70 quilos ternando os dias e as noites, com intervalos idênticos aos da Terra; as estações seguem talqualmente no nosso planeta; a neve e o gelo cobrem-lhe as regiões polares, até que o Sol, aquecido pelo Verão, os faz fundir e diminuir as zonas brancas. A própria atmosfera é semelhante á nossa, se bem que todas as pesquisas para descobrir o oxigénio tinham resultado infrutíapenas tem 26 (sem regime alimentar), os elefantes podem saltar como gazelas (se lá pudessem chegar). Estas diferenças fazem de Marte um mundo estranho. Mas a grande diferença é que não existem ali oceanos, pois nunca o Sol se reflectiu nos seus mares, o que não escaparia aos telescópios bisbilhoteiros. Os seus unicos depósitos de agua serão, certamente, os seus gelos e a neve dos polos. Como poderia esta água chegar aos campos? Por meio de canais, dirão vocês. Pois bem, muitos sábios têm pensado o mesmo, para explicar esses misteriosos traços geométricos, uma possível rede vastíssima de irrigação.

Pena é que os homens se inclinem para a ilusão de óptica!...

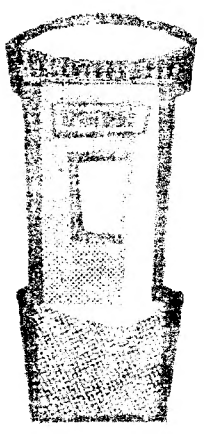


DIARIO DE BORDO

Em primeiro lugar, os nossos agradecimentos a tantos, tantos Amiguinhos que nos mandaram as Boas Festas. De todo o País, de Norte a Sul, os votos amigos dos jovens leitores do «JUVENIL» vieram até nós. Para nos aquecer. E' de todo o coração que desejamos aos nossos jovens Amigos um Ano Novo cheio de prosperidades.

Maria Guilhermina Claro Lobato (Barreiro) — Recebemos o livro colorido. Não achas que foi um bocado bem passado? Espero a tua carta.

Amigo António Bandeira (Faro) — Afinal, onde resides? Manda dizer para onde queres que te mandemos o livro.



Amigo n.º 403 — J. A. Folga da Silva (Lisboa) — De novo o teu postal chegou atrasado para o concurso. Como arranjas tu isso?

Amigo n.º 625—Maria Teresa de Oliveira Lemos (Lisboa — A tua carta veio com atraso. Repara na nova data de entrega das respostas.

Amigo n.º 29 — José Miguel da Silva Santos (Fuseta) — Recebemos o trabalho sobre Augusto Gil.

ATENÇÃO

Por falta de espaço não publicamos hoje as notícias da secção «INTERCAMBIO JUVENIL» — o que faremos para a semana.

TROTE

Os Cavaleiros da Távola Redonda

Mais uma iniciativa do Juvenil

Todos os nossos amigos sobre uma nova iniciativa do «Juvenil»: a publicação, em folhetins, a partir de próximo número, do empolgante e maravilhosa história «OS CAVALEIROS DA TÁVOLA REDONDA», escrita por [illegible] Sobral.

[illegible] mais novos, a quem dedicamos [illegible] «JUVENIL», ficarem [illegible] não com a leitura [illegible] melhor.

Até para a semana.

A VIDA EM ROMA

Eis uma bela novidade: acaba de sair a tradução portuguesa de «A VIDA QUOTIDIANA EM ROMA NO APOGEU DO IMPÉRIO», da autoria de Jerôme Carcopino. E' mais um volume da já célebre colecção editada por Livros do Brasil, Ld.ª — «A VIDA QUOTIDIANA».

Desta vez, acompanhados por um cicerone cultíssimo, os nossos jovens leitores poderão visitar Roma no seu período áureo de extensão — as suas casas, as suas ruas, as suas grandezas e misérias; conhecerão a vida familiar — o casamento, a situação da mulher e das crianças, a educação, a cultura, as crenças; depois assistirão ao desenrolar da vida quotidiana desde o levantar e o preparo matinal, ás ocupações, espectáculos, o passeio, o banho lo fim do dia e o jantar. Enfim, um belo livro que todos os nossos leitores devem conhecer.

FLASH

Catorze tostões...

As livrarias naquela altura não lhes digo nada. Era uma barafunda, um tal movimento...

Há três lojas que gosto de ver cheias até á porta: padarias, livrarias e casas de brinquedos. E não vale a pena explicar porquê.

Ora pois as livrarias cheias e eu contentissimo. Eu até sem estar interessado em nenhum livro, apenas para sentir a alegria das mães que buscam, dos braços que apertam um livro ao coração...

Nisto começo a prender-me áquela figurinha insignificante que pára aqui e ali, se aproxima de uma estante e de outra, desta banca e daquela. A Livraria Portugal, cheia. Quando a menina se abeira esperançada de um adulto, já ele vai com muita pressa direito a outra estante, a outra secção. Isto repete-se algumas vezes. Até que me descobre. E ao descobrir-me soube que eu era quem ela procurava. E perguntou-me:

—Olhe, o senhor sabe onde são os livros de pintar?

—E' lá em cima. Queres que eu vá contigo?

—Pois.

—Lá em cima, o mesmo bulício.

—E' acolá.

—Venha comigo... Olhe, vê aí algum que custe catorze tostões?

—Talvez. E' uma questão de procurar.

—Sim...

Revolvo o escaparate. Este não, nem aquele. Muito caros. Mas que lindos! Eu próprio não garanto que, se apanhasse á mão uns lápis de cor...

—Não encontra nada de catorze tostões? — insiste a pequenina.

—Espera, por enquanto não. Estou a ver. Mas há, com certeza.

—Sim?

—Pois. Um bocadinho só e já vês.

Volto a procurar, com frenesi. Enervo-me. Começo a revoltar-me contra aqueles albuns tão interessantes, e tão caros. Atiro-os para longe de cada vez que lhes leio os escudos escritos na contra-capa. O tempo a passar. E de quando em quando um esticão na minha aba do casaco:

—Então, não encontra nada por catorze tostões?

—O que são catorze tostões?

—São estes que tenho aqui.

Tem-nos arrochados na mão. Uma moeda de cinco tostões e mais outras quatro de dois e mais uma de tostão. Uma nova pesquisa, mais demorada, mais trabalhosa, não resulta. Já revolvi a banca até ao fundo.

—Aqui está! — grito, triunfante.

Entrego-lhe o album. A menina fica maravilhada, não sabe que fazer aos olhos, se os dê só ao livro, se os ponha nos meus, a prescrutar.

—Olhe lá, isto custa catorze tostões?

—É.

—Estes?

—Esses mesmo. Dá-os cá para eu pagar.

As moedas estavam quentes...

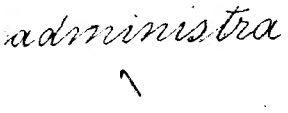
MANUEL AGRA

Curso elementar de estenografia

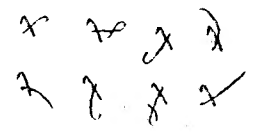
por Natália da Fonseca

Na continuação do nosso estudo das abreviaturas estenográficas, vamos hoje apresentar algumas para o «caderno de abreviaturas» dos nossos amigos.

Abreviatura-base:

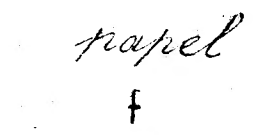


Abreviaturas derivadas:



Da esquerda para a direita: Administrador, administração, administrar, administrava, administra, administramos, administraste, administrando.

Abreviatura-base:



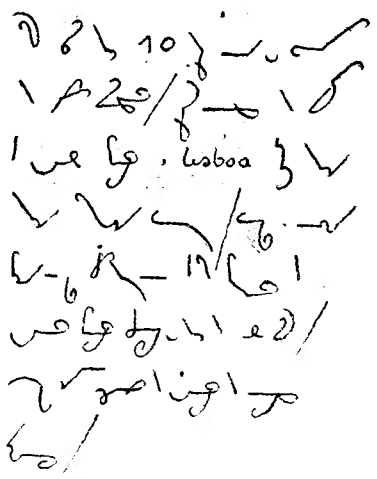
Abreviaturas derivadas que os alunos devem escrever a partir desta abreviatura-base: papelaria, apeladas, empapelar empapelando, empapelara, empapelaste.

Exercício para os nossos amigos estenografarem para aplicação dos sons já aprendidos:

«As forças de destruição atingiram, nos tempos em que vivemos, um tão elevado poder, que se fala hoje na possibilidade do desaparecimento da vida sobre terra. Estranho progresso este que leva assim ao maior dos retrocessos!

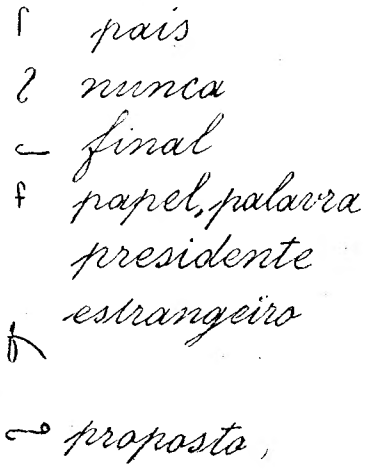
Que os homens se entendam. E que o ano que principia agora seja um ano de paz e de concórdia.»

Correcção do exercício anterior:



Tradução: «Tive no dia 10 deste mês o prazer de receber notícias tuas. Gostei muito de saber que vinhas passar a Lisboa alguns dias das tuas férias. Falei com meus pais e eles concordaram em que te pedisse que viesses passar comigo o dia de Ano Novo. Teremos assim ocasião de conversar, de matar saudades».

Outras abreviaturas:



NOTAS DE LEITURA

Um pintor e um dançarino

Na advertência-prefácio á sua biografia sobre o grande pintor do Moulin-Rouge, Lawrence e Elisabet-Hanson escreveram:

«Embora Toulouse-Lautrec tenha morrido há mais de cinquenta anos, não existe ainda em lingua inglesa um relato da sua vida e obras que seja ao mesmo tempo exacto e ameno. Julgámos fazer um trabalho dessa ordem, nem que fosse senão para reduzir ao seu justo valor as lendas que se criaram em volta do nome do artista — largamente conhecido como o feio anão que frequentava os divertimentos de Montmartre, o homem que viveu durante anos nos lugares de esturdia de Paris, o apaixonado sem esperança de uma mulher misteriosa, o pintor de assuntos invariávelmente repulsivos, um dos melhores desenhadores do Mundo, e assim por diante através de uma quantidade espantosa de verdades, mentiras, inverosimilhanças e exageros. O cuidado que tivemos foi, dentro do que nos era possível, separar a realidade da ficção, tentar expor, por exemplo, o parentesco entre o desenhador e o esturdio, o aristocrata e o autor de cartazes; e, acima de tudo, contar a história do homem».

Este intento foi em grande parte realizado na obra a que nos estamos referindo (1). Para isso muito contribuiu a generosa disposição com que os autores se debruçaram sobre o infeliz pintor. Não se atinge a verdade sem boa-vontade e compreensão. Os nossos jovens leitores por si mesmos o verificarão ao depararem com os variados retratos que de Toulouse-Lautrec fizeram os seus contemporaneos, retratos onde sobrava o despeito, a animosidade, a falta de generosidade, o desprezo pela convivência humana. Quando o infeliz artista foi internado numa casa de saude, as rãs, nos charcos, aproveitaram a oportunidade para coaxar o seu canto vingativo. Nessa altura, Alexandre, amigo dedicado do pintor, soube responder-lhes com um magnifico e compreensivo retrato do companheiro, publicado em *Le Figaro*.

Ao que me parece, o defeito deste trabalho sobre Lautrec reside apenas em se ter concedido demasiada força ás explicações de tipo individualista no que respeita quer á vida dissipadora do artista, quer á sua preferência por determinados temas de arte. Por que razão outros artistas levaram, na mesma época, a mesma vida — como espécie de terrível evasão social, e escolheram os mesmos temas — como espécie de reacção contra um meio que lhes era hostil? As preferências pessoais do artista explicam apenas uma parte do problema; são as contingências sociais que explicam o resto.

«A vida de Nijinsky», de Françoise Reiss, está nas mesmas condições e fornece-nos uma excelente e quase completa visão do que foi a vida do genial bailarino e corégrafo, outro grande revolucionário da Arte.

Dois livros cuja leitura aconselhamos aos nossos leitores maiores de 17 anos.

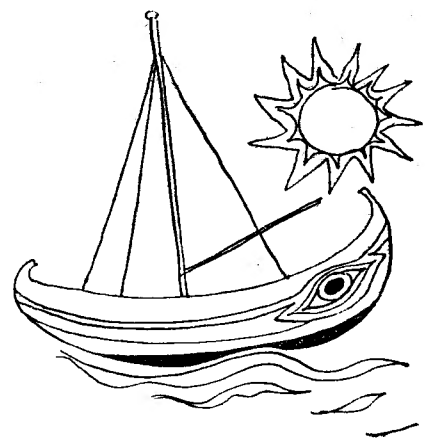
(1) «A vida de Toulouse-Lautrec», por Lawrence e Elisabeth-Hansen, e «A vida de Nijinsky», por Françoise Reiss — Edições de Estudios Cor, na coleção «Destinos». Lisboa, 1958.

AUGUSTO DA COSTA DIAS

7 breves canções marítimas

por João Cesar Santos

à Marie Thérése Villamana



1

O marinheiro tece redes
no cais tardio
em que vagueio

2

Nos teus seios líquidos
banhou-se a pomba
num voo lento de mármore

3

As velas gráceis
balbuciaram em teu rosto
as brisas salinas da tarde

4

Ao longe o barco de cobre
trará promessas e funerais
ao dia detido
no meu movimento melancólico

5

Sereias nuas de prata e estanho
haverá peixes que se abram em rosas
e rosas devoradas nas rotas por gaivotas

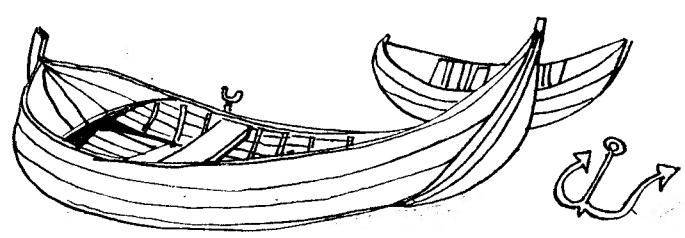
6

Mar de pranto teu canto é bruma silente

7

Mar de segredos
descobrindo nas praias
finos arvoredos
que força de lanças
e archotes ignorada
nos pertence a nós homens
colados a teu ventre
indivisível
por um sonho remoto
de gigantes

João Cesar Santos



Duas novidades

Na colecção «Os Livros das Três Abelhas» acabam de sair dois livros de bastante interesse: «Despedida Breve», de José Augusto França, e «Uma Vida», de Guy de Maupassant.

Os nossos leitores maiores de 17 anos conhecem já a genial personalidade do grande escritor; saberão, pois, apreciar o valor desta sua apresentação em língua portuguesa. De certo conhecerão menos bem o português José Augusto França.

José Augusto França tem tido larga actividade de crítico e ensaista, sobretudo nos campos do cinema ou da estética. Aí há que assinalar as suas obras seguintes: «Amadeu de Sousa Cardoso» (estudo crítico), «Balanço Surrealista» e «Charlot, le self-made myth».

Mas a sua actividade assinala-se, também, com relevo, na ficção. Escreveu um romance «Natureza Morta» e o actual livro de contos «Despedida Breve», onde o seu autor revela uma segura arte de narrar.

Desta maneira, continua a Colecção «Os Livros das Três Abelhas», editada por Publicações Europa-América, a cumprir o seu programa de reunir, em livros de preço acessível, grandes clássicos e autores modernos.

«Uma Vida» e «Despedida Breve» são indicadas para os nossos leitores maiores de 17 anos.